

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social (EICOS)

ANA LÚCIA AZEREDO COUTO

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO ATRAVÉS DO DISCURSO DE IDOSOS

Rio de Janeiro

2008

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO ATRAVÉS DO DISCURSO DE IDOSOS

ANA LÚCIA AZEREDO COUTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), como requisito para obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Prof. Dr. Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Rio de Janeiro

2008

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO ATRAVÉS DO DISCURSO DE IDOSOS

ANA LÚCIA AZEREDO COUTO

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor.

Aprovada por:

Prof. Dr. Maria Lúcia Rocha-Coutinho - Orientadora

Prof. Dr. Maria Helena Novaes

Prof. Dr. Ligia Auxiliadora de Oliveira Py

Prof. Dr. Sára Nigri Goldman

Prof. Dr. Ruth Barbosa

Rio de Janeiro

2008

Couto, Ana Lúcia Azeredo.

O processo de envelhecimento através do discurso de idosos/ Ana Lúcia Azeredo Couto. Rio de Janeiro: UFRJ/Programa EICOS, 2008.

x, 199 f.: il.

(Tese) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, 2008.

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

1. Velhice. 2. Discurso. 3. Psicossociologia. I. Rocha-Coutinho, Maria Lúcia (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social. III. Título.

GRATIDÃO TRANSBORDANTE

Às minhas mestras

Maria Lúcia Rocha-Coutinho, mestra orientadora, a quem sou imensamente grata por me acompanhar desde o mestrado, demonstrando disponibilidade carinhosa e irrestrita e iluminando caminhos para a superação das dificuldades vividas ao longo deste percurso.

Ligia Py, a quem ousou chamar de mestra-mãe, por me acompanhar amorosamente desde os primeiros passos nos estudos do envelhecimento. Orgulho imenso por fazer parte de sua tribo.

Às professoras da Banca Examinadora, que me dão o privilégio de suas presenças.

Maria Helena Novaes, cujas reflexões se tornaram imprescindíveis à realização deste estudo.

Sára Nigri, cuja presença desde o mestrado fortalece a perspectiva interdisciplinar que norteia este trabalho.

Ruth Barbosa, que me introduziu no estudo do envelhecimento na época da graduação, marcando meu primeiro contato com o tema.

Aos **idosos entrevistados**, agradeço por aceitarem o convite do encontro, contribuindo, generosamente, para este trabalho.

Aos **meus pais**, gratidão eterna, por proporcionarem as condições necessárias para a continuidade de meus estudos e partilharem comigo os momentos difíceis e as vitórias acumuladas durante minha vida.

A **Poli**, minha irmã, muito obrigada por ser a ponte que me conduziu à maioria dos entrevistados.

Dedico aos idosos que encontrei no
Projeto de Valorização do Envelhecer (PROVE),
onde tudo começou.
Projeto vivo em minhas lembranças e eternizado em meu fazer.
Saudade.

COUTO, Ana Lúcia Azeredo. *O processo de envelhecimento* através do discurso de idosos. Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho. Rio de Janeiro: UFRJ/EICOS, 2008. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social).

RESUMO O propósito deste trabalho é investigar o envelhecimento humano, a partir da visão do processo por pessoas idosas. A abordagem teórica do tema baseou-se em de três perspectivas principais: a abordagem complexa do envelhecer, a abordagem psicossocial do sujeito e a abordagem dialógica do discurso. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, em que foram realizadas entrevistas semidirigidas com 11 pessoas idosas, homens e mulheres, casados e viúvos, de 75 anos ou mais. Os textos resultantes da transcrição integral das entrevistas foram submetidos a uma análise de discurso a partir das seguintes categorias: Experiência de Envelhecer; Sociedade, Lazer e Amigos; Família; e Aposentadoria. Nossos dados apontam para o fato de que, de modo geral, o envelhecimento tende a ser vivenciado com sofrimento, sendo freqüentemente associado à limitação física e à perda de vigor e dependência. Embora a sociedade atual, segundo os entrevistados, reserve aos velhos pobres e doentes um sentimento de desprezo, ela vem destinando hoje, aos idosos com melhores condições econômicas e de saúde, um espectro cada vez mais amplo de atividades sociais e recursos médicos cada vez mais avançados. Apesar disso, a maioria dos entrevistados afirmou passar seu tempo livre em casa, devido a limitações físicas, medo da violência e redução do seu círculo de amizades. Todavia, há aqueles que procuram se engajar em novas atividades sociais e construir novos círculos de amizade. Na esfera da família, o crescimento dos filhos e/ou a morte do cônjuge parece trazer, em geral, um sentimento de desamparo e solidão. Contudo, há aqueles que vivenciam essas transformações como uma libertação das obrigações familiares. A aposentadoria própria ou do cônjuge também desperta posturas variadas. Por alguns desses idosos, ela é experimentada de forma negativa, representando a ausência de projetos sociais. Outros, por sua vez, vêem essa fase como o momento de realizar atividades há muito almejadas. Com base na análise empreendida, pode-se observar que a conotação negativa conferida ao envelhecimento é uma constante. Mas determinados eventos associados a essa fase da vida são vivenciados de formas específicas e geram posturas particulares, que vão desde lamentação, medo, amargura, frustração, combate e fuga até posturas de aceitação, superação e compensação de perdas através de novas aquisições. Assim, a análise empreendida fez emergir a complexidade e riqueza das histórias de vida em que diferentes possibilidades de ser e agir diante do próprio processo de envelhecimento se multiplicam, inseridas na história coletiva de uma sociedade em que a velhice é negativamente representada.

COUTO, Ana Lúcia Azeredo. *Visões sobre o processo de envelhecimento: um estudo do discurso de idosos*. Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho. Rio de Janeiro: UFRJ/EICOS, 2008. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social).

ABSTRACT The main purpose of our study was to investigate human ageing from the perspective of aged people. The theoretical approach to the theme was based on three main perspectives: the complex approach to ageing, the psychosocial approach to subjectivity and the dialogical approach to discourse. We interviewed 11 old people from the south area of Rio de Janeiro, male and female, married and widowed, aged over 75. The interviews were semi-directed and they were all tape-recorded and fully transcribed. The resulting texts were then submitted to a discourse analysis according to the following categories: Ageing Experience; Society, Leisure and Friends; Family; and Retirement. Our data revealed that, in general, ageing tends to be experienced by these elderly people with distress, a feeling that was frequently associated to physical limitations, loss of vigor and dependency. According to them, although contemporary society despises poor and sick elderly people, those that are healthy and have better economic conditions have, nowadays, a wider spectrum of social activities and more advanced medical care. Despite that, most of them affirmed that they spend their free time at home, due to physical limitations, fear of violence, and reduction of their friendship circle. However, there are some who try to engage themselves in new social activities and to construct a new friendship circle. Regarding family relations, the growth of their children and/or the death of their companion seem to bring feelings of abandonment and solitude. Some, though, experience these transformations as the fulfillment of family obligations. Their own retirement or their companion's retirement also brings distinct reactions. For some this is negatively regarded, since it represents the absence of social projects. Others, on the other hand, believe that this is the moment to engage in activities they have always wanted to and never had the time. We might say, then, that, in general, ageing has a negative connotation for the elderly people interviewed. Besides, some special events related to this phase of their lives are experienced in very specific ways, generating particular attitudes that range from complaint to fear, distress, frustration and escape, but also to attitudes of adaptation, surmounting of difficulties and compensation of losses through new acquisitions. Thus, our analysis brought to light the complexity and richness of these elderly people's life stories in which different possibilities of being and acting before their own process of ageing multiply themselves, inserted in the collective history of a society in which ageing is negatively represented.

SUMÁRIO

	p.
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
INTRODUÇÃO	01
1. NOTAS SOBRE O DISCURSO DO SUJEITO COMPLEXO	07
1.1 UMA ABORDAGEM COMPLEXA DO ENVELHECER	07
1.2 UMA ABORDAGEM PSICOSSOCIAL DO SUJEITO	12
1.3 UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DO DISCURSO	16
2. ENVELHECIMENTO: NATUREZA E SUBJETIVIDADE	21
2.1 O ENVELHECIMENTO COMO FENÔMENO NATURAL	21
2.2 O SUJEITO E A TRANSCENDÊNCIA DA NATUREZA	28
3. ENVELHECIMENTO: SABER E SUBJETIVIDADE	35
3.1 O ENVELHECIMENTO COMO OBJETO DO SABER	35
3.2 A SUBJETIVIDADE COMO OBJETO DE CONHECIMENTO	47
4. ENVELHECIMENTO: CULTURA E SUBJETIVIDADE	51
4.1 O ENVELHECIMENTO COMO FENÔMENO CULTURAL	51
4.2 SUBJETIVIDADE E TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS	57
5. PESQUISA DE CAMPO	62
5.1 FUNDAMENTOS PARA INVESTIGAÇÃO	62
5.2 PESQUISA DE CAMPO	66

6. ANÁLISE DOS DISCURSOS	68
6.1 O DIZER DE ELEN	69
6.2 O DIZER DE IRACI	81
6.3 O DIZER DE IONÁ	92
6.4 O DIZER DE EDNA	102
6.5 O DIZER DE ESTER	111
6.6 O DIZER DE LEONEL	121
6.7 O DIZER DE FRANCISCO	131
6.8 O DIZER DE NAIR	140
6.9 O DIZER DE ALDIR	150
6.10 O DIZER DE GILDA	158
6.11 O DIZER DE MAURO	170
6.12 TECENDO DIZERES	179
CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	187

INTRODUÇÃO*

Nesta pesquisa busco melhor entender a questão do envelhecimento humano, através da visão de idosos acerca do significado do processo de envelhecimento e da experiência de envelhecer.

Mais especificamente, objetivo, a partir da identificação de sistemas ideológicos subjacentes aos discursos proferidos por idosos:

- apontar aspectos fundamentais da constituição da subjetividade da pessoa que envelhece, enfocando, em especial, o momento de sua história em que ela é exigida a rever a imagem idealizada de si e confrontá-la com a realidade de sua condição de idoso;
- captar alguns significados que conduzam a novas formas de entender e representar a velhice e o envelhecimento na sociedade brasileira contemporânea.

Com o surgimento da Geriatria e da Gerontologia, no início do século XX, a velhice se transformou em objeto de estudo e de intervenção científica. Desde então, em particular nas últimas décadas, assistimos a um processo em que o assunto começou a ganhar um progressivo valor acadêmico e passou a ser uma questão extensamente debatida no campo científico devido, em grande parte, aos impactos gerados pelo fenômeno do envelhecimento da população mundial e, conseqüentemente, aos significados da velhice e do processo de envelhecimento em nossa sociedade.

* A formatação desta tese obedece aos critérios estabelecidos pelo *Publication Manual of American Psychological Association* (5ª Edição, 2001).

Meu interesse por este tema ganhou corpo ao longo de minha graduação no Curso de Psicologia, mais especificamente a partir de 1997, quando iniciei estágio curricular no Projeto de Valorização do Envelhecer (PROVE), no Instituto de Neurologia Deolindo Couto, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em função das experiências ali adquiridas com idosos e da participação, por dois anos, no Programa de Formação de Recursos Humanos em Gerontologia, aumentou meu interesse em continuar pesquisando questões relevantes surgidas ao longo do processo e que culminaram nesta tese de doutorado.

Venho esboçando o estudo sobre a constituição de discursos científicos acerca de questões relacionadas ao envelhecimento humano desde a monografia de final de curso de graduação em Psicologia (Couto, 1999), cujo objetivo fora comparar, através de pesquisa bibliográfica, elementos tradicionais e contemporâneos do discurso geriátrico. Nesse trabalho, observei que a produção geriátrica vem apresentando, na atualidade, uma abertura para perspectivas que se diferenciam daquelas da medicina tradicional.

Das observações e insuficiências detectadas no trabalho monográfico, surgiu o embrião de minha dissertação de mestrado (Couto, 2003). Nessa pesquisa, em que realizei entrevistas semi-dirigidas com geriatras, encontrei elementos tanto de uma concepção tradicional, que associa a velhice à doença, e de uma definição convencional que encerra a velhice em limites cronológicos, quanto de uma nova perspectiva, que concebe a velhice como uma fase normal da vida em que a intervenção médica deve se voltar, assim, para a promoção da saúde do idoso. É interessante observar que essas concepções se revelaram através de uma série de divergências e contradições nos discursos dos geriatras entrevistados. Tal fato pode estar apontando para um processo de desconstrução de antigos conceitos preconceituosos sobre o envelhecer. Parece que os geriatras pesquisados empenharam-se em reconstruir novos dizeres que se propõem não preconceituosos.

Enquanto os esboçam, ora retornam, conscientes ou não, para a segurança de conceitos tradicionais, ora ousam ensaiar novos dizeres.

Até o mestrado, me dediquei ao estudo dos discursos de especialistas na área do envelhecimento. Contudo, novos questionamentos surgiram e me conduziram a este trabalho, em que os próprios idosos tiveram espaço para falar sobre a velhice e sobre si mesmos. Não se trata de dar voz aos idosos, pois eles têm sua própria voz. Trata-se de criar meios de escutar o que têm a dizer e refletir sobre seus discursos.

Neste estudo, parto do ponto de vista de que os significados da velhice e do processo de envelhecimento são gerados pelo contexto sociocultural, que varia de indivíduo para indivíduo e se altera ao longo da vida de uma mesma pessoa, em diferentes momentos de sua história.

Considerando-se o contexto cada vez mais individualista em que vivemos e a institucionalização do curso de vida que caracterizam as sociedades contemporâneas ocidentais, cada etapa na vida de uma pessoa é vivenciada como um momento crítico, especialmente quando se vive a transição da maturidade para a velhice. A sociedade atual elabora uma teia de significados para dar conta desta etapa da vida, ora reforçando uma visão estigmatizante do envelhecimento, ora questionando esse mesmo estigma, o que parece apontar para o fato de que estamos atravessando um momento de intensas transformações culturais.

Contudo, independente dos novos modelos de percepção da realidade e de ação que vêm surgindo no discurso social para dar conta daqueles que envelhecem, não podemos nos esquecer de que há alterações orgânicas decorrentes do próprio processo de envelhecimento do corpo. Com o avançar da idade, aumenta a incidência de doenças crônico-degenerativas, que, geralmente, estão associadas a incapacidades físicas e

intelectuais, de maior ou menor grau, resultando, muitas vezes, no desenvolvimento de uma dependência que pode gerar uma série de limitações para o idoso.

Com este enfoque, entrevistei idosos, de ambos os sexos, e analisei os significados atribuídos à velhice e ao processo de envelhecimento em seus discursos. Todos os entrevistados tinham idade igual ou acima de 75 anos e nenhum deles apresentava uma incapacitação física ou intelectual que compromettesse significativamente a execução das atividades de vida diária. Optou-se por esta faixa etária porque, em geral, o declínio biológico torna-se mais intenso nesta fase do que em fases anteriores, podendo gerar, assim, uma maior incidência de limitações de suas atividades cotidianas, ainda que brandas.

A reflexão proposta neste estudo orientou-se a partir de três abordagens que considero fundamentais e que serão desenvolvidas na parte teórica deste trabalho: a abordagem complexa do envelhecer, a abordagem psicossocial do sujeito e a abordagem dialógica do discurso.

Com base nessas abordagens, apresentei o tema do envelhecimento sob quatro perspectivas:

1. como fenômeno biológico e universal, decorrente de um processo de mudanças anatômicas e funcionais que determina uma progressiva diminuição da capacidade de adaptação e uma maior vulnerabilidade ao adoecimento físico;
2. como objeto do conhecimento científico, assumido por uma comunidade de especialistas que detém o poder de pensar a velhice e intervir no processo do envelhecer;

3. como fenômeno sociocultural, instituído na medida em que a sociedade prescreve os comportamentos apropriados para cada uma das diferentes etapas da vida;
4. e, finalmente, como fenômeno psicológico, vivência permanente que orienta o sujeito num destino singular, construído conforme diferentes modos de subjetivação.

A articulação dessas perspectivas permite uma compreensão mais ampla do tema do envelhecimento, ao focar a pessoa que envelhece sob um triplo aspecto: como animal, é natureza; como suporte de um processo constante de manejo da natureza e dela própria, é cultura; abrangendo e transcendendo a natureza e a cultura, é subjetividade.

O trabalho está dividido em seis capítulos. No Capítulo 1 – *Notas sobre o discurso do sujeito complexo* – apresento as abordagens que fundamentam o estudo, a saber: o paradigma da complexidade, a psicossociologia e a abordagem dialógica do discurso. Com essa apresentação preliminar, objetivo delinear um esquema de referências que orientem a análise subsequente. No Capítulo 2 – *Envelhecimento: natureza e subjetividade* –, ocupo-me em apresentar algumas transformações físicas que o envelhecimento impõe ao organismo humano para, a partir de então, refletir sobre os processos psíquicos na confrontação entre o corpo real e o corpo idealizado. O Capítulo 3 – *Envelhecimento: saber e subjetividade* – destina-se a uma discussão sobre o processo histórico que aborda o envelhecimento e o sujeito que envelhece como objetos do saber e, mais recentemente, como objetos do saber gerontológico e geriátrico. No Capítulo 4 – *Envelhecimento: cultura e subjetividade* – realizo uma reflexão sobre como nossa cultura simboliza e reage ao envelhecimento, bem como sobre o papel do sujeito que envelhece nas transformações sociais. O Capítulo 5 – *Pesquisa de Campo* – destina-se ao esclarecimento dos pressupostos e procedimentos metodológicos da pesquisa empreendida.

Finalmente, o Capítulo 6 – *Análise dos discursos* – apresenta a análise dos dados discursivos coletados¹.

¹ O sexto capítulo possui uma densidade maior do que os demais, pois esta Tese se centra na pesquisa de campo.

1. NOTAS SOBRE O DISCURSO DO SUJEITO COMPLEXO

*Se procurar bem você acaba encontrando.
Não a explicação (duvidosa) da vida,
Mas a poesia (inexplicável) da vida.*

Carlos Drummond de Andrade*

1.1 UMA ABORDAGEM COMPLEXA DO ENVELHECER

Atualmente, temos presenciado uma série de transformações que geram impacto sobre o paradigma que sustenta o pensamento moderno (Bauman, 1999; Hall, 2000; Trein, 1996). Saberes, relações e identidades instituídos na modernidade são hoje questionados.

Mas qual é o sentido dessas transformações? Para uma melhor compreensão delas, apresento, inicialmente, uma breve análise sobre a modernidade para, em seguida, refletir sobre as mudanças que singularizam a sociedade contemporânea, quando ganha relevo o paradigma da complexidade.

A sociedade moderna, através da diversificação e ampliação dos canais de informação, apresenta como tendência uma maior proliferação de perspectivas. Assim, ela se torna mais complexa e heterogênea, quando comparada às sociedades pré-modernas (Velho, 1981).

Contudo, o pensamento moderno concebe a complexidade e a heterogeneidade como elementos caóticos, que tornariam conflituosas as relações e confuso o conhecimento

* Em <http://www.fabiorocha.com.br/drummond.htm>.

(Bauman, 1999). A fim de melhor lidar com esse caos e tornar a realidade cognoscível, foi desenvolvido o paradigma da purificação, ou paradigma da simplificação do complexo, baseado no princípio da separação e classificação. Uma consequência dessa tentativa de simplificação foi a divisão do conhecimento em campos, como a física, a biologia e as ciências humanas. Surgem classificações que passam a habitar a fala cotidiana, sob a forma de dualismos, tais como aqueles ligados à idade (juventude e velhice), ao gênero (masculino e feminino), ao valor (bondade e maldade) e ao juízo (racional e irracional), entre outros (Rocha-Coutinho, 1995).

Trata-se, portanto, da criação de mecanismos discriminatórios que consistem em conferir às coisas e aos indivíduos um significado que consiga abarcar o que devem ser ou vir a ser. Nesse sentido, categorias são impostas, cabendo aos indivíduos aceitá-las e identificarem-se com elas a fim de serem reconhecidos e de se reconhecerem (Goffman, 1988).

É interessante observar que as forças sociais e históricas que contribuíram para essa separação não são reveladas. As diferenças e limites entre essas categorias, embora arbitrariamente estabelecidos, são apresentados como naturais e universais (Bourdieu, 1996).

A fragmentação do mundo, imposta pelo paradigma da simplificação, vem acompanhada de relações de força entre as diferentes categorias/classificações instituídas. Segundo Bauman (1999), há uma relação de poder entre as partes dicotomizadas. Para o autor, o poder está sempre de um dos lados, ao passo que o outro lado é suprimido, degradado, exilado. Portanto, os membros dos pares não são vistos apenas como diferentes. Para Rocha-Coutinho (1995), essas diferenças são encaradas como deficiências. Assim, a juventude se torna positivamente representada, em detrimento da

velhice, e o masculino subjuga o feminino, da mesma forma que a razão prevalece sobre a emoção, tida como elemento irracional e perturbador.

No século XX, particularmente a partir de sua segunda metade, assistimos a uma série de transformações decorrentes do questionamento do paradigma da simplificação. Para Hall (2000), esse questionamento tem suas bases nos pensamentos marxista, freudiano, foucaultiano, saussuriano e no pensamento propagado pelo movimento feminista, entre outros.

Segundo Hall (2000), Marx questiona a essência universal que caracterizaria a humanidade e, a partir de uma visão anti-humanista, propõe uma noção concreta do homem. Freud, por sua vez, revela, para este autor (Hall, 2000), que a subjetividade, longe de ser orientada pela lógica da razão, como defendia Descartes, é fruto de processos psíquicos inconscientes e se forma ao longo do tempo, através das relações do eu com os outros. Ainda na visão de Hall (2000), Foucault desnaturaliza a concepção moderna de sujeito ao realizar uma análise acerca de um tipo de poder – o poder disciplinar – que regularia a vida do indivíduo em todas as suas dimensões, através de instituições que se organizam e vigiam o sujeito. Saussure, estudioso da lingüística estrutural, enfatiza, de acordo com o autor, uma forma de se compreender a língua enquanto sistema social, cujas palavras trazem significados que só podem ser entendidos dentro de um contexto e cuja análise permite identificar as relações de similaridade e diferença de significados. A partir desse argumento, Saussure faz, segundo Hall (2000), uma analogia entre língua e identidade. Do mesmo modo que é impossível estabelecer um significado estável e único para uma palavra, uma vez que não se tem o controle que se deseja para encerrá-la em uma única direção, tendo em vista que ela está permeada por vários significados, não se pode nunca fixar o significado de identidade. Em suma, a instabilidade característica da língua é transferida para a noção de identidade. Por fim, o feminismo, para Hall (2000), enquanto

movimento social, possibilita o questionamento do paradigma da simplificação, na medida em que questiona uma série de distinções - como o feminino e o masculino, o público e o privado, entre outras -, politizando, assim, o debate sobre gênero e identidade.

O paradigma da simplificação se enfraquece ainda mais quando é considerado o avanço da tecnologia, que gera a multiplicação voraz do volume de conhecimento (Pedro, 1997). Entretanto, não basta pensarmos, apenas, que a contemporaneidade se caracteriza pela aquisição de novos conhecimentos. Para Trein (1996), a partir do momento em que a tecnologia nos permite ter acesso a eventos que acontecem simultaneamente em diferentes pontos do planeta, há um alargamento da realidade percebida por nós. Na medida em que nos tornamos “contemporâneos da totalidade do mundo” (Trein, 1996, p. 41), os saberes e as relações se complexificam a tal ponto que o paradigma da simplificação se torna impotente para dar conta da heterogeneidade de pensamentos que despontam na atualidade. Diante dessa impotência, o pensamento complexo surge, então, como novo paradigma, em oposição ao antigo paradigma moderno, da simplificação.

Morin (1991) critica a premissa moderna de que a simplificação da realidade a tornaria cognoscível. Para ele, o que ocorre é exatamente o oposto, ou seja, os mecanismos simplificadores mutilam mais do que exprimem realidades. A divisão da ciência em disciplinas geraria, segundo o autor, uma “inteligência cega”, pois os elementos são dissociados e isolados, sendo ignorados o conjunto e a totalidade dos fenômenos e, portanto, sua complexidade.

Opondo-se ao paradigma da simplificação, Morin (1991) defende o paradigma da complexidade que, segundo o autor, comporta dois princípios, o princípio da incompletude e o da incerteza, com base nos quais todo conhecimento é visto como parcial e, portanto, incerto. Há, assim, a crença na impossibilidade do conhecimento absoluto.

Essa impossibilidade ocorre por algumas razões, dentre elas a própria natureza dos fenômenos que estudamos. Sobre isso, Minayo (1994) destaca que o ser humano e a sociedade, enquanto objetos do conhecimento, se recusam a se revelar apenas em números. É a ação humana que constrói incessantemente a história.

Uma outra razão, que torna impossível o acesso ao conhecimento absoluto, refere-se à limitação paradigmática que impõe restrições ao estudo do objeto. Ou seja, todo conhecimento opera por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos (Morin, 1991). Esse processo de seleção é orientado por paradigmas que governam a nossa visão das coisas e do mundo, definindo o que pode ou não ser inserido no campo epistemológico. Reforçando esse argumento, Foucault (1996) revela que, antes de poder ser declarada ou não verdadeira, uma proposição deve situar-se “no verdadeiro”, o que significa dizer que deve estar de acordo com os paradigmas eleitos. Em síntese, a produção do conhecimento sofre um processo de controle, distribuição e organização que é delimitado pelo espírito de uma época. Isso nos remete à metáfora trazida por Moscovici (1990) acerca do pesquisador como “animal estranho, meio-raposa, meio-ouriço” (p. 10). Há momentos em que o pesquisador age como raposa, astutamente perseguindo, explorando, desbravando caminhos, farejando pistas, fatos e noções. Mas há aqueles momentos em que ele deve explicar os resultados obtidos, recusando tudo que venha a contrariar sua própria visão acerca deles, agindo, então, como ouriço. Nas palavras deste autor,

Esponaneamente, como o ouriço, ele se enrola como uma bola, eriça seus espinhos, ou seja, recusa aquilo que contradiz ou contraria a sua própria visão. Esses resultados, (...) ele os relaciona com um sistema de teorias cuja autoridade é reconhecida. Fala-se então de paradigma (Moscovici, 1990, p. 10).

Os princípios da incompletude e da incerteza trazem o desafio da construção epistemológica baseada na interlocução de diversos saberes. A abordagem da

complexidade nos aproxima, assim, de um percurso reflexivo interdisciplinar.

Com base nisso, este estudo se guia por proposições da psicossociologia, campo científico formado a partir do intercâmbio entre psicologia e sociologia, e por proposições da Análise do Discurso, campo teórico e metodológico desenvolvido a partir da articulação da lingüística com as ciências humanas e sociais. Com isso, espero estar contribuindo para a construção de um campo científico que privilegie uma abordagem complexa do envelhecer.

1.2 UMA ABORDAGEM PSICOSSOCIAL DO SUJEITO

Orientando-me pela perspectiva da Psicossociologia, proponho, a seguir, uma análise em que o sujeito se forma a partir de um assujeitamento a condições que o antecedem e também se produz mediante uma resistência a essas condições.

O campo da Psicossociologia questiona explicitamente a abordagem que ignora as particularidades do indivíduo, considerando-o produto do determinismo social. Questiona também a abordagem que explica os fatos sociais pelas causas psíquicas. Ora, de um lado, temos a “socialização do psicológico” e, do outro, uma espécie de “psicologização do social”.

A abordagem psicossocial, longe de reduzir um campo teórico ao outro – a Sociologia à Psicologia e/ou vice-versa -, reconhece as especificidades de cada campo e busca realizar articulações. Segundo Nasciutti (1996), o campo da Psicossociologia é aquele que vê os grupos como espaço

nos quais o indivíduo se encontra e que mediatizam sua vida e a coletividade. Trata-se do estudo do desejo do sujeito e da vontade dos atores sociais modificando (agindo sobre) um mundo que os modifica e sobre eles age (pp. 55-6).

Analisar a subjetividade sob a ótica psicossociológica requer uma compreensão do sujeito como sendo produzido por práticas coercitivas, histórica e socialmente localizáveis, ao mesmo tempo em que o vê como fruto das práticas de liberdade nas quais o sujeito transforma a si mesmo num movimento incessante de subjetivação, recortado por identificações sucessivas que singularizam sua história de vida.

Considerando a subjetividade como fruto de práticas coercitivas, o sujeito se constitui em meio a relações sócio-ideológicas de poder. Segundo Mariani (2003), o sujeito é, antes de tudo, um ser falado, ou seja, uma posição material lingüístico-histórica e, portanto, produzido

a partir de sua inscrição no simbólico e inserido em uma relação imaginária com a 'realidade' do que lhe é dado a ser, agir, pensar. Tal relação estabelecida com a 'realidade' é da ordem do imaginário, algo que se produz após a entrada do sujeito no simbólico e impede que o sujeito perceba ou reconheça sua constituição pelo outro, ou seja, o sujeito não percebe que se encontra convocado a se colocar no simbólico e partir do simbólico para dizer 'eu' e para se referir a um mundo já simbolizado. Ora, o que se tem aqui, como já foi dito, é uma anterioridade do simbólico produzindo o assujeitamento do sujeito ao campo da linguagem (p. 05).

De acordo com este referencial, o sujeito se constitui na relação da língua com a história, estando circunscrito a uma rede de paráfrases que o constitui. O sujeito é social e seu discurso não lhe pertence totalmente. Entretanto, julga-se capaz de auto-domínio, senhor de sua fala e de suas ações. Nas palavras de Mariani (2003), "o sujeito não percebe que algo fala nele" (p. 09).

Dessa forma, enfatiza-se a idéia de que o nível pessoal é atravessado pelo domínio do interpessoal, em sua inserção em um campo sócio-político-econômico específico.

Ao abordar a subjetividade sob essa ótica, Preuss (1996) desenvolve certos aspectos do pensamento de Bourdieu, a fim de apresentar algumas condições presentes na configuração da subjetividade.

Uma das noções desenvolvidas por Bourdieu (1989) e que pode ser relacionada à construção da subjetividade é a noção de *habitus*, que consiste na transformação do indivíduo biológico em pessoa social a partir de um sistema de disposições que organizam as práticas dos agentes através de um esquema referencial compartilhado por um grupo e internalizado por seus membros², e que tem um lugar na socialização primária³.

O *habitus* é internalizado na medida em que uma visão de mundo é estabelecida, legitimando-se um arbitrário cultural. Instaura-se um processo de dominação através de uma forma de “poder simbólico”. Nas palavras de Bourdieu (1989),

O exercício do poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) e, graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário (p. 14).

O exercício do poder simbólico se dá no momento em que é determinada uma visão de mundo hegemônica e esta é internalizada, orientando e organizando as identidades. Quem não adota essa visão de mundo é estigmatizado como desviante e, portanto, excluído. Vale enfatizar que, segundo Bourdieu (1989), o poder simbólico se exerce com a cumplicidade daqueles que lhe estão sujeitos, pois não é reconhecido como tal. Ele age, dessa forma, como prática coercitiva na constituição da subjetividade.

² Ao incorporar os mesmos *habitus*, são criadas, nos membros de um grupo, uma identidade e uma sensação de regularidade. Em sua forma mais primitiva, o *habitus* antecede o nível do discurso e se inscreve no corpo – postura, gestual, modo de andar, de olhar. Assim como há o *habitus* corporal, há o *habitus* lingüístico – maneira de falar, o vocabulário, o sotaque, a gramática, as interpretações. Tudo depende do momento e dos papéis exercidos pelos agentes envolvidos (Bourdieu, 1989).

³ A respeito da noção de socialização primária, ver Berger e Luckmann (1973). Os autores se referem a ela como a primeira forma de socialização da criança, que tem lugar na família.

Por outro lado, embora seja considerada a anterioridade dos processos sociais e da cultura com relação ao indivíduo, determinando, de forma coercitiva, suas condutas, Enriquez (1994) enfatiza que a subjetividade também se constitui a partir de práticas de liberdade. O autor assinala que, consciente ou inconscientemente, o indivíduo encontra meios de escapar da tendência ao conformismo e demonstrar sua parcela de originalidade e autonomia. Assim, o sujeito, visto como ator social, é capaz de produzir novos sentidos, modificando o mundo.

Neste momento, ganha relevo o fenômeno da ruptura, da transgressão, da resistência. A esse respeito, Souza (2003) salienta que “resistir não é deter-se em si como origem de subjetividade, mas enveredar para outros modos de subjetivação tomando atalhos por onde o discurso que determina a verdade do sujeito não entra” (p. 03).

Aqui, argumenta-se que, embora o sujeito esteja circunscrito a uma rede de paráfrases, a história não é imutável. O processo parafrástico é rompido pela existência de uma cadeia polissêmica, capaz de gerar novos sentidos e, portanto, novas formas de subjetividade.

Isso significa afirmar que o social se inscreve no nível individual que não é regido apenas pelo simbólico social, mas se submete também às exigências individuais (Nasciutti, 1996). Sob este enfoque, o sujeito é regido por convenções sociais e por processos conscientes e inconscientes. É irremediavelmente contraditório em função de seus desejos ambíguos, das condições variadas em que vive e das influências dissonantes de que é alvo.

Diante do exposto, a subjetividade é apresentada como fruto de relações de poder que demarcam um determinado espaço histórico-social. Não se pode chegar a sujeito algum, a não ser pelas relações e práticas que o constituem. Contudo, essas relações e práticas, de natureza mais complexa, tensionam-se, caracterizadas por

antagonismo e instabilidade e, por isso mesmo, possibilitam uma liberdade relativa de construção de si.

Convém dizer que a relação entre sujeito e história é dialética: o sujeito é histórico porque se produz em condições determinadas e também porque cria tradição e influencia novos acontecimentos (Orlandi, 1983). Em seu percurso como sujeito histórico, vai operando, às vezes sem saber, um papel essencial nas transformações sociais.

Essa visão implica em considerar a ambigüidade constitutiva da noção de sujeito que se situa paradoxalmente entre uma subjetividade assujeitada a uma ordem superior, orientada por um *habitus* que define seu *modus vivendi* e, portanto, desprovida de liberdade, e uma subjetividade livre enquanto centro de iniciativas, responsável por seus atos, capaz de seguir caminhos de manutenção ou ruptura dos padrões vigentes e conduzir-se originalmente.

1.3 UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DO DISCURSO

Uma das perspectivas que embasam este estudo é a idéia da velhice e do envelhecimento como termos cujos significados são atribuídos com base em um sistema de convenções inserido numa cultura. Por cultura, entende-se um universo simbólico que ordena a história da humanidade ao construir sentidos que influenciam e organizam tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (Hall, 2000; Ortiz, 1986). A cultura, assim, se edifica através de discursos que se materializam em ações.

O entendimento do que seja um discurso varia muito. As abordagens a ele dominantes atualmente nutrem-se fundamentalmente de duas tradições: a anglo-americana e a francesa.

A tradição anglo-americana origina-se na Inglaterra e se enraíza nos Estados Unidos. Incorpora elementos da sociologia, da psicologia e da etnometodologia. Vincula-se principalmente ao empirismo e aos conceitos da psicologia do consciente em sua fase inicial. O processo comunicacional é entendido, pelo menos neste primeiro momento, como uma interação cooperativa entre indivíduos que, até certo ponto, detém um controle consciente das regras a serem utilizadas. Segundo Pinto (1999), de acordo com essa tradição, os interlocutores estariam praticamente imunes a qualquer coação social.

A tradição francesa de análise do discurso tem suas raízes em Foucault (1995; 1996) e Pêcheux (1997), seus nomes mais influentes. Estes autores apresentam uma visão constitutiva do discurso, que envolve uma noção de discurso como ativamente constituindo a sociedade, através da construção do conhecimento, da definição das relações sociais e da formação de subjetividades.

Dentre as contribuições da análise do discurso de orientação francesa, destaca-se a atribuição de um papel fundamental ao discurso na constituição da sociedade. Tomado nesse sentido, o discurso é uma prática social, ou seja, é parte integrante do contexto sócio-histórico, e não algo puramente instrumental, externo às pressões sociais (Pêcheux, 1997).

Também para Fairclough (2001), pesquisador inglês, definir discurso como prática social implica, em primeiro lugar, em concebê-lo, não apenas como modo de representação da realidade, mas como modo de construção do real. Em segundo lugar, implica em concebê-lo como meio de se exercer poder simbólico. Segundo o autor, os

discursos têm poder de persuasão, pois incitam, induzem, ampliam, restringem, permitem, inibem, influenciam a percepção da realidade e conduzem nossas ações⁴.

Esta argumentação é reforçada por Bakhtin (1977), ao abordar o discurso como lugar privilegiado de manifestação da ideologia. O termo ideologia é compreendido por Orlandi (1990) como “a direção nos processos de significação, direção esta que se sustenta no fato de que o imaginário que institui as relações discursivas (em uma palavra, o discursivo) é político.” (p. 36) Afirmar isto é opor-se ao mito da transparência da linguagem. Nas palavras de Pinto (1999), “o ideológico é uma dimensão necessária de todos os discursos, responsável pela produção de qualquer sentido social” (p. 42).

Fairclough (2001), inspirado no pensamento gramsciano, aborda a ideologia a partir do conceito de hegemonia, ou seja, como influência predominante, porém, não absoluta, tornando-se parcial, instável e, portanto, temporária.

Considerando o discurso como um dos aspectos materiais da ideologia, e a ideologia como parcial e temporária, pode-se afirmar que o discurso é fruto do entrecruzamento de significados diversos, parciais e inconstantes. É espaço de confrontos, de luta ideológica, de contradição. Sobre a contradição, Foucault (1972) enfatiza que

Longe de ser aparência ou acidente do discurso, longe de ser aquilo de que é preciso libertá-lo para que ele libere, enfim, sua verdade aberta, [a contradição] constitui a própria lei de sua existência: é a partir dela que ele emerge, é ao mesmo tempo para traduzi-la e para superá-la que ele se põe a falar; é para fugir dela, enquanto ela renasce sem cessar através dele, que ele se persegue e recomeça indefinidamente (...) A contradição funciona então, ao longo do discurso, como o princípio de sua historicidade (p. 186).

Para Orlandi (1983), a contradição decorrente do entrecruzamento de diferentes significados no seio do discurso gera uma tensão constitutiva entre um dizer

⁴ Ressalto que os interlocutores não aparentam exercer poder através de seus discursos. Trata-se de uma forma bastante particular de persuasão, baseada na naturalização das identidades, das relações e dos conhecimentos e crenças. Ou seja, o exercício desse poder é dissimulado e, portanto, de difícil reconhecimento, tanto por quem o exerce como por quem a ele se submete.

hegemônico, sedimentado⁵, e um dizer que tende à ruptura. Essa tensão transforma o discurso numa arena, em que os significados hegemônicos lutam para manter-se, enquanto os demais lutam para remoldar práticas e reestruturar relações (Fairclough, 2001).

A idéia, defendida por Orlandi (1983), de que o discurso é fruto do entrecruzamento de significados tradicionais e inovadores, vai ao encontro do argumento de Pinto (1999), ao afirmar que nenhum discurso é inteiramente novo, mas, antes:

todo texto é híbrido ou heterogêneo quanto à sua enunciação, no sentido de que ele é sempre um tecido de ‘vozes’ ou citações, cuja autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado (p. 27).

Este fenômeno, a que alguns autores chamam de “heterogeneidade enunciativa”, é denominado por Kristeva de intertextualidade e, por Bakhtin, de dialogismo (Pinto, 1999).

A abordagem dialógica do discurso defende que todo enunciado é inerentemente intertextual, ou seja, constituído por elementos de outros textos. Os discursos respondem, reacentuam e retrabalham discursos passados e antecipam discursos subsequentes.

Fairclough (2001) distingue dois níveis de intertextualidade: a manifesta e a constitutiva. A intertextualidade manifesta se dá quando se recorre explicitamente a outros textos, enquanto que a intertextualidade constitutiva – que o autor prefere chamar de interdiscursividade – diz respeito a um tipo de discurso constituído, de forma não necessariamente consciente, a partir de uma combinação de elementos de outros discursos.

Considerar a heterogeneidade discursiva é opor-se ao mito da unicidade do sujeito, isto é, à idéia de que o único responsável pelas representações presentes num texto

⁵ Para Ricoeur (1977), a função geral da ideologia é “perpetuar um ato fundador inicial”. Isso quer dizer que seu papel é transformar uma convicção em credo e perpetuá-lo, indo além do círculo de seus fundadores. Assim, a ideologia tende a ser inerte, voltada para conservação e a resistência às mudanças.

é o indivíduo, reconhecido como seu autor empírico. Ao contrário do que estabelece o senso comum, nós não somos inteiramente responsáveis pelos textos que produzimos.

Finalizando este capítulo, cabe destacar a importância de se abordar o tema do envelhecer a partir de uma perspectiva interdisciplinar, trazendo à luz o fato de que o envelhecimento envolve aspectos biopsicossociais e de que o sujeito envelhece de forma irremediavelmente contraditória, constituído no interjogo de práticas coercitivas e libertárias e no entremeio da dinâmica consciente/inconsciente. Sua contradição fundamental se materializa em seus discursos, que se tornam espaço de luta simbólica, campo possível de transformação social e meio de acesso a significados elaborados para dar conta de sua experiência como sujeito biológico, histórico e singular.

As questões apontadas até o momento trazem importantes implicações para a análise dos discursos dos idosos, que deve remeter a uma reflexão sobre a constituição da subjetividade na velhice e sobre a contribuição das práticas discursivas nos processos de manutenção e transformação simbólica do envelhecer, temas tratados nos próximos capítulos.

2. ENVELHECIMENTO: NATUREZA E SUBJETIVIDADE

*Porque nós somos do tamanho do que vemos.
E não do tamanho da nossa altura.*

Fernando Pessoa*

2.1 O ENVELHECIMENTO COMO FENÔMENO NATURAL

Enquanto fenômeno natural, o envelhecimento é um processo biológico intrínseco, progressivo, declinante e universal. Todos os seres vivos envelhecem. No ser humano, esse processo torna o idoso mais vulnerável ao adoecimento físico⁶.

Contudo, a velhice permanece, para o sujeito que a vivencia, um destino singular, a partir da leitura imaginária que cada um faz de seu próprio envelhecer, engendrando sua existência num fluxo de significações.

Considerar as transformações naturais que inexoravelmente afetam todos os seres humanos torna-se fundamental para uma melhor compreensão do impacto dessas transformações sobre o sujeito que envelhece, permitindo, assim, melhor compreender o modo como ele interioriza a velhice e a ela reage, fazendo elaborações no sentido de ressignificar o próprio corpo e a própria identidade.

Na perspectiva biogerontológica, o termo envelhecimento é frequentemente definido como um processo de mudanças anatômicas e funcionais que ocorrem após a maturação sexual e que, progressivamente, comprometem a capacidade de resposta dos

* Fragmento do poema *Maneiras de ver...*, extraído do site <http://amorepoesias.wordpress.com>

⁶ Ressalto que o avanço da idade não é sinônimo de doença, pois o adoecimento é condição dos seres humanos em qualquer idade. Apenas enfatizo que pesquisas na área biogerontológica trazem evidências de que o envelhecimento torna o organismo mais susceptível a doenças.

indivíduos ao estresse ambiental e à manutenção da homeostasia⁷ (Jeckel-Neto & Cunha, 2006).

As alterações anatômicas decorrentes do processo de envelhecimento repercutem nos mecanismos funcionais, tornando o idoso mais vulnerável a qualquer estímulo. Contudo, como o envelhecimento é um fenômeno biológico natural na vida de todos os seres vivos, não deve ser considerado como processo patológico. Cançado e Horta (2006) apresentam dois tipos de envelhecimento: o envelhecimento normal (senescência) e o patológico (senilidade).

Segundo os autores, o envelhecimento normal pode ser classificado em “bem-sucedido” e “usual”. No envelhecimento “bem-sucedido”, os indivíduos apresentam perda mínima de sua capacidade e mantém um padrão fisiológico plenamente satisfatório com o avançar dos anos. No envelhecimento denominado “usual”, os indivíduos têm prejuízos significativos e, apesar de não estarem doentes, carregam grande potencial para manifestar doenças ou incapacidades. O envelhecimento patológico, por sua vez, ocorre quando os prejuízos se apresentam com uma intensidade muito maior, levando a deficiências funcionais marcantes.

Sinais de deficiências funcionais decorrentes do processo normal ou patológico do envelhecimento podem ser observados em todos os sistemas do nosso organismo.

O sistema nervoso central (SNC), por exemplo, é o sistema biológico mais comprometido com o processo de envelhecimento. Índícios de deficiências funcionais

⁷ Hoje, o instrumental disponível para a pesquisa em biogerontologia permite níveis de abordagens até então impossíveis, como é o caso da biologia molecular. Nas últimas cinco décadas, o conhecimento genético tem sido aplicado na busca da elucidação de doenças. Sabe-se que, durante o desenvolvimento, a célula fertilizada vai progressivamente se dividindo. Mas, com o tempo, as células perdem sua capacidade de divisão e, portanto, de renovação. Uma recente descoberta revela que o envelhecimento deriva de uma programação genética. Essa descoberta coloca em xeque a teoria do acúmulo de danos, que postula ser o envelhecimento resultado de um processo acidental derivado da acumulação de danos moleculares que ocorreriam ao acaso e provocariam uma ação tóxica no organismo (Alho, 2006).

vão aparecendo no decorrer da vida de um indivíduo que envelhece, podendo gerar alterações de atenção, memória, raciocínio e juízo crítico, das funções práticas e gnósicas, dificuldades na fala e em outras formas de comunicação e, possivelmente, em casos mórbidos, comprometimento dos relacionamentos, da afetividade, personalidade e conduta (Cançado & Horta, 2006).

O envelhecimento também acarreta modificações estruturais no sistema cardiovascular, podendo levar a uma série de disfunções, como redução da resposta de elevação e frequência cardíaca ao esforço ou a outro estímulo, diminuição do consumo máximo de oxigênio pela redução da massa ventricular encontrada no envelhecimento e aumento da prevalência de hipertensão, associada a um maior risco de doenças cardio e cerebrovasculares. Vale ressaltar que as doenças cardiovasculares são a primeira causa de incapacidade na população idosa (Affiune, 2006).

Os efeitos da idade na função pulmonar são freqüentes. Entre as principais alterações fisiológicas do aparelho respiratórios associadas ao envelhecimento destacam-se a perda das propriedades de retração elástica do pulmão, o enrijecimento da parede torácica e a redução da potência motora e muscular. Isso, associado a outras enfermidades, principalmente as de caráter crônico-degenerativo, faz com que o idoso tenha pior desempenho físico (Gorzoni & Russo, 2006).

O envelhecimento também gera alterações estruturais, de motilidade e da função secretória no aparelho digestivo, atingindo o esôfago, o estômago, o pâncreas, o fígado, os intestinos, o cólon, o reto e o ânus. Algumas manifestações clínicas são redução da absorção de nutrientes específicos, que contribui para o desenvolvimento de anemia, diminuição da metabolização de determinadas drogas, aumento da prevalência de constipação e de neoplasias, dificuldade de retenção fecal voluntária, entre outras (Ferriolli, Moriguti & Lima, 2006).

Os estudos do envelhecimento renal têm apontado para uma contínua perda da função dos rins a partir da quarta década de vida, quando os vasos renais começam a sofrer progressiva esclerose, fenômeno importante na diminuição dos rins e que tem como uma de suas conseqüências a redução da área e da capacidade de filtração sangüínea. Os idosos encontram-se num estado homeostático que os torna mais vulneráveis aos estados de restrição de água, com chance de atingir níveis de desidratação. Nos homens, há um aumento da próstata e a mulher se torna mais vulnerável a infecções urinárias (Carvalho, 2006).

Alguns efeitos do envelhecimento no sistema endócrino são bastante conhecidos, como maior incidência de doenças como *diabetes mellitus*, hipertireoidismo e hipotireoidismo. As alterações da secreção do hormônio do crescimento, hormônios esteróides sexuais e melatonina podem contribuir para a osteoporose e doenças coronarianas. Nas mulheres, o climatério, decorrente da transição do período reprodutivo para o não-reprodutivo, pode acarretar ondas de calor, incontinência urinária, dispareunia, alterações da libido, alterações de humor, doença cardiovascular, osteoporose e doença de Alzheimer. No homem idoso, ocorre o hipogonadismo (andropausa), que se refere à incapacidade de produzir quantidades adequadas de testosterona e/ou espermatozóides. Há na população idosa maior incidência de tumores hipofisários (Lieberman, 2006).

Dores e disfunções no sistema músculo-esquelético constituem a mais freqüente queixa na velhice e a segunda causa de incapacidade nesse grupo etário, perdendo apenas para as doenças cardiovasculares. Isso é compreensível, uma vez que muitas doenças reumáticas têm maior incidência com o avançar da idade, tais como a osteoporose e a polimialgia reumática (Rossi & Sader, 2006).

Outra função que declina com a idade é a imune. Pesquisas revelam que o envelhecimento é acompanhado por um progressivo aumento na proporção de células que

funcionam pobremente. Outra característica do envelhecimento do sistema imunológico é o aumento na proporção de células de memória (que já tiveram contato com um antígeno) em relação a células virgens (que ainda não entraram em contato com um antígeno), o que resulta numa diminuição do potencial de reatividade a novos antígenos. Conseqüentemente, há um aumento na susceptibilidade a infecções, tumores e fenômenos auto-imunes (Veiga, 2006)⁸.

De fato, o inexorável declínio físico decorrente do envelhecer torna a velhice um período da vida com alta prevalência de doenças, principalmente doenças crônico-degenerativas não transmissíveis (DCNT). Estudos da Organização Mundial de Saúde estimam que, num grupo de 75% de indivíduos que sobrevivem aos 70 anos, cerca de um terço será de portadores de doenças crônicas e pelo menos 20% terão algum grau de incapacidade a ela associado (Camarano, 2006).

Como se pode observar no Quadro 1 - em que os idosos foram divididos em dois grupos, o dos idosos jovens, com idade entre 60 e 80 anos, e o dos mais idosos, com idade acima de 80 anos -, entre os idosos jovens, o maior problema de saúde detectado foi a doença de coluna, seguido de hipertensão e artrite. No segmento dos mais idosos, há um acréscimo na proporção de idosos que reportaram vários dos tipos de problemas listados no estudo. Os maiores acréscimos foram observados nas proporções dos que reportaram artrite ou reumatismo, depressão e diabetes. Ainda, conforme os dados do Quadro 1, houve uma melhoria nas condições de saúde e autonomia da população idosa brasileira no intervalo entre 1998 e 2003. Os resultados também sugerem que as mulheres apresentam pior estado de saúde (Camarano, 2006).

⁸ Acerca das alterações imunológicas observadas no envelhecimento, não se sabe ainda se essas alterações causam doenças nos idosos ou por ele são causadas. Evidências recentes sugerem que fatores psicológicos e endócrinos podem contribuir para gerar alterações imunológicas (Bauer, 2006).

Quadro 1 Proporção de idosos pelo tipo de problemas de saúde que apresentavam segundo o grupo etário e o sexo, Brasil.

	Homens				Mulheres			
	60-80		80+		60-80		80+	
	1998	2003	1998	2003	1998	2003	1998	2003
Doença de coluna ou costas	42,1	32,1	48,3	31,3	40,8	40,4	46,2	35,7
Hipertensão	36,7	40,2	49,9	42,6	36,0	55,4	48,8	54,9
Artrite ou reumatismo	29,0	19,0	42,7	28,5	38,2	32,0	49,2	39,1
Doença do coração	16,2	15,1	20,1	21,3	20,1	17,9	26,5	24,0
Depressão	8,0	5,9	15,4	5,8	8,7	13,1	14,1	11,1
Diabetes	8,1	10,7	12,0	11,0	7,2	14,8	12,7	14,3
Bronquite ou asma	7,3	5,9	7,5	8,4	12,0	6,9	9,1	7,1
Doença renal crônica	7,0	4,6	6,6	6,3	6,7	3,8	7,3	3,3
Tendinite ou tenossinovite	3,6	3,4	5,6	4,2	2,9	6,3	5,3	3,7
Câncer	1,4	2,0	0,8	3,5	1,9	2,0	1,4	2,5
Cirrose	0,5	0,5	0,2	0,4	0,6	0,1	0,4	3,7
Tuberculosa	0,2	0,5	0,1	0,5	0,3	0,3	0,1	0,3

Fonte: IBGE, PNADs de 1998 e 2003 (citado por Camarano, 2006, p. 100).

Na Figura 1, pode-se observar que a proporção de pessoas que deixam de fazer alguma atividade habitual cresce com a idade e essa proporção é mais elevada entre as mulheres.

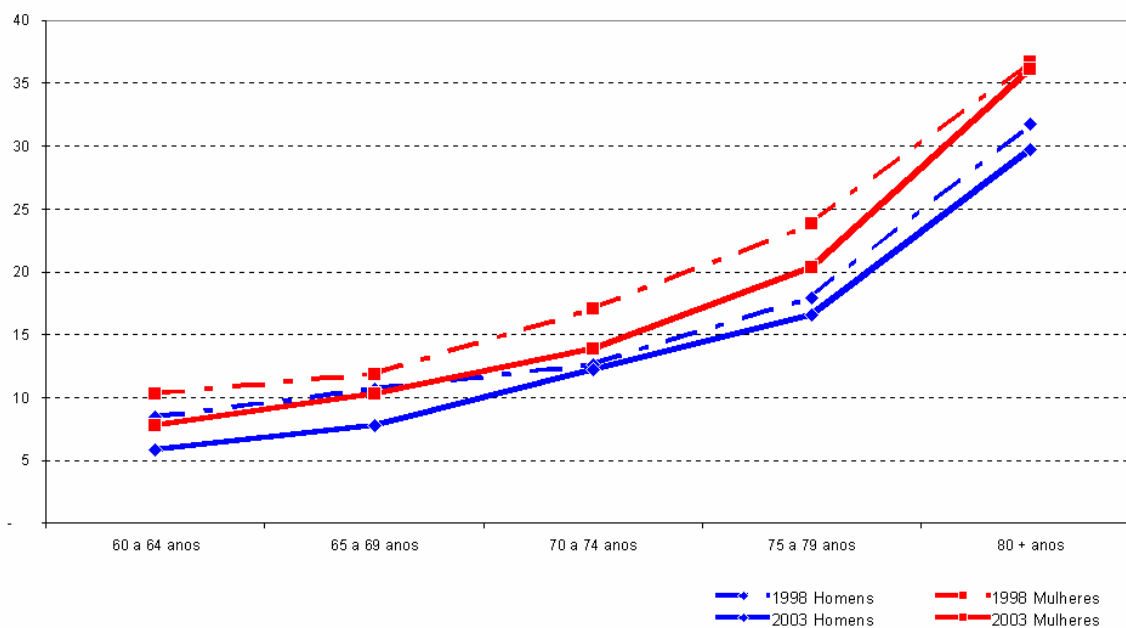


Figura 1 Proporção de idosos com alguma dificuldade para alimentar-se, tomar banho ou ir ao banheiro, Brasil

Fonte: IBGE/PNADs de 1998 e 2003 (citado por Camarano, 2006, p. 100)

Apesar de a grande maioria dos idosos ser portadora de, pelo menos, uma doença crônica, nem todos ficam limitados por essas doenças. Muitos têm suas doenças controladas e conseguem viver normalmente. Na verdade, o que está em jogo na velhice não é simplesmente a presença ou ausência de doenças, mas principalmente a autonomia e a independência, cujos níveis vão determinar o grau de capacidade funcional. A autonomia é compreendida aqui como a capacidade de decisão, e a independência, por sua vez, seria a capacidade de realizar algo por seus próprios meios (Papaléo Netto, 2006).

Freitas e Miranda (2006) apresentam um novo paradigma de saúde que abrange o bem-estar físico, mental e psíquico, a integração social, o suporte familiar, a independência econômica e a capacidade para executar as atividades habituais, denominadas “Atividades da Vida Diária (AVD)”. Estas se dividem em: atividades

básicas da vida diária, que se referem àquelas tarefas que uma pessoa precisa realizar para cuidar de si próprio, tais como comer, tomar banho, vestir-se, ir ao banheiro, controlar os esfíncteres, entre outras; atividades instrumentais da vida diária, que compreendem a habilidade do idoso para atuar no ambiente onde vive, como fazer compras, usar transportes, administrar as próprias medicações, preparar almoço, lavar e cuidar do vestuário, entre outras; e, finalmente, as habilidades avançadas da vida diária, referentes a atos mais complexos, em geral, ligados à automotivação, como trabalho, atividade de lazer, contatos sociais, exercícios físicos, entre outros. A habilidade para o idoso executar ou não essas tarefas definiria o nível de sua capacidade funcional.

Portanto, a saúde na velhice seria resultado do equilíbrio entre limites e capacidades, sem necessariamente significar uma ausência de problemas em todas as dimensões⁹.

2.2 O SUJEITO E A TRANSCENDÊNCIA DA NATUREZA

Diante da objetividade do declínio biológico decorrente do envelhecimento, o sujeito é capaz de transcendê-lo, por obra do imaginário, vivenciando o envelhecer a partir de uma cadeia de significados constantemente reelaborada.

Em uma conferência sobre os conflitos existenciais do idoso, Seminério (1991) inicia sua reflexão argumentando que a existência não é um encadeamento de fatos

⁹ Com base nessa perspectiva de saúde na velhice, a Gerontologia propõe a “Avaliação Geriátrica Ampla (AGA)”, que consiste num processo diagnóstico multidimensional e usualmente interdisciplinar. A partir da determinação de deficiências ou habilidades dos pontos de vista médico, psicossocial e funcional, a AGA objetiva, principalmente, desenvolver um plano de tratamento e reabilitação e facilitar o gerenciamento dos recursos necessários para o tratamento, com ênfase no estado funcional e na qualidade de vida da pessoa que envelhece (Freitas & Miranda, 2006).

reais. A existência é um fluxo de significações. Em suas palavras, “não vivemos os fatos como eles realmente são ou parecem ser. Vivemos a fantasia com que os recobrimos” (Seminário, 1991, p. 05).

Essa perspectiva nos remete a uma reflexão sobre os processos psíquicos que regem a história pessoal de cada indivíduo, sujeita a determinismos biológicos, circunscrita a um contexto sociocultural e imersa em um mundo de ilusões e fantasias.

Ao indivíduo idoso, diante do envelhecimento objetivado em seu corpo, estigmatizado pela cultura e recusado em suas ilusões, só resta buscar administrar o confronto entre o que deseja ser e aquilo em que vem se transformando (Bergen, 1999).

No século XX, essa tarefa se torna ainda mais difícil em função da atual exaltação da juventude e da proliferação de técnicas de manutenção corporal, que trazem novas formas de o indivíduo representar o corpo que envelhece e reagir ao processo de envelhecimento.

De acordo com Tucherman (1999), surge, na atualidade, um processo que confere novos contornos à representação corporal, baseado na suposta plasticidade de um corpo formado pela tecnologia.

As novas concepções de corpo, baseadas na noção de plasticidade, trazem importantes implicações para a relação que desenvolvemos com nossa própria finitude. Através do investimento tecnológico no corpo, a medicina encontra meios de minimizar, de retardar o surgimento de doenças e até de evitá-las. Assim, o fim da vida seria protelado.

Essa nova atitude se estende para a velhice: acredita-se poder permanecer jovem e belo por mais tempo. Surge um novo modelo de comportamento, baseado no argumento de que o corpo jovem, belo e saudável não é apenas situado como ideal. No discurso social, ele surge como um bem que pode ser conquistado por todos a partir de

medidas simples e pouco dispendiosas (Debert, 1999).

A velhice, por sua vez, passa a ser representada no discurso social como um problema que pode ser solucionado através de técnicas de manutenção corporal que trazem, idealmente, promessas de rejuvenescimento. Segundo Py e Trein (2006), “o corpo de um ser humano, sem disfarces na sua realidade física, mostra-se numa condição contraposta à nossa condição de humanos iludidos, na irrealidade física dos nossos corpos a se produzirem pelos artefatos da estética de consumo” (p. 1357). Sobre a condição de humanos iludidos, afirma Beauvoir (1990):

Nada nos impõe interiormente a necessidade de nos reconhecermos na imagem que nos foi fornecida pelos outros, e que nos amedronta. É por isso que é possível recusá-la verbalmente, e recusá-la também através de nosso comportamento, sendo a própria recusa uma forma de assunção. É uma opção freqüente entre certas mulheres que apostaram tudo na sua feminilidade, e para quem a idade é uma radical desqualificação. Com as roupas, a maquiagem, os gestos, elas procuram atrair alguém, mas procuram sobretudo convencer-se histericamente de que escapam à lei comum. Agarram-se à idéia de que ‘isso só acontece aos outros’ e que, para elas, que não são os outros, ‘não é a mesma coisa’ (p. 361).

Mesmo com as conquistas tecnológicas, que permitem minimizar e retardar sinais e sintomas do envelhecimento, este é um processo inexorável, que leva o sujeito ao

momento de confrontar aquilo que, no imaginário, permanece potente e belo, com a verificação realista das capacidades e dos limites do seu corpo envelhecido. Momento de viver o paradoxo entre a evidência imaginária da imortalidade e uma outra evidência, objetiva e concreta, da metamorfose que o conduz ao último dos seus dias (Py & Trein, 2006, pp. 1355-1356).

A situação se agrava no caso do idoso ser acometido por uma doença incapacitante, principalmente quando a doença não afeta a cognição, permanecendo o idoso lúcido.

A involução do idoso à dependência pode acarretar, segundo Seminério (1991), uma situação em que ele passa a ser infantilizado pelas pessoas a sua volta, sendo progressivamente afastado da tomada de decisão. O idoso, nessa condição, pode ser

relegado ou até superprotegido de modo indesejável, criando-se uma imagem e uma auto-imagem de impotência. Sobre isso, Beauvoir (1990) assinala que

A tristeza das pessoas idosas não é provocada por um acontecimento, ou por circunstâncias singulares: ela se confunde com o enfado que as devora, com o amargo e humilhante sentimento de sua inutilidade, de sua solidão no seio de um mundo que só lhes tem indiferença. A decadência senil não é apenas penosa de suportar em si mesma, mas põe o homem idoso em perigo no mundo. Já se viu: ele vegeta à beira da doença, à beira da miséria. Experimenta um sentimento angustiante de insegurança que sua impotência exacerba (pp. 568-569).

Como reação à decadência senil, Birman (1995) afirma que algumas pessoas podem apresentar atitudes melancólicas. Envelhecendo, adoecendo e assumindo os estereótipos que a sociedade institui para designá-lo, o velho pode desestimular-se para novos investimentos (Py & Trein, 2006). Scharfstein (2006) assinala que essas são reações decorrentes de quem se vê atacado em seu narcisismo. A ferida narcísica decorrente da frustração das ilusões da eterna beleza e potência, associada ao processo de adoecimento e marginalização social, causam profundo sofrimento.

Há, ainda, segundo Seminério (1991), um conflito caracterizado “pelo choque entre o desejo crescente de ministrar conselhos e ordens – uma forma de preservar o seu poder – e a rejeição das gerações seguintes frente a esses conselhos como uma forma de reafirmar a sua independência” (pp. 08-09). Outra situação bastante freqüente, segundo o autor, é o isolamento e a solidão. Às vezes, a solidão não é física, mas ocorre quando o idoso pouco ou nada tem em comum com as pessoas que o cercam. Nesse caso, para superar a depressão que possa advir da solidão, é freqüente recorrer, segundo o autor,

a uma defesa maníaca à medida que o imaginário chega a desvincular-se de fatos reais. Em particular, a aproximação da morte pode ser compensada com a crença na imortalidade, ou seja, com uma entrega obsessiva a práticas religiosas. Outra solução eficaz e bem mais sadia é o engajamento em atividades pragmáticas no plano social, capazes de reatar o imaginário à presença constante de um projeto (Seminério, 1991, pp. 09-10).

O engajamento em um projeto remete à importância vital do trabalho de luto, que implica em um desinvestimento de algo impossível de se obter a partir do investimento em algo que substitua aquilo que está inacessível. Como observam Py e Trein (2006), “viver uma ilusão é imprescindível para o ser humano, tanto quanto viver a desilusão, na perda que frustra e provoca sofrimento. Toda nossa vida está pautada em ganhar e perder, sofrer e gozar” (p. 1357). Ora, se as perdas decorrentes do processo de envelhecimento são radicalizadas ainda mais com as perdas decorrentes do processo de adoecimento, resta a possibilidade de elaborar essas perdas e buscar novas aquisições, como a aceitação de um corpo moldado pelas limitações físicas, a busca de novas atividades e o relacionamento com outras pessoas.

A aceitação de sua nova condição decorre do reajustamento emocional que motiva o sujeito a viver, que pode conduzi-lo a um novo meio de vida e levá-lo a se orientar a partir de novos processos identificatórios que o remetam a diferentes modos de subjetivação.

Mesmo sabendo que, na velhice, as aquisições, em geral, não substituem as perdas, o ser humano, através de um reajustamento emocional, pode manter-se impulsionado para a descoberta de novas possibilidades de ser e agir, condizentes com a realidade de ser idoso. Assim, ele poderá envelhecer “satisfatoriamente”.

O envelhecimento satisfatório envolve a capacidade do indivíduo para responder com flexibilidade aos desafios resultantes das mudanças que acontecem em seu corpo, em sua mente e no ambiente, como resultado do processo de envelhecimento. Fala-se aqui em mecanismos de auto-regulação, responsáveis pela manutenção de um estado psicológico equilibrado e estável. Segundo Freire (2006), esses mecanismos mostram grande estabilidade e até crescimento na velhice. Graças a eles, segundo a autora,

as pessoas mais velhas podem tornar-se mais eficazes no uso de processos adaptativos, podem apresentar boa capacidade para compreender a relação entre suas potencialidades e limites, e podem aplicar tal conhecimento ao incremento de seu desenvolvimento pessoal (Freire, 2006, p. 1263).

Um exemplo de auto-regulação trazido por Freire (2006) refere-se à reconfiguração das metas de vida. À medida que o indivíduo envelhece, defronta-se com a impossibilidade de atingir metas de vida antes estabelecidas, mas novas metas podem ser consideradas e novos investimentos realizados. Pesquisas revelam que os idosos alteram seus níveis de aspiração a fim de se acomodarem à nova realidade.

Novaes (2000) menciona um elenco de possibilidades que são abertas frente ao envelhecimento, tais como: o resgate de valores e modos de viver que não puderam ser até então assumidos; a retomada de planos, programas de vida e atividades que precisam ser completados e desdobrados; o ressurgimento de dimensões pessoais como a espiritual, artística e a laborativa; a restauração de desejos e necessidades que não puderam ser satisfeitos devido a frustrações e obstáculos, tanto externos quanto internos; e a reconstrução da identidade pessoal e social com base em novos interesses e motivações, descobrindo criativamente outras facetas do viver e modalidades de prazer.

A partir do resultado de pesquisa com mulheres idosas, Debert (1988) conclui que

As mulheres percebem que vivem, hoje, uma experiência inédita na história. Suas mães e avós tornaram-se, com a idade, cada vez mais infelizes. Elas se vêem vivendo uma experiência de independência nunca antes experimentada. Vêm-se livres da opressão do pai, do marido, do trabalho com os filhos, da sociedade que restringia o velho à casa (p. 68).

Foram apresentadas algumas formas de o sujeito idoso transcender a natureza, resistindo aos seus desígnios e ultrapassando suas intempéries. Isso porque a vida não se realiza única e exclusivamente na dimensão do natural, do biológico. O passado jamais é um dado. É imaginado. E o futuro, um sonho, nunca inteiramente conquistado, já que seu

limite sempre recua até que a morte chegue, imperiosa e inexorável. Entre passado e futuro, o sujeito, no presente, atualiza-se em consonância com o mundo ao seu redor, mediante a elaboração e reelaboração de significados, numa obra do imaginário de se recriar, obra de toda a vida, projeto sempre inacabado.

3. ENVELHECIMENTO: SABER E SUBJETIVIDADE

*Deus criou este mundo. O homem, todavia,
Entrou a desconfiar, cogitabundo...
Decerto não gostou lá muito do que via...
E foi logo inventando o outro mundo.*

Mário Quintana*

3.1 O ENVELHECIMENTO COMO OBJETO DO SABER

O século XX marca o período em que se dá o desenvolvimento de um campo científico voltado para as questões relacionadas à velhice e ao envelhecimento.

A construção desse campo científico se faz em meio a um intercâmbio entre diferentes campos de saber. O discurso da ciência sobre o tema do envelhecimento começa a ser constituído pelo entrelaçamento de outros discursos, contemporâneos e do passado, sobre a questão.

Em função disso, este capítulo traz, sinteticamente, aspectos evolutivos do conhecimento sobre velhice, desde as origens de nossa tradição ocidental até as perspectivas contemporâneas. Acredito que a retomada dessa trajetória pode contribuir para uma melhor compreensão acerca do modo como a velhice é hoje abordada pela ciência pois, como afirma Foucault (1987), “estamos historicamente consagrados à história, à paciente construção de discursos sobre os discursos, à tarefa de ouvir o que já foi dito” (p. XV).

* Poema *Dos mundos*, extraído do site <http://www.fabiorocha.com.br/mario.htm>

Influenciado por Pitágoras – que desenvolveu a teoria dos quatro elementos básicos que participariam da composição de todas as substâncias –, Hipócrates, no séc. V a.C., propõe a teoria dos quatro humores: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. A saúde dependeria do equilíbrio entre eles. Por sua vez, a doença, e também a velhice, decorreriam do desequilíbrio, ou seja, da deficiência ou excesso de um ou mais desses humores. É ele o primeiro a comparar as etapas da vida humana às estações da natureza, associando a velhice ao inverno, quando ocorreria um resfriamento. Hipócrates definiu a idade de 56 anos como o início do envelhecimento. Sua contribuição consiste na descrição exata de características do envelhecimento, como dificuldades respiratórias, dores nas articulações, caquexia, catarata, problemas de audição, entre outras (Beauvoir, 1990).

Um século mais tarde, Aristóteles expõe sua teoria do envelhecimento nos livros *Sobre a juventude e a velhice*, *Sobre a vida e a morte* e *Sobre a respiração*. Assim como Hipócrates, Aristóteles associa a senescência a um resfriamento. O filósofo compara a velhice a uma espécie de chama débil, incapaz de aquecer suficientemente o corpo, tornando-o frágil e senil. Pouco se pode falar sobre a contribuição aristotélica ao estudo do envelhecimento, pois seus pontos de vista basearam-se em especulação (Garcez Leme, 1996).

No séc. II, Galeno elabora a idéia da velhice como intermediária entre a doença e a saúde, pois o envelhecimento acarreta a redução e o enfraquecimento das funções fisiológicas. Galeno fornece, então, alguns conselhos de higiene e de dieta para evitar ou minimizar essas perdas, que foram respeitados na Europa até o século XIX (Beauvoir, 1990).

Avicena fez, no séc. XI, anotações interessantes sobre as doenças crônicas e as perturbações mentais dos anciãos (Beauvoir, 1990).

A Idade Média traz uma preocupação dos médicos com a prevenção de

doenças decorrentes do envelhecimento. No séc. XIII, destacam-se as contribuições de Arnold de Villanova e Roger Bacon. Villanova, em seu livro *Da conservação da juventude e da proteção da velhice*, retoma algumas noções galenianas, concordando que o envelhecimento se devia ao aumento dos humores secos e frios, e traz procedimentos que visam prevenir perdas ou o enfraquecimento das funções fisiológicas (Garcez Leme, 1996). Bacon, para quem a velhice é uma doença, é o primeiro a apresentar a idéia de se corrigir a deficiência da visão com lentes de aumento (Beauvoir, 1990).

Até o fim do séc XV, as obras sobre o tema consistiam de tratados de higiene, tais como a monografia *Gerontocomia*, do médico Gabriele Zerbi, o primeiro trabalho dedicado à patologia da velhice. Nele, Zerbi afirma que a pessoa idosa possui constituição especial que predispõe o indivíduo para mais de 300 doenças, como dificuldades visuais, auditivas e respiratórias, caquexias, insônias, doenças renais e intestinais, entre outras. Uma parte de seus estudos é dedicada às virtudes que os cuidadores de idosos – *gerontocomus* – deveriam ter, como, por exemplo, fé religiosa, moderação no comer, boa aparência, entre outras (Garcez Leme, 1996).

No século XVI, Francis Bacon, ao escrever *A história natural da vida e da morte e a prolongação da vida*, assinala que um espírito jovem inserido em um corpo velho faria regredir a evolução da natureza (Garcez Leme, 1996).

Nesse mesmo século, como aponta Beauvoir (1990), Paracelso desenvolve a idéia do homem como um composto químico e a velhice, como resultado de uma auto-intoxicação.

No século XVIII, o médico Johann Bernard von Fischer escreve um livro cujo objetivo fundamental é distinguir o envelhecimento normal do patológico (Garcez Leme, 1996). Ainda nesse século, Gerard Van Swieten compreende a velhice como uma espécie de doença incurável (Beauvoir, 1990).

Com a Revolução Industrial, ganha relevo a ideologia racionalista e mecanicista. Essa ideologia traz a idéia do corpo como “uma máquina, um conjunto de cilindros, de fusos, de rodas. O pulmão é um fole.” (Beauvoir, 1990, p. 27) O processo de envelhecimento, caracterizado pela degradação do organismo, é comparado a uma máquina que se desgasta.

Uma outra perspectiva desse período acerca do envelhecimento, apontada por Beauvoir (1990), é a teoria conhecida como vitalismo. Esta abordagem preconiza que no ser humano existe um princípio vital, cujo enfraquecimento levaria ao envelhecimento e seu desaparecimento acarretaria a morte.

Para Groisman (2002), no séc. XVIII e início do séc. XIX, os velhos não eram vistos como categoria separada de outros pacientes e, portanto, não requeriam tratamento específico. Segundo o autor, mesmo considerando a existência de doenças associadas à senescência, nem o diagnóstico nem a terapêutica sofreram alterações significativas em função da idade do paciente.

Embora com grandes impasses teóricos, empiricamente, a medicina evoluía, impulsionada pelo intenso progresso da anatomia, que acarretou transformações na maneira como a medicina passa a perceber a doença. Isto porque, com o avanço da anatomia patológica, a medicina começa a buscar os sinais da doença na superfície do corpo (Foucault, 1987), o que significa uma ruptura com o modelo secular de prática médica, que vê a doença como produto da relação do indivíduo com forças cósmicas ou divinas. Voltando seu olhar para a superfície corporal, o discurso sobre a senescência tratava de diferenciar o corpo envelhecido do corpo jovem, reconhecendo sinais que os tornariam distintos. Destacam-se, aqui, de acordo com Beauvoir (1990), as obras de Morgagni e Seiler. A publicação de Morgagni, em 1761, estabelece, pela primeira vez, uma correlação entre sintomas clínicos e observações feitas durante as autópsias.

Morgagni dedica parte de sua obra à velhice. Seiler, em 1799, publica uma obra baseada em autópsias e inteiramente dedicada à anatomia dos velhos.

A criação de grandes asilos contribuiu para o avanço de estudos médicos mais precisos e sistemáticos sobre a velhice. Destaca-se, no séc. XIX, a *Salpêtrière* e a *Bicêtre*, dois dos maiores asilos europeus que abrigavam milhares de doentes, com uma parcela considerável de velhos. Ao agrupar um grande número de pessoas idosas em uma instituição, tornou-se mais fácil coletar dados sobre esse segmento da população. Nesse momento, para Beauvoir (1990), destacam-se as pesquisas de Quetelet e Galton. Em 1835, Quetelet publicou um estudo em que analisa a produção literária de dramaturgos em diferentes idades, demonstrando que a produtividade se mantém até 50/55 anos de idade. Em 1884, Galton aplicou testes em nove mil pessoas com idades variando entre 50 e 80 anos, demonstrando que as capacidades cognitivas se mantêm até os 70 anos.

No fim do séc. XIX, multiplicaram-se as pesquisas na área do envelhecimento e surgiram importantes estudos sobre o tema, como os de Bichat e Charcot (Groisman, 2002), que propuseram uma nova maneira de entender e tratar os idosos: a velhice passa a ser caracterizada de acordo com condições fisiológicas e anatômicas singulares. Desse modo, a partir das pesquisas de Bichat e Charcot, a senescência começou a ser vista como tendo uma especificidade fisiológica. Surgiram vários textos que descreviam a fisiologia e a anatomopatologia da velhice. Como afirma Groisman (2002), o velho, assim como os membros de outros grupos etários, necessitaria ser tratado de acordo com os padrões apropriados para sua faixa etária.

Groisman (2002) destaca, no final do séc. XIX, os trabalhos de Theodor Schwann e Rudolf Virchow, que abordaram o envelhecimento sob a ótica da célula. Segundo o autor,

A célula passaria a ser considerada a unidade básica da vida, responsável tanto pelo crescimento e desenvolvimento do indivíduo quanto pelo seu envelhecimento. Na velhice, o processo de renovação celular funcionaria de maneira deficiente. Com o uso de microscópios, os cientistas viriam a afirmar que a própria composição das células do idoso havia se modificado. De fato, o que a elite médica européia fez foi isolar o envelhecimento em unidades cada vez menores. Nesse processo de reformulação, o envelhecimento veio a ser definido como uma doença progressiva, causadora de múltiplas modificações fisiológicas (Groisman, 2002, p. 71).

No início do séc. XX, surgem os asilos destinados exclusivamente a pessoas idosas. Os velhos, antes cuidados por familiares ou internados em instituições juntamente com os loucos e mendigos, começam a ter uma assistência diferenciada. Nesse contexto, avançaram as áreas científicas voltadas especificamente para o processo do envelhecimento humano. De fato, uma das características do século passado foi a inegável expansão do conhecimento sobre a velhice.

Dos estudos da antiga Grécia à modernidade, vale ressaltar basicamente três aspectos que se reproduzem continuamente: a associação entre velhice e doença, a busca da prevenção e/ou alívio dos sintomas do envelhecimento e as tentativas de prolongamento da vida. É notável que a velhice vem sendo fortemente representada de forma negativa, como um problema que exige intervenções.

Na primeira década do século XX, foram fundadas a Gerontologia e a Geriatria. Papaléo Netto (2006) afirma que, em 1903, o médico Elie Metchnikoff defendeu a idéia de um campo de investigação dedicado ao estudo do envelhecimento, da velhice e dos idosos, a Gerontologia, termo composto por *gero* (velho) e *logia* (estudo ou conhecimento). Inicialmente, segundo Groisman (1999), a Gerontologia se limitava ao estudo do prolongamento da vida através de intervenções médicas e se restringia ao âmbito acadêmico. A partir da década de 1940, ela se torna multidisciplinar e estende-se “além dos limites dos consultórios médicos.” (Groisman, 1999, p. 52) Em 1909, o médico Ignatz

Nascher criou uma nova especialidade da medicina, voltada para o tratamento das doenças de idosos e da própria velhice, introduzindo o termo Geriatria, em que *gero* se associa a *iatrikos* (tratamento), significando o estudo clínico da velhice, para se referir a ela (Papaléo Netto, 2006). Seu estudo foi fundamental para diferenciar cientificamente a velhice das outras faixas etárias¹⁰. Para Nascher, os avanços da Geriatria permitiriam que os médicos se tornassem “capacitados para estabelecer as diferenças entre as mudanças fisiológicas e patológicas e tratar somente as doenças – e não as condições normais – da velhice” (Groisman, 2002).

Além de Metchnikoff e Nascher, cabe aqui destacar o trabalho do psicólogo Stanley Hall que, em 1922, publicou o *Senescence: the last half of life*. Nesse estudo, Hall foi de encontro a concepções simplistas de velhice, que a viam como o reverso da adolescência, procurando apresentar uma visão menos pessimista sobre a evolução da decadência e da degeneração do ser humano com o avançar dos anos (Papaléo Netto, 2006). Em sua obra, Hall chama a atenção para os aspectos psicológicos dessa fase da vida (Groisman, 2002).

Na década de 1930, Marjory Warren e Edmund Cowdry propõem que as questões do envelhecer sejam abordadas de maneira multidisciplinar. Os autores, assim, trazem importantes contribuições para os estudos do envelhecimento ao traçar as bases do que viria a se transformar na avaliação multidimensional e interdisciplinar da saúde do idoso (Groisman, 2002; Papaléo Netto, 2006).

O progressivo interesse pelos temas geriátricos dá origem a três sociedades nos Estados Unidos na década de 1940: a *American Geriatric Society*, a *Gerontological Society of América* e a *Division of Maturity and Old Age*, uma subdivisão da *American*

¹⁰ Nascher buscou desenvolver uma base clínica que distinguísse a velhice no curso de vida. Para tanto, dedicou-se a estudar as características que diferenciam o corpo dos velhos do corpo dos jovens.

Psychological Association (Neri, 1995).

Em 1950, segundo Garcez Leme (1996), é fundada a *International Society of Gerontology*. Para Papaléo Netto (2006), o período compreendido entre 1950 e 1970 foi significativo para as pesquisas longitudinais envolvendo a questão do envelhecimento. A ênfase nessas pesquisas recaí sobre críticas envolvendo pesquisas anteriores, que compararam pessoas jovens e idosas no mesmo momento histórico, desconsiderando fatores sócio-históricos. Os estudos longitudinais constituíram um fator importante para o desenvolvimento da interdisciplinaridade no campo da Geriatria e Gerontologia, pois geralmente incluíam cientistas de várias áreas.

No Brasil, em 1961, é criada a Sociedade Brasileira de Geriatria por um grupo de médicos liderados por Roberto Segadas Vianna (Gomes, 2000). Posteriormente aberta também a profissionais de outras áreas, em 1969, ela passa a ser denominada Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.

Papaléo Netto (2006) aponta dados surpreendentes acerca do crescente número de trabalhos na área do envelhecimento humano no período de 1969 a 1979. Segundo o autor, este aumento foi de 270%. Ele acrescenta, ainda, que parte considerável dessas pesquisas (60%) se volta para o estudo dos processos intelectuais na velhice e suas implicações para a adaptação dos idosos.

Da década de 1980 em diante, novos enfoques despontam a partir de uma preocupação social com a população idosa (Groisman, 2002). Papaléo Netto (2006) cita, como exemplos, a atenção dada ao papel da família no cuidado dos idosos, às mudanças no sistema previdenciário, à inserção de idosos em processos pedagógicos e ocupacionais e à necessidade de formação de recursos humanos na área da Geriatria e da Gerontologia.

Nota-se que o surgimento da velhice como objeto de conhecimento e de intervenção científica não se restringe à abordagem do corpo envelhecido. A velhice

também passa a ser singularizada por suas condições sociais e psicológicas. Assim, discursos de outras disciplinas científicas se juntam ao discurso da Geriatria.

Segundo Papaléo Netto (2006), a Geriatria se estrutura, atualmente, no contexto gerontológico. A Gerontologia, por sua vez, pode ser entendida, segundo ele, como um campo científico multi e interdisciplinar, cujas finalidades são o estudo das pessoas idosas, as características da velhice enquanto fase final do ciclo de vida, o processo de envelhecimento e seus determinantes biopsicossociais. Para o autor, são três as divisões do campo gerontológico: a Gerontologia social, que aborda aspectos não-orgânicos (antropológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, ambientais e éticos); a Geriatria, voltada para os aspectos médicos da assistência à saúde em nível curativo e preventivo; e a Gerontologia biomédica, que estuda o envelhecimento sob o ponto de vista molecular e celular.

A apropriação da velhice pelas ciências significa transformá-la em objeto de estudo e intervenção sistemáticos. Já a expansão do seu estudo e de sua intervenção para diversas áreas, além da área médica, significa assumir, como verdadeira, a premissa de que o envelhecimento é um processo multifacetado. Finalmente, a proposta de integração desses saberes em um único campo científico – a Gerontologia – significa pensar a velhice, não apenas em termos de multiplicidade, mas também em termos de complexidade, o que pode ser alcançado somente a partir da interlocução de diferentes saberes e abordagens.

Aqui, somos confrontados com o desafio de explicar o fenômeno do envelhecimento através de uma abordagem interdisciplinar.

No Brasil, a discussão sobre a abordagem interdisciplinar ganha relevo com a publicação, em 1976, da obra de Japiassu, intitulada *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. O autor defende a interdisciplinaridade, argumentando que a especialização cada vez maior na ciência conduz a uma “alienação científica” (Japiassu, 1976). Isolados em

seus nichos, cientistas desenvolvem recursos e técnicas sem uma reflexão sobre seu uso, critica Japiassu (1976). Assim, a divisão das ciências é apontada pelo autor como um movimento contrário à ética, impedindo uma reflexão mais ampla sobre as práticas científicas e suas conseqüências para a humanidade. Contudo, há aqueles que buscam despolarizar essa discussão, evitando apresentar a especialização como algo mau e a interdisciplinaridade como algo bom. Ambas têm seu espaço de contribuição para o avanço do conhecimento (Doll, 2006).

Doll (2006) apresenta uma tendência, no mundo científico de hoje, de maior interação entre as diferentes disciplinas. Essa interação, segundo o autor, não significa necessariamente a abolição da disciplinaridade, mas a percepção de que certos progressos somente serão possíveis compartilhando-se resultados, métodos e teorias.

Pode-se pensar em vários níveis de interação entre as disciplinas, conduzindo-nos aos seguintes conceitos elaborados por Japiassu (1976): multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

A multidisciplinaridade, segundo o autor, consiste no agrupamento de várias disciplinas, sem que exista qualquer tipo de coordenação ou cooperação entre elas. Na pluridisciplinaridade, observam-se relações entre as disciplinas sem, contudo, haver influência de uma sobre a outra. A interdisciplinaridade representa uma interação mais intensa, em que existe um intercâmbio de resultados, métodos e instrumentos, e em que cada disciplina contribui para o desenvolvimento da outra. A transdisciplinaridade, por sua vez, ocorreria como conseqüência da abolição das fronteiras entre as diferentes disciplinas.

Cabe apontar aqui que a transdisciplinaridade, para Japiassu (1976), é ainda um ideal, e a interdisciplinaridade, quando real, se realiza em raras ocasiões no contexto hegemônico da multi e da pluridisciplinaridade.

A interdisciplinaridade, segundo Doll (2006), encontra dificuldades de realização devido a, basicamente, três problemas, que se baseiam em dificuldades e interferências inerentes ao processo de comunicação, em aspectos psicológicos dos próprios cientistas e na relação hierárquica entre as comunidades científicas.

O problema da comunicação refere-se à importação descuidada de conceitos de outras disciplinas, tendo em vista que as diversas disciplinas definem conceitos que só podem ser compreendidos quando inseridos em uma estrutura teórica. Contudo, ao importar conceitos de outras disciplinas sem conhecer as teorias nas quais os conceitos estão ancorados, gera-se uma confusão, pois os conceitos, descontextualizados, tornam-se ambíguos, incertos e, portanto, frágeis.

O segundo problema relaciona-se aos aspectos de ordem psicológica dos próprios cientistas e diz respeito à sua tendência de exaltar a própria disciplina em detrimento das demais. Isso nos remete à afirmação de Enriquez (1983) de que o fortalecimento da identidade de um grupo se faz na medida em que seus membros se juntam contra algo que lhes é exterior. O fato de pertencerem a diferentes comunidades científicas e a tendência à auto-valorização pode dificultar o intercâmbio entre pesquisadores de diferentes disciplinas, já que, em muitos casos, as comunidades concorrem pela hegemonia do saber.

O segundo problema, por sua vez, nos conduz ao terceiro: a questão da relação entre as comunidades científicas baseada em uma hierarquia existente no campo

das ciências. A esse respeito, Foucault (1995) aponta a soberania do saber médico como marca do séc. XX¹¹.

A separação entre as áreas da Geriatria e da Gerontologia reflete essa hierarquia. Groisman (2002), ao analisar a programação do Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia ocorrido em Brasília no ano de 2000, observa que a programação estava majoritariamente voltada para os assuntos médicos. Desse modo, embora a Gerontologia assuma uma abordagem ampla, os temas geriátricos foram privilegiados.

Assim, segundo Doll (2006), com as dificuldades e obstáculos criados ao avanço da Gerontologia como campo científico interdisciplinar, é mais provável haver uma coexistência de estudos mono, multi e interdisciplinares no campo da Gerontologia do que sua transformação em uma ciência coesa e homogênea. Para o autor, porém, a multiplicidade e a heterogeneidade não devem ser vistas como algo negativo. Podem constituir uma divergência produtiva que impulse a pesquisa gerontológica.

E, apesar desses obstáculos, há, para Doll (2006), uma tendência atual que conduz a um maior intercâmbio entre as disciplinas científicas, o que fortalece o *status* científico da Gerontologia. A esse respeito, cabe trazer aqui algumas observações de minha pesquisa de mestrado (Couto, 2003), cujo objetivo foi estudar os discursos de geriatras. A análise nela empreendida desses discursos revela que a Geriatria, como campo simbólico, comporta respostas atravessadas por múltiplas perspectivas, tanto tradicionais – que enfatizam o aspecto degenerativo do envelhecimento – quanto inovadoras – que abordam o envelhecer em termos biopsicossociais. Essa heterogeneidade de significados

¹¹ Foucault (1995) afirma que o Estado Moderno ocidental herdou do Cristianismo Primitivo uma forma de poder que é designado como poder pastoral. Em sua forma primitiva, o poder pastoral representa a lei de Deus, determinando comportamentos e atitudes – que Foucault denomina “técnicas de cuidado de si” – e preconizando a renúncia dos desejos com vistas à obtenção de uma pureza que venha a conferir a salvação eterna (imortalidade). No Estado Moderno, o poder pastoral assume novos contornos. Após séculos associado a uma instituição religiosa, amplia-se para outras instituições, em particular para a medicina. Isso porque, na modernidade, a Ciência ocupa o lugar do divino e o discurso médico determina que as práticas para o cuidado de si visem, não à salvação no outro mundo, mas neste mundo em que vivemos. Assim, a palavra salvação passa a significar saúde, prosperidade e bem-estar.

nos discursos dos geriatras por mim entrevistados assinala o entrelaçamento de conceitos e noções do envelhecimento, tornando, muitas, vezes, suas falas contraditórias e divergentes, e até mesmo inconsistentes. Tal fato parece revelar que os discursos desses geriatras – como o discurso social, em geral – passa por um momento de transição com relação aos significados associados à velhice. Isso ocorre porque, apesar de o discurso geriátrico ser tradicionalmente calcado nos paradigmas da racionalidade médica moderna, novos paradigmas foram sendo a ele incorporados. Entretanto, o novo não substitui o arcaico instantaneamente. Segundo Santos (2001), “A geração do novo, na história, dá-se freqüentemente, de modo quase imperceptível para os contemporâneos, já que suas sementes começam a se impor quando ainda o velho é quantitativamente dominante” (p. 141). Há, assim, um longo processo de transição de significados, o que provoca, na Geriatria, um estado de tensão entre a tradição e a inovação, que lhe confere o caráter contraditório.

Ressalto que as contradições apontam para a historicidade e para o fato de que os sistemas de conhecimentos e crenças que nos embasam estão sempre inacabados e abertos aos novos. Estas contradições são comuns em contextos de mudanças, como salienta Fairclough (2001), pois apontam para um processo de desconstrução de conceitos consistentes, porém preconceituosos sobre o envelhecer, e para o surgimento de novas posições epistemológicas e ideológicas, que trazem significados mais abrangentes de velhice, frutos da interlocução entre diferentes abordagens.

3.2 A SUBJETIVIDADE COMO OBJETO DE CONHECIMENTO

Estudos sobre a subjetividade vêm ganhando relevo no campo da Psicologia. Segundo Neri (2006), há três paradigmas que sustentam uma multiplicidade de teorias psicológicas acerca do envelhecimento: o paradigma de mudança ordenada, o paradigma contextualista e o paradigma do desenvolvimento ao longo da vida (*life-span*).

Segundo a autora, algumas teorias fundamentadas no paradigma de mudança ordenada, de orientação organicista, afirmam que o desenvolvimento é organizado por eventos de natureza ontogenética, descrevendo-o como um processo balizado por estágios que seguem a seguinte tendência: crescimento, estabilidade e declínio (essa última etapa refere-se ao envelhecimento). Outras teorias fundamentam-se no paradigma contextualista, preconizando a velhice como resultado da mútua influência entre o indivíduo e o ambiente social. Um terceiro paradigma apontado pela autora é o do desenvolvimento ao longo de toda a vida (*life-span*), de orientação dialética, que abrange aspectos das perspectivas organicista e contextualista e percebe o envelhecimento como fruto da interação do organismo com o ambiente, ambos ativos e em mudança, numa tensão constante.

Dentre as teorias que refletem o paradigma de mudança ordenada, destaca-se a de Erikson (1982). O autor tomou como ponto de partida a teoria freudiana sobre a sexualidade infantil e a ela acrescentou outros estágios, correspondentes à vida adulta e à velhice. Erikson (1982) considera as influências socioculturais na manifestação e na resolução das crises evolutivas do ciclo de vida e concebe o desenvolvimento como um processo de alternância entre crise e estabilidade. Em seu argumento, o enfrentamento ativo da crise do envelhecimento se reflete na tarefa de auto-aceitação, desenvolvimento de integridade da história pessoal e formação de um ponto de vista sobre a morte. Embora

possa ser observada na teoria eriksoniana a consideração das influências socioculturais, este não foi um ponto enfatizado em sua abordagem (Neri, 2006).

A ênfase nas influências socioculturais surge com as teorias do paradigma contextualista, que defendem a idéia de que o desenvolvimento é produzido pela interação do indivíduo com o contexto social onde está inserido. Segundo esse paradigma, indivíduo e sociedade são mutuamente influentes e co-participam da construção do desenvolvimento individual e dos grupos de pessoas da mesma idade, isto é, que nasceram na mesma época (coortes). Nessa perspectiva, a sociedade constrói cursos de vida na medida em que prescreve quais são os comportamentos apropriados para as diferentes faixas etárias¹². Uma grande contribuição do paradigma contextualista refere-se à análise dos significados dos eventos de transição na vida das pessoas, que podem assumir duas formas, as normativas e as idiossincráticas. As transições normativas são as que têm uma época esperada de ocorrência, em consonância com o que é prescrito pela cultura, como o casamento e a aposentadoria. As transições idiossincráticas são as que ocorrem raramente ou têm uma época de aparecimento imprevisível, como o divórcio e o desemprego. Por serem esperadas, as transições normativas têm menor impacto emocional e sua vivência é acompanhada pelo seu grupo de identificação, o que assegura apoio social e senso de normalidade. As idiossincráticas, por sua vez, são geralmente vividas de forma solitária (Neri, 2006).

Segundo o modelo de desenvolvimento ao longo da vida – *life-span* –, o envelhecimento é concebido como um processo multidirecional e multidimensional, caracterizado pela ocorrência conjunta de ganhos, perdas e estabilidades. Os indivíduos são vistos como possuidores de um potencial para a mudança, chamado de plasticidade,

¹² De acordo com Neri (2006), mesmo considerando que parte dos eventos marcadores do desenvolvimento é biológica, como nos casos da menarca e da menopausa, o paradigma contextualista argumenta que as sociedades lhes atribui significados e ritualiza esses momentos. É essa conjugação de fenômenos biológicos com processos psicossociais que faz surgir o conceito de desenvolvimento.

que determina a extensão e os limites do desenvolvimento, a flexibilidade e a resistência da vida diária. O grau de plasticidade depende dos recursos econômicos, sociais e subjetivos disponíveis em um dado momento. Outro aspecto importante considerado por este modelo é o potencial dos indivíduos para a manutenção e recuperação do seu nível de adaptação frente aos eventos limitadores e facilitadores do processo de desenvolvimento normal (Freire, 2006). As múltiplas perdas determinam a necessidade de utilização de reservas de capacidade para o fortalecimento da plasticidade. Os indivíduos diferem em relação a sua capacidade para usar os mecanismos adaptativos que os protegem contra as adversidades decorrentes do envelhecimento.

Da articulação desses paradigmas, é assumida aqui a perspectiva denominada *life-span*, que defende o envelhecimento como uma experiência heterogênea, fruto de um processo determinado pela interação constante de eventos de natureza genético-biológica, psicossocial e sociocultural. Nesse processo, atuam influências normativas e idiossincráticas, às quais a pessoa idosa reage através de mecanismos de auto-regulação, responsáveis por seu bem-estar subjetivo.

4. ENVELHECIMENTO: CULTURA E SUBJETIVIDADE

*A vida só é possível
reinventada.*

Cecília Meireles*

4.1 O ENVELHECIMENTO COMO FENÔMENO CULTURAL

Ao ser perguntado sobre o que entende por velho, Bourdieu (1983) responde: “Quando digo jovens/velhos, tomo a relação em sua forma mais vazia. Somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (p.113).

Sua resposta, apesar da aparente simplicidade, comporta, ao menos, dois aspectos fundamentais para este estudo: em primeiro lugar, questiona a existência de um conceito essencial, abstrato de velhice e, em segundo lugar, indica que a tarefa de conceituar o termo requer um cuidadoso trabalho de relativização e contextualização.

Uma vez que este estudo toma como uma de suas referências o envelhecimento como fenômeno sociocultural, é realizado, a seguir, um apanhado geral sobre alguns aspectos que permitem melhor compreender o envelhecimento no contexto da sociedade ocidental contemporânea, enfatizando, mais especificamente, o processo cultural que engendra uma transformação social da velhice no cenário brasileiro.

Pensar a velhice significa inseri-la em um contexto em que os mais velhos são representados como grupo marginalizado (Beauvoir, 1990). Pensar a velhice hoje exige

* Poesia intitulada “Reinvenção”, extraída do site http://www.releituras.com/cmeireles_menu.asp

circunscrevê-la num cenário marcado por intensas transformações simbólicas que afetam os processos mediante os quais conferimos significados ao envelhecimento e administramos as relações intra e intergeracionais em nossa sociedade.

Ora, essas relações são fortemente influenciadas pelo processo de periodização da vida. Esse processo assume, ao longo dos séculos, marcas distintas, sendo, portanto, fruto de uma construção histórica e não de etapas naturais do desenvolvimento (Ariès, 1981).

O curso de vida moderno se constrói a partir de um processo de cronologização que compartimenta a vida em faixas etárias distintas. De acordo com Birman (1995), a periodização da vida, tal como a concebemos – infância, adolescência, idade adulta e velhice –, origina-se na ideologia cientificista do evolucionismo, que insere o desenvolvimento do organismo humano em um modelo construído pela ordenação de seqüências previsíveis.

A legitimação dos limites entre as fases de desenvolvimento humano funda as distinções entre as diferentes faixas etárias e contribui para delimitar o lugar do jovem e do velho em nossa sociedade. Essa periodização das idades da vida é uma resposta a um sistema baseado no mercado de trabalho, próprio da modernidade, configurando-se como elemento fundamental para a organização social e política. De acordo com Debert (1999),

a institucionalização do curso da vida, própria da modernidade, não significou apenas a regulamentação das seqüências, mas também a constituição de perspectivas e projetos, por meio dos quais os indivíduos orientam-se e planejam suas ações, individual e coletivamente (pp. 51-2).

De acordo com o exposto, consideramos as categorizações que institucionalizam o curso vital como importante referência para a distribuição de poder e prestígio, contribuindo para definir, assim, as relações com os mais velhos, geradoras de formas de discriminação que exaltam a juventude em detrimento da velhice. Como

assinala Lins de Barros (2006), a velhice é percebida com os olhos da juventude. Por isso, é vista como declínio e, sobretudo, como impossibilidade de ser valorizada.

Apesar de essa visão ser de certo modo uma caricatura, é a partir dela que nossa sociedade elabora os significados de velhice, orientando-se por uma ideologia voltada para a produção, consumo e acumulação de riquezas, em que o avançar da idade acarreta uma desqualificação (Trein, 1993).

A desqualificação gera, por sua vez, usualmente, um empobrecimento com o avançar dos anos. A desvalorização das aposentadorias e das pensões e os constantes aumentos no custo de vida – que não costumam ser acompanhados de uma correção anual dos benefícios previdenciários – contribuem para agravar o problema econômico da maioria dos idosos. De acordo com dados divulgados pela Fundação Getúlio Vargas em 2001, uma característica recorrente na população brasileira é a de que as pessoas idosas são mais pobres do que os adultos da mesma população (Rodrigues & Rauth, 2006). Cerca de 70% dos aposentados e pensionistas do INSS recebem entre um e dois salários mínimos por mês (Goldman, 2001). Neste contexto, torna-se comum o reingresso de idosos no mercado de trabalho, quase sempre em subempregos.

Dentre os fatores que contribuem para a exclusão social dos idosos, acrescentam-se a nuclearização da família, acompanhada da redução dos espaços habitacionais, e o divórcio, que permitiu a formação legal de novos núcleos familiares e possibilitou o surgimento de um novo estilo de vida marcado pela transitoriedade dos laços afetivos (Fridman, 2000). Nesses novos arranjos sociais, surge, então, a pergunta aflita: Quem vai cuidar de mim quando eu envelhecer?

A questão do cuidado do idoso é preocupante, principalmente quando pensamos nos serviços de saúde pública no Brasil, ainda sem mecanismos para o agenciamento de ações que acompanhem as mudanças demográficas e epidemiológicas.

Neste contexto, torna-se freqüente e injusto transferir a carga do cuidado para a família dos anciãos.

É certo que a classe social interfere na questão da qualidade dos cuidados. Aqueles que detém maior poder aquisitivo dispõem de algumas opções: podem usufruir de apartamentos com serviços (*apart-hotéis*), ser usuários de instituições gerontológicas de luxo ou ficar em suas próprias casas com acompanhamento de pessoal especializado. Contudo, esses idosos constituem uma parcela muito pequena da população. Na maioria dos casos, a escassez de rendimentos impede os mais velhos de manter uma qualidade de vida minimamente aceitável, com acesso a exames de saúde sistemáticos, a uma alimentação adequada e a um ambiente físico apropriado para sua idade.

Aos fatores acima mencionados, soma-se também a chamada revolução técnica e científica como elemento que contribui para a exclusão das pessoas de idade avançada, uma vez que os idosos têm oportunidades restritas de acompanhar o ritmo das mudanças culturais impostas por esse processo (Goldman, 2001). Além disso, tais mudanças imprimem um sentido positivo às inovações em detrimento das tradições. O desprezo à tradição torna-se, então, um desprezo à velhice, como denuncia Bosi (1987).

Na origem da discriminação dos mais velhos, além de razões de ordem econômica e social, estão também razões de ordem existencial.

Nossa cultura representa a finitude da existência como algo negativo. Essa negação se estende à representação do envelhecimento. De acordo com Beauvoir (1990), inconscientemente, ignoramos a velhice, alimentando-nos da ilusão da eterna juventude. No dizer de Seminério (1999), ostentamos uma tendência para arquivar e silenciar a morte e a velhice, vistas pela marca do horror.

Em função dos aspectos aqui apresentados, torna-se comum o desenvolvimento de uma relação peculiar com os velhos, permeada por defesas que levam

à criação de recursos para afastar o envelhecimento de nosso cotidiano e de nossa lembrança. Ressaltamos que tais recursos, por sua naturalização, não são percebidos como tais.

Um primeiro recurso é o afastamento ideológico, alcançado a partir da estigmatização da velhice. Como fase de degeneração, é justificada sua exclusão. Como “terceira idade”, “feliz idade” ou, mesmo, “melhor idade”, como alguns insistem em chamar, mascara-se o alijamento, seduzindo os idosos para o consumo (Paz, 2001)¹³.

Um segundo recurso refere-se ao afastamento funcional e espacial da pessoa que envelhece. Sob a titulação de improdutivos ou inválidos, idosos são isolados em casas ou asilos¹⁴. Para Birman (1995), o idoso é representado como “alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo” (p. 39).

Como terceiro recurso, assinalo a atitude paternalista, demonstrada, por exemplo, no ato de cobrir os velhos de mimos e atenções exageradas. Isso reforça a ideologia que apresenta a velhice pelo viés da vitimização.

Finalmente, outro recurso é a transformação da velhice em tabu. Nessa perspectiva, retomo a denúncia de Beauvoir (1990) de que existe uma conspiração do silêncio em relação ao assunto.

Esse investimento de significados negativos no envelhecer promove o que Butler (1969) define como *ageism*, referindo-se a um tipo de intolerância comparável à racial, à religiosa ou a que se estabelece com base no sexo das pessoas, dando origem a

¹³ Paz (2001) argumenta que não só a velhice é marcada pelo estigma, como também a juventude. Para ele, “velhos e jovens tornam-se seres dissonantes transformados em massa anônima (invisível) vagando no tempo da modernidade. Nessa esquizofrenia nega-se a velhice e não se reconhece a juventude (...) nutre-se apenas uma ilusão de valorização de ambos” (p. 39).

¹⁴ A aposentadoria constitui tanto um fator de afastamento funcional quanto espacial. Além de significar *retornar aos aposentos*, traz ainda um sentido de separação funcional – fim de carreira – e de exclusão espacial – recolhimento.

práticas segregacionistas, à restrição de oportunidades e a um tratamento desigual.

Entretanto, enquanto, por um lado, o idoso é apontado como vítima da miséria e da exclusão, os meios de comunicação têm apresentado também imagens de uma velhice gratificante, a chamada “terceira idade”, expressão utilizada para designar os velhos que dispõem de saúde e recursos financeiros para atender a expectativas em relação à satisfação pessoal (Peixoto, 2000)¹⁵. As novas imagens do envelhecimento veiculadas pela mídia estão imersas em concepções autopreservacionistas, transmitindo a idéia de que a qualidade de vida pode ser conquistada através de algumas medidas pessoais. A esse processo, Debert (1999) chama de “privatização da velhice”, em que o envelhecimento passa a ser visto como algo que pode ser evitado através do esforço próprio.

A crença de que não há limites para a intervenção tecnológica sobre o corpo promove uma maior exigência sobre as pessoas para que não envelheçam e implica numa cruel intolerância em relação àqueles que envelhecem.

Agonizando uma morte social, os velhos têm como destino o “gueto”. Segundo Wacquant (1998), um gueto combina o confinamento espacial com o fechamento social. Isso ocorre porque a distância física confunde-se com a distância moral. O gueto não precisa de muros para conter os que ali estão. Seus prisioneiros são imobilizados pelo estigma e a humilhação pública compartilhados. O gueto é reservado àqueles que supostamente não podem mais manter-se participando do grande jogo social, àqueles que,

¹⁵Sobre a diversidade das formas de representar e nomear a velhice, Peixoto (2000) desenvolve interessante estudo. A autora faz uma comparação entre os termos velho, idoso e terceira idade. O termo velho tem, segundo a autora, “uma conotação negativa ao designar, sobretudo, as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio. [Velho] passa a ser sinônimo de decadência, sendo banido dos textos oficiais” (Peixoto, 2000, p. 78). Por sua vez, o termo classificatório idoso refere-se a um tratamento mais respeitoso para com as pessoas de idade avançada. Finalmente, para a autora, a expressão terceira idade é utilizada para designar os jovens velhos, referindo-se a pessoas aposentadas que dispõem de saúde e recursos financeiros para atender a expectativas em relação à satisfação pessoal. O objetivo dessas classificações não é substituir um termo mais agressivo por outro, menos agressivo. Não se trata de um processo de eufemização com propósitos de melhorar ou atenuar a forma negativa de representar socialmente a velhice. Essas classificações, sub-repticiamente, promovem uma estigmatização, cujo objetivo é definir o lugar de cada indivíduo e estipular formas de interpelação, dependendo de a pessoa ser considerada velha, idosa ou da terceira idade.

assimilando, na auto-imagem, os estereótipos que o social usa para designar os velhos, fecham-se para as possibilidades de investimento na vida (Py, 1999).

O grande jogo social marca uma era que, ao prolongar as vidas sem garantir-lhes qualidade, condena à exclusão os que envelhecem. Tal jogo provoca o “medo de que, não morrendo, também não possa viver” (Py, 1999, p. 114).

4.2 SUBJETIVIDADE E TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS

A partir da problemática apresentada, propõe-se uma reflexão sobre algumas possibilidades de transformação desse cenário de exclusão através da participação dos idosos nas práticas sociais.

Hoje, o envelhecimento populacional coloca em evidência uma parcela da população que, até então, não se destacava numericamente. Em todo o mundo, cresce o contingente de pessoas idosas. Isso ocorre em função de dois fenômenos: o aumento da longevidade e a queda nos índices de natalidade¹⁶. Vale ressaltar que o crescimento da população mais velha em países em desenvolvimento tem sido maior do que o crescimento em países desenvolvidos.

No Brasil, desde o início do século XX, a expectativa de vida vem crescendo, mais intensamente a partir da década de 1950. De acordo com Chaimowicz (2006), a proporção de óbitos com 60 anos de idade ou mais passou de 38% em 1980 para 58% em 2003. Essa elevação da longevidade é atribuída, particularmente, à descoberta dos

¹⁶ Para uma população se tornar envelhecida, é preciso que ocorra o aumento na proporção de idosos, sendo necessário que ocorra uma redução no número de jovens. Trata-se exatamente do que está ocorrendo na sociedade brasileira: uma redução da fecundidade com concomitante redução da mortalidade (Camarano, 2006).

antibióticos, à criação das unidades de terapia intensiva, ao desenvolvimento de vacinas e à mudança de estilo, esta decorrente da elevação dos níveis de higiene pessoal, da urbanização e da melhoria de condições sanitárias, ambientais e nutricionais (Silvestre & cols., 1996). Dados revelam que a participação de idosos no total da população nacional mais do que dobrou nos últimos anos: passou de 4 % em 1940 para 8,6% em 2000. Projeções recentes indicam que esse segmento poderá ser responsável por aproximadamente 15% da população brasileira em 2020 (Camarano, 2006).

Entretanto, a visibilidade da população idosa é alcançada, não somente em termos de número, mas também através do poder reivindicatório dos velhos. À guisa de ilustração, é citada aqui a mobilização dos aposentados pelos 147% de reajuste das aposentadorias, que impactou o setor político na última década do século XX. Simões (2000) faz uma elucidativa análise sobre esse fato. Em 1991, o salário mínimo recebeu um aumento de 147,06%, mas os benefícios da Previdência Social foram reajustados em 54,6%, apenas. Esse reajuste foi determinado com base em uma interpretação das disposições das leis nº 8.212 e 8.213, que estipulavam novas regras para o reajuste dos benefícios da Previdência, desvinculado do salário mínimo. A partir de então, aposentados e pensionistas em diversas partes do Brasil se mobilizaram para que lhes fosse garantido o reajuste de 147%. Entre avanços e retrocessos, ao longo de uma verdadeira batalha judicial, essa reação alcançou a mídia: passeatas de idosos, filas diante dos postos da Previdência Social, resistência à repressão policial. No final, a vitória dos aposentados foi alcançada. Mesmo sem o poder de greve e média de idade de 60 anos, eles foram considerados como “a vanguarda do protesto social no país” (Simões, 2000, p. 29).

O poder reivindicatório dos mais velhos vem confirmar a afirmação de Freire (1998), de que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam. Essa fala nos remete à abordagem de Enriquez (1994), para quem o sujeito, em maior ou menor

grau, participa da dinâmica da sociedade como ser ativo, num movimento de submissão, mas também de resistência.

Apesar de estarmos delineando um contexto hegemonicamente marcado pela marginalização da velhice, cujos discursos contribuem para definir o lugar dos velhos na sociedade, enfatizamos que envelhecer é uma experiência regulada por padrões socioculturais que definem sua significação e uma experiência vital singular, própria de cada ser (Py & Trein, 2006). Portanto, o grande desafio reside em compreender como a pessoa idosa interioriza esses padrões e confere significados ao seu envelhecimento.

A ausência de determinismo absoluto das convenções socioculturais e a singularidade inalienável da experiência de envelhecer nos dão margem para redefinir ações que constroem a história na busca de promover elevação da qualidade de vida na velhice.

Contudo, essa busca excede os limites da responsabilidade individual. Deve ser encarada, como afirma Neri (1993), como projeto que deve envolver o planejamento dos ambientes de trabalho e dos espaços urbanos e impactar o sistema de saúde, o previdenciário e o sistema de educação, incluindo o próprio modelo de formação de profissionais que atuam na área. Trata-se, portanto, de um projeto coletivo fundamentado na articulação entre diferentes instâncias sócio-políticas e em alianças intergeracionais.

A articulação entre instâncias sócio-políticas tem sido enfatizada nos diversos encontros voltados para a questão do envelhecimento. Em 1991, foram formulados os Princípios das Nações Unidas para pessoas idosas, que definiram orientações para áreas de participação e cuidado. Recentemente, no Brasil, o Estatuto do Idoso foi consolidado através da Lei N° 10.741, de 1° de outubro de 2003, responsabilizando a família, a comunidade, a sociedade e o poder público pela qualidade de vida na velhice.

As alianças intergeracionais tornam-se possíveis porque, em uma mesma geração, encontramos progressistas e conservadores, promovendo continuidades e rupturas nas posições individuais e coletivas. Para Canclini (1998), diferentes categorias que, a princípio, são apresentadas como dicotômicas, desenvolvem uma relação atravessada por “processos ambíguos de interpenetração e mescla” (p. 275). Assim, a relação entre jovens e idosos não é necessariamente dicotômica, podendo ser dialógica, pois os mais velhos estão interessados em modernizar-se e os jovens, em manter o tradicional, ou parte dele, como referência. Essa necessidade recíproca gera, segundo Canclini (1998), “um *jogo de uso* do outro nas duas direções” (grifo do autor, p. 277). A assimetria entre as gerações permanece, mas se distancia de um simples esquema antagônico entre jovens e velhos, aproximando-se de uma abordagem dialética.

Mesmo diante das relações marcadas por fragmentação, individualismo, imediatismo e transitoriedade (Bauman, 1999), continuamos a pertencer a um grupo familiar, social e cultural, isto é, temos uma história pregressa que precisa ser lembrada e contada por aqueles que a testemunharam. Segundo Bosi (1987), a função social do idoso é lembrar, tornando-se a memória viva da família, do grupo, da instituição e da sociedade¹⁷. Há outras contribuições, como cuidados de netos e inserção em atividades voluntárias. Além disso, o idoso traz importantes contribuições econômicas, pois mesmo com o empobrecimento decorrente da idade e embora sua renda não venha aumentando significativamente no tempo, a importância da renda cresceu. Isso ocorre em detrimento da participação das outras rendas.

Aos idosos que sofrem pela perda de autonomia e independência, exigindo

¹⁷ Menciona-se aqui a experiência desenvolvida por Py (1999) ao promover a participação de idosos em salas de aula de História do Brasil. A autora assinala a presença de uma velhice que oferece “rico repertório de habilidades aprendidas, de conhecimentos e de experiências, [trazendo] consigo o instrumental competente e necessário para resgatar-se em um lugar social de dignidade, já perdido: o seu próprio e peculiar repertório de experiências vividas” (p. 36).

mais apoio do que podem oferecer, urge a criação e ampliação de sistemas de suporte social, tanto formais quanto informais¹⁸, fundamentados no exercício da cidadania e na participação autogerida. O desenvolvimento de suportes sociais nos remete ao desafio da formação de recursos humanos em Gerontologia.

O suporte mútuo é elemento-chave para o desenvolvimento social e para o bem-estar coletivo, tornando-se caminho necessário para alcançarmos uma sociedade para todas as idades. Sua base, na argumentação de Touraine (1999), é o reconhecimento do outro, “possível a partir da afirmação que cada um faz de seu direito de ser sujeito. Complementarmente, o sujeito não pode se afirmar como tal sem reconhecer o outro como sujeito e, em primeiro lugar, sem se livrar do medo do outro, que leva à sua exclusão” (Touraine, 1999, p. 203). Segundo Py e Trein (2006), é igualmente fundamental o reconhecimento de si, concretizado a partir da aceitação do próprio envelhecer, conduzindo o sujeito à elaboração das perdas e a novas aquisições.

Em síntese, a velhice é representada de forma negativa e estigmatizada, o que remete à questão da participação dos velhos em nossa sociedade. Essa participação é possível na medida em que o sujeito que envelhece se percebe capaz de realizar uma auto-reflexão e, a partir de então, assegurar seu lugar social como indivíduo numa sociedade de indivíduos. É possível de ser realizada na medida em que todos, num processo identificatório, se reconhecerem como uma comunidade que possui um destino comum: o envelhecimento.

¹⁸ Os sistemas formais de suporte social incluem hospitais, atendimento domiciliar, instituições de abrigamento e programas de capacitação de pessoal voltados ao atendimento da população idosa; os sistemas informais de suporte social incluem família, amigos e vizinhos (Lemos & Medeiros, 2006).

5. PESQUISA DE CAMPO*

*Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.*

Carlos Drummond de Andrade**

5.1 FUNDAMENTOS PARA INVESTIGAÇÃO

Considerando o envelhecimento como um processo multidimensional, cujas transformações podem ser significadas de diversas maneiras, a questão que norteia esta pesquisa é: Qual é o significado da velhice e do envelhecimento para idosos e como vivenciam esta etapa de suas vidas?

A fim de buscarmos algumas respostas para estas questões, entrevistamos 11 idosos, de ambos os sexos, casados e viúvos, com idade igual ou superior a 75 anos, moradores da zona sul do município do Rio de Janeiro, com capacidade cognitiva preservada e sem comprometimento significativo na execução das atividades de vida diária.

De modo geral, a pesquisa de campo encontra seus fundamentos em pressupostos das ciências sociais e humanas, apresentados a seguir.

Em primeiro lugar, a ciência é abordada como um produto histórico. Isto significa que o conhecimento científico atual é marcado pelo passado e projetado para o

* Esta pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética porque, na época de sua realização, o referido Comitê estava suspenso. Ressalto, contudo, que todos os procedimentos éticos foram seguidos.

** Fragmento do poema *Os ombros suportam o mundo*, extraído do site <http://www.aindamelhor.com/poesia/poesias04-carlos-drummond.php>

futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído (Minayo, 1994).

Em segundo lugar, o objeto do conhecimento é compreendido como parte de um processo contínuo de transformação histórico-social, relativizado com a ação humana.

Em outras palavras,

não é apenas o investigador que dá sentido a seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade a suas ações e a suas construções, na medida em que as estruturas sociais nada mais são que ações objetivadas (Minayo, 1994, pp. 14-15).

Em terceiro lugar, é preciso ressaltar a existência da implicação do pesquisador, que diz respeito à idéia de que a relação entre o sujeito e o objeto de pesquisa é inerente ao fato estudado (Minayo, 1994). Recusa-se, aqui, a suposta neutralidade do pesquisador e, paralelamente, propõe-se que ele tenha consciência da interferência de seus valores no encaminhamento do problema estudado. É preciso, assim, um esforço para que o pesquisador contenha sua subjetividade. Como assinala Goldenberg (2004), quanto mais o pesquisador tem consciência de suas preferências pessoais, maior a capacidade de evitar sua interferência, que se torna, assim, bem menor do que a daquele que trabalha com a ilusão da neutralidade.

Em quarto lugar, acredito que a Ciência é ideológica, isto é, comprometida com visões de mundo que permeiam todo o processo, desde a concepção do objeto aos resultados do trabalho e à sua aplicação prática (Moscovici, 1990).

Em quinto lugar, tendo em vista que os fatos humanos e sociais não são necessariamente quantificáveis, já que cada um deles tem um sentido próprio, torna-se importante, não apenas formular leis mais generalizantes, como preocupar-se, em especial, com a compreensão de casos particulares. Assim, optei por abordar o objeto de estudo de

um ponto de vista qualitativo. Como a realidade é mais rica do que qualquer teoria, as ciências humanas e sociais possuem, como assinala Minayo (1994),

instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, abordam o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações (p. 15).

A pesquisa qualitativa, a meu ver, responde a questões particulares, como significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, enfim, a um nível mais profundo das relações e dos processos psicossociais que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Os dados qualitativos, segundo Goldenberg (2004), “consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (p. 53).

Finalmente, em sexto lugar, privilegia-se aqui a dimensão interdisciplinar do saber. Mais especificamente, esta pesquisa de campo se orienta por pressupostos da Análise do Discurso, fruto da articulação de, pelo menos, três campos: a lingüística, a psicologia e as ciências sociais.

A Análise do Discurso pode ser reconhecida como suporte teórico e como recurso metodológico. Como suporte teórico, busca e permite o acesso à ação dos processos simbólicos e sociais sobre os sujeitos e vice-versa; como método, respalda a elaboração de instrumentos para a coleta de dados, sua sistematização e análise (Brandão, 1994). De acordo com Rocha-Coutinho (1998), a Análise do Discurso busca “revelar, não apenas como a realidade é vista e sentida através do lugar e experiência pessoais dos sujeitos, como também revela muito da vida social, da cultura em que as pessoas estão inseridas” (p. 328). A esse respeito, Schiffrin (1996) argumenta que, ao falar sobre si mesma, a pessoa nos conduz ao processo de construção de sua identidade, inserido num contexto social e cultural específico. Afirma a autora que “a forma assumida por nossas

histórias (sua estrutura textual), o conteúdo de nossas histórias (o que nós dizemos) e nosso comportamento ao contar a história (como nós contamos) são indícios sensíveis, não apenas de nossas personalidades, mas também de nossas identidades sociais e culturais” (Schiffrin, 1996, p. 170)¹⁹.

Com esta mesma perspectiva, Ferrarotti (1983) assinala que cada vida pode ser vista como sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, expressão da história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo, síntese da tensão entre a liberdade individual e o condicionamento dos contextos estruturais. Portanto, cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve.

Além disso, a Análise do Discurso privilegia a relação entre forma, significado e função da narrativa (Rocha-Coutinho, 1998) e considera três níveis de contextualização – o contexto situacional imediato, o contexto institucional e o contexto sociocultural mais amplo –, no interior dos quais se dá o evento comunicacional (Pinto, 1999). Para o analista, todo texto é produzido a partir de fragmentos de outros textos, contemporâneos ou do passado, o que lhes confere um caráter heterogêneo e contraditório (Bakhtin, 1977). Assim, o texto é fruto de um diálogo e de uma negociação de pontos de vista, do pesquisador e dos pesquisados (Goldenberg 2004), o que conduz à idéia de que os participantes da pesquisa, durante a entrevista, constróem ativamente suas narrativas ao selecionar e organizar as informações de acordo com sua interpretação daquela situação (Romanelli, 1998). Finalmente, este tipo de análise enfoca a linguagem como instrumento de poder simbólico e se preocupa, não apenas com as relações de poder no discurso, mas também com a maneira como as relações de poder moldam e transformam as práticas discursivas de uma sociedade (Pêcheux, 1997).

¹⁹ A tradução do fragmento do texto de Schiffrin é de responsabilidade da autora desta Tese.

5.2 PESQUISA DE CAMPO

Foram entrevistados 11 idosos, sendo 7 mulheres e 4 homens. Das mulheres, três são casadas e quatro viúvas. Dos homens, três são casados e um é viúvo. Todos têm idade igual ou acima de 75 anos e moram em bairros da zona sul do município do Rio de Janeiro²⁰.

Os entrevistados têm capacidade cognitiva preservada e se percebem capazes de realizar, com independência, ao menos as atividades básicas de vida diária (ABVD).

O reduzido número de entrevistas está adequado aos propósitos da pesquisa, pois a amostragem no contexto da pesquisa qualitativa, como já foi dito, não tem a pretensão de atingir o limiar da representatividade numérica do grupo pesquisado. A preocupação é com o aprofundamento da compreensão de um grupo social específico, interpretando as vivências dos indivíduos dentro do contexto em que foram vivenciadas (Goldenberg, 2004 e Biasoli-Alves, 1998).

As entrevistas foram individuais e semi-dirigidas. Nesse tipo de entrevista, o entrevistado discorre sobre suas idéias, sendo guiado por um roteiro flexível de tópicos elaborados previamente pelo pesquisador. Com isso, a seqüência e detalhes ficam por conta do sujeito, que constrói ativamente seus discursos (Biasoli-Alves, 1998).

Foi feito contato prévio com os informantes a fim de agendar a hora e o local da entrevista e informar-lhes sobre o objetivo geral do estudo, a preservação de suas identidades e a gravação das entrevistas.

²⁰ A orientadora desta tese indicou três idosos para entrevista, conhecidos e vizinhos seus. Os demais foram selecionados entre os clientes de minha irmã que, na época, trabalhava em uma agência de banco na zona sul do município do Rio de Janeiro.

Todas as entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados, gravadas em áudio e transcritas na íntegra.

Os textos resultantes da transcrição das entrevistas foram sistematizados, ou seja, submetidos a um processo de seleção e ordenação, que permitiu a formação de blocos de análise. Essa tarefa foi conduzida de acordo com os objetivos da pesquisa, pois as falas foram agrupadas conforme categorias de análise estabelecidas não apenas com base nos fundamentos teóricos como também, e principalmente, nos dados trazidos pelos entrevistados.

6. ANÁLISE DOS DISCURSOS

*Eu não me dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

Cecília Meireles*

A seguir, são apresentados os resultados das análises dos discursos dos onze entrevistados. Em um primeiro momento, foram analisados os discursos de cada um, separadamente. Em um segundo momento, procedeu-se a uma discussão que articula os diferentes dizeres na busca de significados convergentes e divergentes, o que permitiu elaborar uma síntese dos múltiplos elementos enunciativos aqui privilegiados.

Na análise dos textos resultantes das entrevistas, foram enfocados aspectos relativos a como essas pessoas significam sua experiência de envelhecer no enlace das mudanças em relação a si mesmas, em relação à sociedade, aos amigos, ao lazer, à família e à aposentadoria. Assim, foram estabelecidas as seguintes categorias de análise: Experiência de envelhecer; Sociedade, lazer e amigos; Família; e Aposentadoria.

* Fragmento do poema *Retrato*, extraído do site http://www.releituras.com/cmeireles_menu.asp

Elen* tem 78 anos. Formou-se em pedagogia e foi professora universitária. É viúva. Mora no Leblon com a empregada.

6.1 O DIZER DE ELEN

Experiência de envelhecer

É como um processo inexorável de perdas, diante do qual não há escolha, a não ser “*ir se acostumando*”, que Elen define o envelhecimento. E consola-se afirmando que, pior do que estar velha, é estar morta:

Eu vejo como uma coisa inexorável. Não há possibilidade de ser diferente e eu sempre brinco, ou se envelhece ou morre, mas no fundo a brincadeira que eu faço é séria. Então eu prefiro envelhecer do que morrer e acho que a gente tem que ir se acostumando com as perdas que a velhice traz.

A respeito das “*perdas que a velhice traz*”, Elen enfatiza as limitações físicas:

Não sei. [pausa] O que mais me incomoda acho que são essas limitações físicas, limitação física. Quando você, por exemplo, quero subir numa escada, eu tenho que mexer no armário, numa estante de livro, então eu tenho que subir numa escada, numa cadeira, num banquinho, eu já não tenho força na perna, na coxa, pra subir de uma vez só. [pausa] Eu subo já com medo de

* Os nomes dos entrevistados foram alterados a fim de manter suas identidades preservadas.

cair. Eu tenho um pouco de labirintite. Então essas limitações. Eu quero andar de van daqui pra Niterói, a altura do degrau da van é enorme. Então, se eu não tiver onde me segurar, eu tenho dificuldade.

A consciência de suas limitações a conduz ao cuidado com sua saúde:

Eu faço ginástica, faço alongamento, até musculação eu tô fazendo agora pra poder ter essa mobilidade, pegar um ônibus, subir no ônibus e sentar ou ficar em pé.

Para Elen, a experiência de envelhecer tem sido progressiva, decorrente de um conjunto de fatores, como mudanças na aparência, o surgimento de limitações e o crescimento das filhas:

Você começa com cabelo branco [pausa] você começa com cabelo branco. Você começa com óculos, você começa com óculos pra ler. No restaurante, eu já tinha que pegar um óculos pra ler. As filhas ficaram moças. Aos 40 anos, eu já tinha filha de 17, 18 anos (...) Fora isso de você se olhar no espelho e se ver mais enrugada, com papinhas, com olheiras, os poros mais abertos, são essas coisas da velhice que vão aparecendo, né? E algum mal estar, alguma coisa.

O aparecimento das “*coisas da velhice*” implica na perda da juventude e da beleza, tornando o velho “*invisível*”. Tal invisibilidade, que é denunciada pela ausência de olhares de admiração, dói, ainda que se acabe acostumando com ela:

Uma coisa que eu, a gente caçoa da velhice, mas você se acostuma, eu digo assim: “velho é invisível, velha ou velho é invisível”. Porque, quando você é moça, você passa na rua, mesmo que você não esteja flertando com ninguém, você sente quando as pessoas olham pra você, que você tem uma exuberância e tal. Quando você fica mais velha, as pessoas, até quando eu me arrumo, isso é uma coisa: a invisibilidade do velho. Você passa desconhecida, isso é uma coisa que dói.

Apesar dos aspectos negativos apontados, a entrevistada ressalta que o avançar da idade lhe permitiu adquirir maior sabedoria, inclusive para compreender o limite de seu poder sobre sua família:

[pausa] Eu acho que a gente fica mais sábia, fica mais tolerante, e uma coisa que eu, que eu peguei, quer dizer, de uns 10, 15 anos atrás, que eu senti pela primeira vez e que cada vez aumenta mais, esse fato que eu vou te contar: é a noção do limite do poder da gente. Eu posso adorar minhas filhas, mas eu não posso evitar que elas passem por dissabores, por separações em casamento, por aborrecimento e não sei o quê. Eu posso ampará-las, mas eu não evito isso, eu não sou Deus. Eu não tenho possibilidade de fazer isso. Quer dizer, isso é um reconhecimento que dói por um lado, mas que liberta você por outro. Porque quando você deixa de ser responsável pela vida dos outros, você fica mais livre pra cuidar de você mesma. Quando a gente entende que o poder pra fazer alguma coisa é só comigo mesmo. Eu tenho um neto que não quer fazer curso superior. Ele é rebelde. Não adianta eu pagar pré-vestibular

pra ele, não adianta eu falar com ele. Às vezes, não tenho nem acesso pra falar, porque ele não mora comigo, ele não vive na minha casa. Não adianta nada disso, porque se ele não quiser estudar, não estuda. Eu não tenho poder pra mudar isso. Já tive mais. Quando elas eram pequenas, eu tinha que tomar as decisões. Meu marido e eu. Isso me aflige, isso me aborrece, mas eu estou entendendo que o meu poder tem um limite muito grande, que esbarra no meu limite físico. Saiu daqui [aponta para seu corpo], eu posso muito pouco. Eu posso falar, posso dar opinião.

Elen reconhece que seu poder de influenciar filhas e neto é mais limitado do que esperava. Admite, não sem sofrer, que sua responsabilidade por eles se reduz com o tempo. E, no momento em que se conscientiza disso, surgem sentimentos ambíguos de aflição e alívio. A aflição é causada pela impotência – o crescimento das filhas e a distância do neto revelam que seu papel em suas vidas não é mais imprescindível. Quanto ao alívio, ele resulta de perceber-se livre para assumir o papel de protagonista de sua própria história.

Sociedade, lazer e amigos

Ao falar sobre a relação da sociedade com os idosos, Elen afirma que, apesar de haver uma preocupação social com o tema do envelhecimento, é grande a discriminação em relação aos mais velhos. Excetuando-se o velho saudável, aqueles que necessitam de cuidados são discriminados por tornarem-se “*um peso*” para a família e a sociedade:

Eu acredito [pausa] eu penso que até esteja melhorando, com essas campanhas todas que são feitas de valorização do idoso. [pausa] Até o Estado, as calçadas hoje têm rampas, há um sentimento generalizado de olhar mais pelo idoso [pausa] Mas ainda assim, eu acho que o idoso ainda é discriminado, às vezes pejorativamente, ainda há um preconceito, um descaso principalmente do jovem. Mas em geral, o velho é invisível. Ontem eu participei de um aniversário de uma amiga que perdeu a mãe mês passado com 90 anos. Ela tava falando da mãe: “Agora eu posso descansar”. Quer dizer, aquela mãe era um peso pra ela. Ela deve ter sido boa filha, cuidado da mãe. Mas a morte da mãe foi um alívio pra ela. E isso é uma coisa que eu acho que a sociedade, de modo geral, vê o velho como um peso quando o velho atrapalha. Outra amiga diz: “A mamãe é tão implicante, tá tão pesado pra mim cuidar da mamãe”. Porque é um peso, o velho é um peso.

Ao comparar a sociedade de hoje com a de antigamente, Elen ressalta que as mulheres idosas da atualidade se beneficiam de maior liberdade. Por outro lado, afirma estarem mais solitárias, em função das mudanças no antigo modelo de família extensa. E, para compensar a solidão no contexto familiar, “*buscam mais coisas pra fazer*”:

Ah, teve muita mudança. Ah, gente!. A mulher, basta a mudança na vida da mulher, de modo geral. A mulher, dentro de casa, minha mãe, por exemplo, nunca trabalhou fora, vivia para o lar, não saía sozinha, só acompanhada dos filhos. A mulher que foi independente economicamente sempre, desde os 18 anos, é uma mulher que envelhece diferente daquela que viveu dentro de casa.

(...) Pois então as mulheres antigas não têm a liberdade que a gente tem hoje.

(...) Por outro lado, o velho é mais solitário exatamente porque, como a família deixou de ser aquela família grande, então a, a, a velhice ficou mais solitária no que diz respeito à família, e ficou mais acompanhada no que diz respeito aos grupos que ela possa fazer. Eu acho até que a gente busca mais coisas pra fazer exatamente porque não tem [pausa] eu não tenho filhas morando comigo, não tenho netos que tô criando.

Elen é o exemplo do que acabou de dizer. Fez curso de computação após sua aposentadoria e, atualmente, está organizando um livro com registros sobre a história de sua família, assim como uma coletânea de poesias de seu marido. Como matriarca, assume o papel de transmitir a história familiar para as gerações seguintes. Suas memórias são seu legado e uma espécie de moeda para fazer um “acordo com a morte: eu tenho serviço, me deixa aqui”, diz. Segundo ela,

Eu me distraio muito hoje com computador, computador. Foi uma coisa que eu aprendi também logo depois que eu me aposentei. Eu invento coisa pra fazer. Por exemplo, eu resolvi fazer uma árvore genealógica da família. Então eu consegui, pesquisando num caderno antigo do meu bisavô, eu consegui chegar em pessoas de mil seiscentos e pouco da família. Depois, peguei todas as poesias do meu marido e fiz esse livro aqui. Agora eu tô passando a limpo esse caderno desse meu bisavô antigo e eu vou contar a história de algumas pessoas ali: anedotas, casos de família. Eu digo assim: eu sou a matriarca, eu sou a mais velha da família, tem meu irmão que é mais velho que eu. No momento que eu morrer, aquele caderno, aquele caderno vai

morrer comigo. Porque a única pessoa que lembra de uma tia velha que morreu não sei quando sou eu. Então eu vou relatar isso. Não importa pra quem vai ficar. Mas, nesse momento, eu me distraio com isso, igual meu computador. Isso que eu tava falando na primeira pergunta que você fez. Eu fico botando projetos na minha vida. É quase como se eu estivesse fazendo um acordo com a morte: eu tenho serviço, me deixa aqui [riso].

O lazer de Elen consiste em organizar a história familiar a fim de apresentá-la para as gerações futuras. Este trabalho é realizado em casa, em um quarto coberto de fotos, antigas e recentes, de parentes, onde afirma passar a maior parte de seu dia. Suas atividades de lazer fora de casa, como passeios e viagens, foram restringidas pelo “*medo de levar um tombo e quebrar uma perna*”, bem como pela falta de seu parceiro, retirado de cena pela velhice impiedosa:

coisa que eu adoro e que a velhice me tirou é dançar. Por quê? Porque tirou o parceiro, que era meu marido. Então, eu não vou a uma festa que tem dança, eu não danço. Eu não tenho um parceiro.

Ao falar das amizades, Elen relata que os antigos amigos “*foram cada um pra um lado*”. Hoje, faz novos amigos conquistados no grupo de ginástica da terceira idade e chamados por ela de “*amigos da velhice*”:

Bom, eu fiz novos amigos, porque os amigos da vida foram ficando. Todos os amigos de faculdade, eu trabalhava na UFF e eu tinha amigos do magistério. Esses amigos foram cada um pra um lado. Então eu fiz novos amigos. Eu

tenho um amigo do tempo do mestrado. Tenho outra amiga que mora em Niterói que é do tempo da faculdade. Mas eu tenho um grupo da ginástica da terceira idade que é um grupo com quem eu convivo hoje em dia. A gente sai da ginástica e pára pra comer um pão de queijo. Então a gente almoça todo fim de mês. Fim de ano a gente faz um almoço grande. São novos amigos, são amigos da velhice.

Segundo a entrevistada, as conversas entre amigos costumam girar principalmente em torno de dicas para prevenir doenças:

Fala-se muito da velhice, fala-se muito da velhice. Dá-se muita receita. “Por que minhas unhas estão quebrando?” “Ah, estão quebrando mesmo porque as unhas da gente racham mesmo.” “Faça isso, faça aquilo.” “Eu tenho um massagista que é ótimo pra dor na coluna”. “Faz acupuntura com fulano de tal”. Receita pra emagrecer. Dieta pra emagrecer.

Família

Ao ser perguntada sobre a relação com os familiares, Elen relata receber agora mais atenção das filhas, por estarem percebendo o envelhecimento da mãe. Relata também haver mais união entre os irmãos, como se quisessem aproveitar o pouco tempo que lhes resta:

Com o passar do tempo, eu tô sentindo [pausa] das minhas filhas [pausa] elas estão mais carinhosas, elas estão mais ocupadas comigo. E eu sinto também uma aproximação com meus irmãos. Um é mais velho, três anos e pouco, e a outra é mais moça dez anos. Nós moramos todos aqui pelo Leblon. Então, eu sinto que houve uma aproximação dos irmãos. É como se nós estivéssemos [pausa] a minha irmã, eu tenho a impressão de que ela quer me aproveitar, com medo que eu morra. Ela quer ficar perto de mim. Toda sexta-feira a gente vai a cinema, a gente sai. Não ficamos uma semana em casa. E meu irmão, que é mais velho, eu tô sentindo isso em relação a ele. Ele tá com problema sério de coração, então eu tenho vontade de ficar com ele muito, pra aproveitar. Eu não sei até quando ele vai viver. Ele tá de alto risco cardíaco. E eu quero aproveitar a companhia dele. Eu sinto isso das minhas filhas também.

A maior atenção de suas filhas é sentida por Elen como manifestação de amor:

Eu me sinto bem, eu sinto que é amor, eu sinto que é carinho, e acho que é uma coisa muito reconfortante, você sentir na família essa coisa.

Apesar da atenção das filhas e da maior proximidade com seus irmãos, Elen queixa-se de que sua casa, hoje, é vazia, restando-lhe, na maior parte do tempo, a companhia da empregada:

Eu tinha marido, duas filhas. Quando elas estavam com filhos pequenos, elas vinham aqui ainda. Porque os filhos fazem um caminho. Os filhos, quando

chegam na adolescência, começam a ficar contra os pais, se casam, constituem família e vão para o mundo. Aí, começam as dificuldades pra eles, dificuldades econômicas, dificuldades de relacionamento com o marido, dificuldade pra criar filho. Quando essas dificuldades aparecem, eles retornam pra casa da mãe. Eles retornam pra casa da mãe em busca novamente de ajuda, seja econômica, seja pra tomar conta do neto, seja para solucionar um problema emocional com o marido. Então, eu sinto que minha casa era uma casa cheia, que esvaziou. Hoje, a empregada pergunta: “Quer bolo?” E eu digo: “Não, bolo não, pra quê?” Eu não quero comer bolo, não preciso comer bolo. Ela não quer comer bolo, eu não tenho visita, não faço mais almoço pra receber gente em casa. Vinha neto, vinha genro. Isso acabou. Eu tô muito mais sozinha [pausa]. Muito mais sozinha.

Aposentadoria

Elen lecionava na Universidade Federal Fluminense quando se aposentou. A experiência da aposentadoria, após ficar viúva, foi uma oportunidade para realizar atividades há muito almejadas:

Olha, foi gloriosa, porque eu trabalhava desde os 18 anos. Fui professora primária, fui subindo, subindo, e acabei como professora de universidade. E meus empregos eram em Niterói. Então, eu viajei daqui do Leblon pra Niterói durante vinte e poucos anos, todos os dias. E na época que não tinha ponte

ainda, porque a ponte é da década de 1970. E eu também não dirigia. Meu marido tinha carro, mas ele usava o carro pra trabalhar, não sei o quê. Então, eu ia de barca, de aerobarco, não sei o quê. Quando chegou a época de eu me aposentar, eu já tinha ficado viúva. Me aposentei com 62. Então, eu já tinha trabalhado quarenta e tantos anos. Então, quando eu me aposentei, foi um sentido de liberdade. Eu não sentia falta do trabalho em momento nenhum. Pelo contrário. Eu me aposentei, comprei uma bicicleta. Eu senti libertação. Sentir falta do trabalho? De jeito algum! Embora eu gostasse do trabalho, mas já foi o suficiente: quarenta e tantos anos. Aí eu fui fazer ginástica. Comecei com esse grupo que eu falei pra você que eu tenho. Tive mais tempo pra me dedicar a atividades que eu queria há muito tempo.

Reflexões sobre o dizer de Elen

Elen busca para si aquilo que Seminério (1991) considera uma solução para o envelhecimento sadio: o engajamento em atividades pragmáticas no plano social, que tornam possível reatar o imaginário à presença de um projeto.

Fala de sua velhice de forma aberta e franca, sugerindo reflexão intensa sobre a questão, e revela uma postura de aceitação de suas limitações e de sua finitude. Aceitando-se velha e finita, torna-se, paradoxalmente, capaz de renovar-se e eternizar-se.

Elen renova-se através da atividade física, superando e prevenindo limitações. Renova-se ao renovar os amigos e ao se reaproximar amorosamente de seus irmãos, diante da morte iminente, que torna solidários os laços fraternos. Renova-se ao preencher o vazio

do presente com o passado, atualizado, e lançado adiante. Mantém-se viva pela presença constante de um projeto. A morte cumpre o pacto. Elen eterniza-se.

Iraci tem 81 anos. Estudou até o nível médio. Nunca trabalhou fora de casa. É viúva. Mora no Leblon. Provisoriamente, o neto mora com ela.

6.2 O DIZER DE IRACI

Experiência de envelhecer

“É o fim”. Assim Iraci define, convicta, o envelhecimento, como observamos nas seguintes falas:

Olha, eu não posso evitar de dizer que eu vejo o envelhecimento como o fim de uma jornada. É o fim. Então, uma das coisas que maltratam a gente é o sentimento de que tudo o que eu tinha que fazer, já fiz. O que tinha que acontecer, já aconteceu, e agora, daqui pra frente, nada mais tem. Isso é o que eu sinto. Porque a gente não tem o porvir, né? E isso é muito ruim. (...) “É hora de aproveitar”. Que aproveitar o quê? Se não aproveitou antes, agora é tarde. (...) Eu lamento, eu fico com pena, porque a gente vê que a vida está se esvaindo, né? (...) A velhice é a fase da vida que é triste, é triste. Não é uma coisa gostosa. Eu tenho um sentimento de que tudo que eu fiz foi da melhor forma possível, mas, o fim não é bom, não. O fim não é bom.

Para Iraci, o envelhecimento conduz a uma etapa da vida marcada pela ausência de um presente (“*tudo o que eu tinha que fazer, já fiz.*”) e de um futuro (“*Porque a gente não tem o porvir, né?*”). É a tristeza diante do fim, que interromperia uma vida vivida “*da melhor forma possível*”.

Ao ser perguntada sobre quando começou a perceber que estava envelhecendo, responde:

Olha, eu me dei conta um pouco tarde. Eu já tinha uns 75, por aí. Eu achei que eu me dei conta muito tarde. Eu sentia medo, antes disso eu não tinha medo, eu saía, eu viajava. Agora, não. Eu tenho medo. (...) Ontem eu tinha uma missa às 7h da noite e eu senti medo. Medo do escuro, de andar de metrô. Muita gente me amedronta. E eu acho que isso é da idade. Assim como a criança. Porque eu vou te dizer, Ana Lúcia, a criança e o velho são dois extremos, se parecem muita coisa. Medinhos que a criança tem o velho tem. Então eu acho que é isso, eu comecei a sentir medo. Não, não vou fazer isso, pode não dar certo. Eu cheguei a começar a fazer terapia, mas eu não gostei não. Eu queria era tirar esse medo de mim. Medo do daqui a pouco, do amanhã.(...) Será bom? Será mal? Será trágico? É o desconhecido. E eu tenho medo do desconhecido. Então, em suma, a velhice, pra mim, não é uma coisa gostosa. Não é uma coisa gostosa. É essa sensação de cada dia é menos um. Isso é o que eu acho.

O envelhecimento se anuncia para Iraci através do medo. Como numa espécie de regressão, Iraci, fragilizada como uma criança, teme o escuro e a multidão. E, confrontada com sua finitude, amedronta-se com o desconhecido amanhã, que prenuncia

a tragédia do fim, a cada dia mais próxima e mais concreta, na medida em que assola amigos, vítimas da demência, trazendo a angustiada questão “*E se fosse eu?*”, presente na fala a seguir:

Eles, a maioria dos meus amigos, o tal de mal de Alzheimer, eu tenho seis amigos com mal de Alzheimer. Homens e mulheres. Isso é uma coisa terrível, terrível. E a gente fica com medo. E se fosse eu? Que horror, né?

Ao mencionar as principais dificuldades que sente ao envelhecer, a entrevistada confronta a vida presente, limitada pela velhice, com o passado glorioso, quando tudo fôra possível:

É a dificuldade de ir e vir, de sair. A dificuldade, a velhice me trouxe isso, eu tenho vontade de ir a algum lugar, e não vou. Eu fui até a Rússia, a Israel. Agora, a velhice me, sabe, me limita e diz “não, não pode.” Diz: “não, não pode”. [riso] Eu ouço uma vozinha lá dentro. Posso cair, posso me perder.

Além da “*dificuldade de ir e vir, de sair*”, uma outra queixa que se destaca nas suas falas é a da perda dos talentos:

Ih, olha, eu estudava, eu fazia crochê, trabalhos manuais. Olha, eu, puxa, Deus me deu muitos talentos. Eu não fazia bem, não. Mas eu costurava. Os agasalhos de inverno dos meus filhos eu que fazia. Desenhei, pintei. Não faço mais nada. Fui pregar um botão, Ana Lúcia, outro dia, deu nó na linha,

embarafustou tudo. Eu disse “que horror!” [riso] Fiz até um vestido de noiva pra uma empregada. Quer dizer, eu fazia e não faço mais.

Sobre as vantagens do envelhecer, sua fala assume tons de ironia, ao dizer:

[pausa longa] Vantagens? Tem vantagens, tem vantagens. Eu não pago ônibus, tenho desconto no cinema [riso]. Quer dizer, tem vantagens, “a senhora pode passar na frente”.

A vantagem reside nos direitos dos idosos, como transporte gratuito, desconto em atividades culturais e atendimento preferencial. A longa pausa antes da resposta, o riso e o tom de sua fala revelam a ironia de pensar nas vantagens que, para ela, são irrelevantes, se comparadas às desvantagens do envelhecer, como as queixas da dor que sente pelo problema nos pés:

Meus pés [riso]. Meus pés. Artrite, artrose, tudo nos pés. Tenho até uma buchinha entre os dedos pra eles não treparem. Eu tenho muita dor. Então a dor também prejudica a vida da gente.

Os cuidados com sua saúde se limitam a uma restrição alimentar considerada por ela como relativa. Recusa-se a fazer atividades físicas. Alega, orgulhosa de si, que faz “*tudo dentro de casa*” e que as tarefas domésticas são suficientes para exercitar seu físico e sua cabeça:

Tenho cuidado relativo com a alimentação, relativo. Como um torresminho. Não como fritura, evito açúcar. Agora, não faço exercício. Nenhum. Eu não gosto de inovações. “Você tem que fazer hidrogenástica”. Eu não tenho que. Se eu cheguei à minha idade, estou relativamente bem, não vou entrar naquela água. “Faça RPG, shiatsu”. Não faço nada. Agora, eu não tenho nenhuma empregada. Procuro fazer tudo dentro de casa, cozinhar não. Mas eu faço, eu arrumo, eu limpo, vou ao supermercado, eu considero isso exercício físico e pra cabeça.

Sociedade, lazer e amigos

Ao comparar o envelhecimento na sociedade atual e na de algumas décadas atrás, Iraci ressalta que, hoje, a pessoa idosa é mais ativa por haver uma gama de atividades voltadas para essa faixa etária:

Eu vi que minha avó morou na minha casa, minha mãe morou na minha casa. Era bem diferente. Primeiro, que se a pessoa era velha, tinha obrigação de ficar em casa, sentada na cadeira de balanço, não é? Não ia sair nunca sozinha, a pessoa idosa tinha que ficar quieta, não tinha nenhuma opinião formada, era uma pessoa muito estática. E hoje o pessoal estimula a pessoa idosa a agir, a sair, a fazer a tal da ginástica, não é, a ter vida social. Antigamente, a pessoa envelhecia e ia morrendo aos poucos, não é? Não tinha

nada que tem hoje. A pessoa sentava na cadeirinha de balanço e, e, não tinha personalidade nenhuma, ia morrendo aos poucos, apagadinha.

Apesar de apontar a existência de uma variedade de atividades que estimulam a socialização da pessoa idosa na sociedade atual, Iraci lista uma série de obstáculos à sua socialização.

A seguir, comenta que a falta de lazer está associada, principalmente, à morte do marido:

Mudou muito pra quando eu tinha marido. Nós íamos muito a teatro, cinema, íamos muito, né? Entrávamos numa livraria. Hoje eu não faço mais nada disso. Eu gostaria, mas não vou mais. O lazer, o que mudou foi isso, eu não tenho lazer. E eu não estou me achando com jeito de arrumar lazer pra mim. Tenho medo. Mas se eu tivesse meu marido, tudo seria diferente. Ele morreu em 94.

Com a viuvez, o círculo de amizades torna-se restrito. “*Cadê meus amigos?*”, pergunta Iraci. O envelhecimento, segundo ela, os afastou:

Os amigos estão todos envelhecendo, uns piores, outros melhores. Mas a maioria pior do que eu. E isso vai me entristecendo, né? Cadê meus amigos, né? Cadê meu lazer? Cadê meu teatro, que eu gostava? Então, a única coisa que eu conservo é a leitura. É a única coisa. Até as amizades, eu reunia aqui em casa, elas não vêm mais, ou por isso, ou por aquilo, ou porque não tá andando, ou porque tá com mal de Alzheimer.

Sem a companhia do marido e com um círculo de amizades restrito, o lazer é um aspecto pouco explorado na vida de Iraci. Quando mais jovem, dava aulas particulares de inglês. Hoje ocupa-se em ensinar inglês à empregada. Cuidar da casa e dedicar-se à leitura também são atividades que lhe distraem:

Eu vim pro Rio e dava aulas de inglês em casa. Hoje eu ensino à empregada um pouco. Cuido da casa. Então, isso me mantém ocupada, né? Agora, vida social eu não tenho mais. Então, lazer mesmo maior é de leitura, no momento.

Outro fator que, segundo ela, dificultaria sua socialização é que há uma defasagem entre o tipo de conhecimento que possui e aquele que é necessário para as pessoas hoje. Assim, seu saber não adianta nada para os tempos atuais e os idosos agora ainda têm que fazer um esforço para se adaptarem aos novos saberes. Também a televisão e o computador são apontados por ela como obstáculos ao convívio social, pois afastariam as pessoas do “*mundo real*”:

Olha, eu não acho que a velhice é uma fase de sabedoria. Eu chego a ficar bem quietinha pra não passar para os jovens a minha sabedoria que não adianta nada, nada, nada, nada. Nossa sabedoria é para aqueles tempos. Para os tempos de hoje, não adianta nada. E tem outra coisa, você tem que fazer um esforço de adaptação aos saberes novos. Isso também é doloroso. Eu acho que é doloroso. Porque é um esforço permanente. Até num bate-papo. Uma coisa que eu não falei pra você que eu gosto é de um bate-papo, jogar conversa fora. E tá muito difícil hoje. Porque tá muito difícil? Porque tem televisão. Têm pessoas que dizem que eu devia entrar na aula de

informática. Eu disse: “Não. Eu não vou entrar naquela caixa, ficar de frente para aquela tela. O mundo real tá aqui fora.” Então hoje, eu tô perdendo a capacidade de, de trocar uma idéia, de opinar, porque ou estão na televisão ou estão no computador.

Família

Falar da família é doloroso para Iraci. A família “*espalhada*” a faz se dar conta de seu desamparo. É o que notamos quando diz “*porque eu tenho que contar comigo*”, na fala abaixo:

Eu tenho saudades dos meus netos, dos meus filhos, porque agora, quer dizer, estão casados, todos têm suas famílias. Eu não reúno mais na minha casa, eu reunia muito na minha casa, mas a família tá toda espalhada. Minha filha mora em Brasília, outro mora em São Paulo. Tenho um neto que mora em Uberlândia, outro neto que mora em Campinas. Então, tá tudo muito espalhado. A gente não é uma família que tá sempre reunida. Não é. (...)

Isso é muito triste. Mas não dá mais. Eu tenho um neto que mora numa cidade chamada São Joaquim, que ninguém pode chegar lá. É na fronteira do Amazonas com Colômbia. Então esse neto, eu sinto muita saudade dele. Difícil falar com ele. Então, a família espalhada, né? Eu acho que até eu me considero uma pessoa relativamente forte, porque eu tenho que contar comigo. Eu tenho uma filha que tá em Brasília, né? E ela tá longe. Eu não conto com

a família, a família toda em volta pra me ajudar. Só tenho um filho que mora aqui perto.

E é esse filho que, assumindo a responsabilidade dos irmãos distantes, toma a iniciativa de amparar a mãe. Iniciativa, contudo, interpretada como denúncia de sua fragilidade. Diz:

*Então filho diz que vem ajudar, e eu digo: “Não, meu filho, não venha”.
Porque isso, em vez de ajudar, abate a gente.*

Atualmente, o neto, estudante de medicina, está morando com Iraci e, apesar de afirmar que está feliz com sua presença, queixa-se da falta de espaço na própria casa. Relata, como exemplo, o pedido (não atendido) ao neto, para que cedesse a sala para a realização dessa entrevista:

*Eu gosto de agradecer. Eu praticamente mastigo pro Guilherme [neto] engolir.
Mas às vezes é difícil, é difícil. Por exemplo, o Guilherme ali, eu disse:
“Meu filho, vovó vai precisar da sala” . Mas ele ficou com a sala e eu tô aqui
nessa saletinha [pausa]. É assim mesmo.*

Apesar da sensação de estar sem espaço em sua própria casa, Iraci contenta-se com a saleta, onde devem ficar os velhos, cujo papel é buscar ser agradável e recuar diante dos jovens, a quem se destina o salão principal. Isto aconteceria não apenas no ambiente privado de sua casa, mas também no ambiente público. Aprendeu que “é assim mesmo”.

Aposentadoria

Iraci jamais trabalhou fora, mas tem boas recordações sobre a aposentadoria do marido, que lhes permitiu mais tempo para, juntos, sair e viajar, um momento que durou cerca de um ano antes de seu falecimento:

Eu achei que eu gostei, porque ele gostava muito de sair. Eu gostei. Ele era um homem muito meu amigo. A gente respeitava nossas individualidades. Quando ele se aposentou, a gente saía, a gente viajava. Foi uma época boa. Foi nesse apartamento, já. 48 anos casados. Ele ficou um ano aqui e morreu. Mas foi muito bom. Eu não tenho queixa. Porque muita gente diz: “Ah, marido aposentou, é chato”. Eu não.

Reflexões sobre o dizer de Iraci

Diante de seu envelhecimento, Iraci se entristece, maltratada pelo humilhante sentimento de sua inutilidade, solidão e decadência. Tal sentimento é penoso demais para ser compensado com novas possibilidades de ser e agir.

A velhice lhe diz “não”. Sem argumentos contrários, Iraci desestimula-se para novos investimentos. Sua impotência exacerbada diante das atuais dificuldades não a torna capaz de responder flexivelmente aos desafios das mudanças que ocorrem em seu corpo, em sua mente e em seu ambiente. Seguindo a visão de Birman (1995), essa atitude

melancólica pode ser vista como resultante da frustração das ilusões de beleza e potência, confrontadas com o declínio físico e a marginalização social.

No presente, a vida se esvai. No futuro, a vida se depara com o desconhecido. Resta a Iraci refugiar-se no passado, através de lembranças idealizadas da época em que tinha a companhia do marido, assunto predileto de suas conversas.

Ioná tem 75 anos. Começou a estudar Direito, mas interrompeu, a pedido do marido, para cuidar da casa e dos filhos. Nunca trabalhou fora de casa. É casada. Mora no Flamengo com o marido.

6.3 O DIZER DE IONÁ

Experiência de envelhecer

Ioná inicia sua entrevista apresentando o envelhecimento como algo que precisa de aceitação por ser inevitável. Contudo, comenta que envelhecer só vale a pena se for com independência:

Eu vejo o envelhecimento como uma coisa que precisa ser aceita. Um dia envelheceremos, como nossos pais, nossos avós, não é? Agora, sadiamente. De cabeça inclusive. Porque se a cabeça não trabalhar bem, acompanhar a vida, aí não, não vale a pena, não dá certo. E eu, eu tenho o propósito de [pausa] de me manter assim, independente dos outros.

Ao ser indagada sobre quando se deu conta de que estava envelhecendo, Ioná responde:

As filhas todas casadas, saíram de casa, os netos nascendo, moças ficando. De sorte que eu considero até [pausa]. Agora, com a doença que eu tive há pouco tempo, eu me perguntava muitas vezes: Meu Deus, será que chegou a hora? Será que é por causa da minha idade? Mas assim, abruptamente? Se eu já viesse molinha, molinha de uns tempos pra cá. Mas de repente? Eu estava tão bem [pausa] estourar uma coisa que fosse pra valer, né? De sorte é que, foi por aí. Eu comecei a sentir que estava envelhecendo nessa época. E agora [pausa] mas eu faço um esforço pra me sentir uma jovem senhora, tá entendendo? Uma jovem senhora. Porque ser uma caquética velhinha, eu não quero isso.

O crescimento das filhas, o nascimento dos netos, a doença que aponta para a possibilidade repentina da morte. Tudo forma o cenário em que Ioná percebe não ser mais uma jovem. Mas esforça-se para se sentir uma jovem senhora. Tal esforço é necessário para recusar-se a assumir o estigma do “caquético”.

Ao refletir sobre as mudanças vivenciadas com o avançar da idade, Ioná admite estar mais receosa de sair sozinha à noite:

Tenho mais receio com a vida, mais receio de me expor à noite sozinha. Já evito coisas à noite, só vou à casa de filho. Porque eu tenho receio, porque quanto mais idade, mais perigo. Porque basta uma rasteirinha que a gente vai pro chão [riso]. Essas coisas assim, pequenas, que advém do parar pra pensar no perigo.

Segundo ela, algo mudou com essa consciência do envelhecimento, revelando-se mais saudosista:

O que mudou? [pausa] O que terá sido? [pausa longa] Olha, eu, como eu me mudei de terra, então eu comecei com uma onda de saudosismo. Sabe, meus pais, avós, comecei a lembrar dos tempos de colégio, isso mudou em mim. Porque quando eu era jovem, não tava nem pensando nisso. Tava pensando que a vida era mais pra adiante. E tinha muito tempo pela frente. [pausa longa] Só que agora já não tenho tanto, né? A gente tem menos pela frente [riso]. Mudou essa parte.

O avançar da idade trouxe-lhe, ainda, maior preocupação com a saúde. Ioná iniciou atividades de pilates e hidroginástica. Contudo, recentemente quebrou o fêmur e interrompeu provisoriamente tais atividades. A preocupação com a saúde a conduz ao temor da decrepitude, proporcional à valorização de sua independência, sem a qual, segundo ela, não adianta viver:

Assim que eu peço a Deus: que o envelhecimento venha, venha, venha. E que a gente, quanto for embora, vá numa boa, quer dizer, não fique decrépito, não fique sem a cabecinha, que é o mais importante que a gente tem, né? A memória. Tem gente desmemoriado, é uma pena. Porque a cabeça é tudo, né? Sem a cabeça, você pode estar vendo, escutando, falando, não adianta, né?

Além de deparar-se com o desafio de lidar com seus problemas de saúde, Ioná tem o desafio de lidar com os de seu marido. Em última instância, trata-se do desafio de lidar com a morte:

Deixa eu ver o que me incomoda mais. O envelhecimento [pausa] é alguns cuidados que você tem que ter maiores com os médicos. Tem mais preocupações. Então eu não tinha preocupação com problemas de saúde. E de repente surgiram. O meu marido, ele tem 84 anos, operou o coração, eu passei por momentos muito difíceis. Então, é por aí, essa parte é que eu acho assim mais [pausa] que incomoda um pouco. A gente tem que ter muita força de espírito pra reagir. Eu tô com 75, mas tem muita gente indo já mais adiante. Eu vou. E se tiver que ser agora, que seja. Mamãe não foi? Vovó não foi? Então, eu acho que tem que partir por aí.. Porque o medo não traz felicidade, o medo faz a gente ficar enrustida, né? Então, é procurar coragem inclusive pra ir.

A morte levou sua mãe e avó, e Ioná sabe que a levará em breve, assim como levará seu marido. Ao invés de medo, ela diz ser preciso “procurar coragem para ir”, verbo-metáfora para substituir a palavra morte, tema de sua fala, mas em momento algum enunciada.

Sociedade, lazer e amigos

Sobre a relação da sociedade com os idosos, Ioná afirma que os pobres são mal tratados. Já os que têm maior poder aquisitivo privilegiam-se de atividades voltadas para essa faixa etária. Ioná comenta:

Olha, eu me sinto respeitada, mas o pessoal, principalmente do nível médio pra baixo, eu acho que tratam mal. O que a gente vê essa parte de, de, de serviço de médicos, hospitais, é horrível. Gente, é desumano. Eu acho que os idosos não são muito assim respeitados, não. Eu acho que deviam ser mais acolhidos. (...) Eu acho que envelhecer agora ganhou. Nessa fase agora. A gente, mesmo idosa, vai a um show, hoje em dia o idoso viaja. Tem grupos de terceira idade e tudo.

Apesar de mencionar a existência de atividades destinadas à terceira idade, Ioná diz não frequentar esses grupos. Prefere ficar em casa fazendo o que mais gosta, que é costurar:

Olha, eu gosto de costura. Eu faço roupa de filha, eu remonto coisa de filha, de neto. Eu não sou costureira de corte, de talho. Mas se você preparar, eu armo. Tem sempre coisa me esperando. Antes de eu me operar, eu fiz cortina pra uma filha minha, fiz cortina pra outra.

O fato de não participar de atividades sociais regulares dificulta novas amizades. Por isso, ao falar dos amigos, Ioná refere-se aos “*amigos de época*”, cujos encontros são eventuais. Os contatos são geralmente por telefone. Seu marido não dirige mais, pois sua filha “*não quer que ele dirija*”. “*O envelhecimento diminui os reflexos*”, argumenta. Segundo ela,

Nossos amigos verdadeiros são os amigos de época, estão também idosos como nós. Alguns mais idosos. E hoje em dia saem pouco, já não se encontram como antes. Só em data comemorativa, por exemplo, casamento de filhos. Meu marido fez 80 anos, eu fiz uma festa, chamei os amigos todos, fiz Bodas de Ouro, chamei todo mundo. Mas é mais por telefone. Meu marido dirige, mas minha filha não quer que ele dirija. Então, pra dirigir também, dirige bem, mas o envelhecimento diminui os reflexos. E isso vai afastando dos amigos.

Família

Falar da família traz muita satisfação para Ioná, que se sente privilegiada pelo contato intenso com filhas e netos e por presenciar, envaidecida, o sucesso de quem ama:

Olha, eu me sinto envelhecendo [pausa]. Assim, outro dia, eu tive um problema de saúde, que eu operei o joelho, coloquei uma prótese no joelho. Tive que fazer uma cirurgia. E eu me operei com dengue. Então, eu fiquei muito mal. E eu passei dois meses deitada. E uma das minhas dez netas esteve

aqui e me deixou um livrinho “Para a avó”, que ela descobriu não sei onde. Olha, tem coisas que me ajudaram a ver melhor ainda essa idade, sabe? Recordando coisas que eu não tinha me dado conta na época. Por exemplo, o prazer que você tem de segurar nos braços o filho de sua filha, tá entendendo? A continuação da vida que você sente nesse momento. Eu própria não sabia que ser avó era uma coisa tão gostosa. Mas eu curti muito. Amamenteei meus filhos até quando pude, mas os netos, já é diferente, né? Trouxeram muita alegria pra nós, muitas, muitas, muitas. De sorte que eu sinto o envelhecimento assim, se enriquecendo por intermédio dos netos. A minha neta mais velha já tem 25 anos. Ela tá em Oxford fazendo curso de inglês. Isso me envaidece muito. Outro dia ela estava online e eu fiquei conversando com ela horas e horas, horas e horas. Eu tenho um retrato de eu mostrando ela pro mundo, porque foi a minha primeira, sabe, a minha primeira neta, a primeira prova de que por aí vai, justamente o novelo, né. Novelo, quando a gente tem sorte, é um novelo bonito, de luz. E é por aí, né?

Ao falar das vantagens de envelhecer, Ioná aponta a “atenção redobrada” das filhas e o carinho dos netos, fazendo com que se sinta querida pelos familiares:

Vantagem do envelhecimento? Olha, [pausa] pelo meu marido eu sempre me senti muito querida, mas pelas minhas filhas as provas maiores são agora, que tá chegando mais a idade. Agora que eu sinto como valeu a pena, pelo carinho que dão, pela atenção redobrada. Quando eu fico doente, eu vejo nelas que eu não tô sozinha, tá entendendo? Isso é muito gratificante, não tenha dúvida. É muito gratificante. Extremamente gratificante. Você ver uma

neta “vovozinha, como você está?” “ Que pena eu não poder estar aí com você”. “Olha, vovó, vai me visitar”. Isso dá na gente uma alegria muito grande, sabe? Vale muito, muito, muito a pena. Não tenha dúvida.

Mesmo afirmando, anteriormente, não ter “*muito tempo pela frente*”, Ioná estimula-se a viver, lançando-se para o futuro que lhe promete o espetáculo das netas. Tal futuro merece aplausos e aponta, não para o fim de sua vida, mas para a continuidade de sua família:

Eu acho que, quando se é jovem e moça e tal, quer ser feliz. Todo mundo quer ser feliz. Eu acho que a gente não tem que deixar isso murchar na terceira idade. Porque se não foi, ainda tem chance pra ser. Nunca é o último momento. Tá entendendo? Isso que eu acho. Se a gente está aqui é pra viver. Eu quero aplaudir minhas netas formadas, casadas, realizadas, preparadas para a vida.

Sobre o relacionamento com o marido, Ioná diz ter se tornado mais intenso com o tempo, assim como o medo de perdê-lo:

Olha [pausa] é difícil para os jovens acreditarem nisso, mas meu marido é ainda mais querido pra mim agora. Agora pra mim ele é tudo, tudo pra mim. Tá entendendo? (...) Eu às vezes penso cada vez mais: “meu Deus do céu, com vai ser quando ele partir? Vai ser muito difícil, tanto pra mim quanto pra ele.

Aposentadoria

Ioná nunca trabalhou fora. Começou a cursar faculdade de Direito, mas interrompeu definitivamente os estudos para cuidar dos filhos. A aposentadoria do marido não trouxe impactos para a rotina do casal porque, segundo ela, mantém-se ocupado “quase o dia inteiro” com leitura e computador, num quarto só pra ele. Além disso, não se intromete nas tarefas da casa, local onde quem manda é ela. E as compras que seu marido faz na feira, após a caminhada diária, são feitas com sua permissão. “Eu deixo”, diz Ioná. Segundo ela, a aposentadoria do marido

não mudou grande coisa, porque ele é muito [pausa] ele não tem nada vazio na vida dele. Ele é muito intelectualizado, ele é uma pessoa que gosta de música clássica e sem ser clássica, ele gosta de tudo. Ele se, se, se entranhou na internet, tem um quarto só pra ele, forrado de livro de cima a baixo. Fica ali quase o dia inteiro. É formado em advocacia. Então ele não trabalha mais, então ele aproveitou ontem à noite pra ampliar fotos do aniversário da última neta. Ele mesmo amplia, ele tem todo o apetrecho pra isso. Tem fotos maravilhosas. Então ele tem a vida dele muito cheia. Entendeu? Nem vai pra cozinha. Minha empregada diz: “Graças a Deus seu Jaime não é homem que viva olhando panela.” Ele não vai olhar panela, de jeito nenhum. Não vai, não vai [riso]. Ele tem a vida cheia, dorme tarde da noite. Ele vai todo o dia caminhar e, na volta, passa na feira e traz sempre alguma coisinha. Eu deixo, porque eu acho isso ótimo. E traz, e bota aí, e coisa e tal.

Reflexões sobre o dizer de Ioná

Ioná foi acometida agora por uma doença provisoriamente incapacitante, mas que foi suficiente para se deparar com a iminência da dependência e da morte. Aqui, Ioná possui uma dupla dificuldade identificatória: uma trazida pelo avançar dos anos, que a consagra velha; outra, pela dependência instaurada pela doença. Nesse caso, a vida ameaça perder o sentido (Py & Trein, 2006).

Aliás, vida e velhice parecem só ter sentido quando há o privilégio da autonomia e do amparo da família. Privilégios de Ioná. Privilégios transitórios, porque a vida é transitória. Sabendo disso, agora mais do que nunca, Ioná valoriza imensamente sua vida passada, presente e futura.

Grande é a saudade de um tempo em que a vida prometia um longo e promissor futuro; agradecida é a vivência do agora que, apesar de lhe trazer problemas de saúde, lhe concede o amparo familiar; esperançoso é o futuro que, apesar do risco de uma tragédia que lhe tire a independência, a própria vida ou a do marido, lhe coloca diante do espetáculo do desenrolar do novelo familiar.

Envelhecer não é bom, mas Ioná se mantém independente e autônoma, apesar da incapacidade física transitória. Caso contrário, viver não valeria a pena.

Edna tem 86 anos. Estudou até o nível médio. Trabalhou na previdência social e aposentou-se como secretária num escritório de Engenharia. É viúva. Mora sozinha no Leblon.

6.4 O DIZER DE EDNA

Experiência de envelhecer

Ao ser perguntada sobre como definiria o envelhecimento, Edna alega dificuldade para responder à questão pelo fato de não se sentir velha. Velhas seriam suas amigas “*acabadas*”. Isso surge como uma justificativa para manter-se evasiva em relação ao tema. Comenta, em seguida, que a jovialidade, em qualquer idade, é resultado de uma vida feliz. Em contrapartida, a velhice resultaria de uma vida infeliz:

Bom, pra mim é difícil responder porque eu não me sinto velha. E há pessoas que envelhecem antes do tempo. Eu tenho amigas da minha idade que são acabadas. Eu apelido uma de “me esqueci”, porque ela esquece tudo. Geralmente quem teve uma vida muito vibrante e feliz não se sente velha. Por isso eu me sinto jovem, apesar de meus 86 anos.

Apesar de dizer que não se sente velha por ter tido “*uma vida muito vibrante e feliz*”, contradiz-se ao alegar ser muito “*difícil de viver*” atualmente quando se vive bem

como ela viveu. Portanto, parece que a felicidade de outrora, quando perdida, resulta em uma triste velhice, que não vale a pena ser comentada:

Eu comecei a me sentir mais [velha] depois da perda do meu marido. Eu fiquei muito triste. Porque realmente [pausa] é [pausa] quando a gente vive bem como eu vivi, mas eu vivi muito bem com ele, dificilmente uma pessoa vive bem como eu vivi. Depois que ele se foi, ficou muito difícil de viver [choro]. Eu não quero falar sobre isso senão eu choro.

O tema da viuvez atravessa sua fala com intensidade. Mesmo quando perguntada sobre o que mudou em sua vida com o envelhecimento, Edna responde:

Tudo. Com a perda do meu marido eu não viajo mais, não gosto. Ele era companhia agradável. Andei pela Europa toda com ele. Então eu não tenho mais nenhuma vontade de viajar. Tenho vontade de chorar [choro]. Só isso.

Viuvez e envelhecimento se associam tão intimamente que se confundem em seu dizer. Mas falar da viuvez ainda é mais fácil - ou necessário - do que falar da experiência de envelhecer, cujos raros comentários foram extraídos após insistentes questionamentos da entrevistadora.

Esses comentários se limitaram a apontar incômodos, como problemas de saúde - cujas causas Edna associa a conflitos familiares -, e a persistência da filha em querer que Edna tenha uma acompanhante, algo que, para ela, tem um sentido negativo de infantilização:

Eu tomo remédios pra pressão. Ontem mesmo eu fui na Casa de Saúde de São José, minha pressão tava muito alta. Aborrecimento com meu filho. Fico muito debilitada. (...) Me incomoda não ter desembaraço pra andar. Eu fui assaltada, caí no chão, tive que fazer fisioterapia. Me incomoda a minha filha querer que eu tenha acompanhante. Não quero ter acompanhante. Não preciso de babá.

Edna assusta-se ao ser indagada sobre as vantagens que o envelhecer traria. Sua visão negativa de velhice a impede de ver aspectos positivos do envelhecimento. Resta, apenas, aceitar, sem revolta, a chatice de envelhecer:

Vantagem!?! Cruz credo, não tem nenhuma. Essa não. Envelhecer não é bom, não. É muito chato. Mas a gente não pode fugir. A gente não pode ficar revoltado porque é a vida, a vida passa [riso].

Embora Edna afirme que não se pode fugir da velhice, a fuga é evidente em seu discurso, ao negar-se velha e ao evitar responder às questões sobre o tema.

Sociedade, lazer e amigos

Sobre a forma como a sociedade trata as pessoas mais velhas, Edna afirma que, em geral, o idoso ou é ignorado ou é motivo de piadas para os mais jovens. Contrapõe a sociedade atual à sociedade de sua mocidade, quando a pessoa idosa era mais respeitada.

Eu não sei, é difícil responder uma coisa dessas. É muito difícil essa resposta. Uns tratam com todo o respeito, e outros não tomam conhecimento, anulam a pessoa, o sujeito não tem voz ativa pra nada. Ignora. Isso é muito comum. (...) Porque [o idoso] não vive mais a mesma vida do jovem. Vive uma vida mais à parte, é, é, é assim. Eu tenho um grande respeito pelas pessoas idosas. Sempre tive. Agora, quando se é muito jovem, se diverte até com as pessoas que não tem a cabeça boa, “é caduca”. Aqui no terceiro andar tem um que está com Alzheimer. É duro. Mas desde que o mundo é mundo,, por exemplo, eu vi meu avô idoso, todo mundo respeitava a palavra dele naquela época. Hoje o que que o jovem faz? Ignora.

As atividades sociais de Edna resumem-se a contatos com os taxistas de um ponto de táxi em frente à portaria de seu prédio. Os amigos, quase todos, se foram. Edna comenta:

Não vivo mais em grupo. Então o que faz falta, faz muita falta uma boa amizade. (...) Eu quase não tenho mais amigos. Eu não sei porque, mas tinha duas amigas do tempo que eu trabalhava, mas todas elas já morreram. (...) Morreram quase todos. Morreram quase todos. Quem me conhece, eu sou muito alegre, eu levo muita coisa, por exemplo, aqui embaixo, eu chego nos taxistas, distribuo terço pra eles, distribuo livretos.

Edna caminhava diariamente para “exercitar o físico e distrair”, mas interrompeu quando, ao ser assaltada, levou um tombo que lhe exigiu repouso e tratamento fisioterápico. Esse evento a desanimou para continuar realizando qualquer atividade:

Não quero fazer mais nada. Há pouco tempo eu ia caminhar na praia todo dia até o Posto 9. Mas depois que eu fui assaltada, caí e fiz fisioterapia durante três meses, aí eu passei a não ir mais.

A morte do marido, o assalto e a queda surgem como justificativas para sua reclusão. Há, ainda, a velhice, momento em que se torna ridículo o flerte, impossibilitando a vivência da própria sexualidade que, segundo seu discurso, é própria do tempo da mocidade:

Então, tudo tem seu tempo. No tempo da mocidade, eu aproveitei bem, me diverti, tive namorados em quantidade [riso]. E hoje eu não vou ter namorado porque eu acho ridículo pensar nisso, porque a vida [pausa] a vida passa pra todo mundo, não é só pra mim.

Ao longo da entrevista, Edna apresenta-se como católica fervorosa. A missa surge como meio de inserção social. E suas crenças dificultam a aceitação de mudanças nos costumes da sociedade.

Eu e minhas filhas somos católicas praticantes. Meu marido era ateu, mas eu falei que só ia casar com ele se ele viesse pra Igreja. E consegui. Mas hoje eu vejo [pausa] piorou muito a educação. A liberdade. A filha de uma amiga permite que os filhos dela entrem dentro de casa e tenham relações. Isso eu acho um absurdo, eu acho um desrespeito. E hoje é muito comum. Meu filho

é solteiro, teve três mulheres, teve filho com todas as três. O que eu acho um absurdo. Sem casar.

Família

Edna tem três filhos e treze netos, que vão à sua casa, em geral, para almoçar. Pode-se sentir um ressentimento velado em sua fala pelo pouco tempo que dedicam a ela:

Daqui a pouco chega um deles [dos netos]. Vem aí pra almoçar. É sempre pra almoçar durante a semana. Vem, engole a comida e sai pra estudar, pra trabalhar. É uma vida muito corrida. Aí eu me pergunto: por que não fica mais um pouquinho?

Ao falar de família, o tema concentra-se, principalmente, na sua relação com o filho mais novo. As outras duas filhas, católicas como a mãe, jamais lhes trouxeram preocupação. O sofrimento surge ao falar do filho Edgar que, rompendo com os valores familiares, deixou a casa aos 20 anos “*para se juntar com uma mulher*”. Hoje, Edgar pinta cartões postais e os vende, “*de porta em porta, de bar em bar*”. Esse estilo de vida é, segundo Edna, medíocre, diante do potencial que possui:

Eu tenho duas filhas e um filho. Esse que me causa muita preocupação. Muito aborrecimento. E ele é um rapaz bom, bonito, foi um jovem considerado dos mais bonitos da época. E as mulheres davam encima. Eu não aceitei o

juntamento dele com uma mulher. Por que que não se casa? Com 20 anos, ele deu as costas para os pais e foi embora. Isso dói. Quando eu lembro disso, dá vontade de chorar [choro]. Ele mesmo não sabe. Eu disse: “ou essa mulher ou seus pais”. Eu não gosto de falar nisso, não. [choro] Mas ele nem sabe que eu sofro assim. (...) Edgar fez escola de cadetes, fez concursos, passava nos primeiros lugares, tudo, inteligentíssimo, mas jogou fora. Jogou fora a família, pai, mãe, jogou fora tudo pra se juntar com uma mulher. Hoje pinta. É talentosíssimo. Pinta cartão postal e vende em Santa Tereza, de porta em porta, de bar em bar. Olha só onde meu filho foi parar.

O filho assume o foco principal de sua fala, assim como os álbuns com fotos de seu marido, que mostra durante e após a entrevista. Dois grandes motivos para o sofrimento atual: a desilusão com Edgar e sua viuvez, que lhe trazem, respectivamente, aborrecimento suficiente para gerar problemas de saúde e desânimo de viver.

Aposentadoria

Edna trabalhou na Previdência Social e se aposentou como secretária num escritório de Engenharia. Aproveitou o tempo livre para se dedicar à pintura. Orgulhosa, mostra, em todos os cômodos da casa, quadros premiados. Contudo, abandonou o pincel após a morte de seu marido, há quatro anos:

Parei [de pintar] por causa da morte do meu marido. Ele sentava do meu lado me olhando pintar, conversava. Perdi a motivação depois disso. Nunca mais peguei no pincel.

A aposentadoria de seu marido, quatro anos antes de se tornar viúva, surgiu como oportunidade para viajarem juntos:

Eu senti um alívio. [riso] Senti um alívio. Eu não trabalhei só na Previdência Social, eu tive outros empregos, eu trabalhei depois no escritório de Engenharia. (...) Ah, eu fui pintar, minha filha, ganhei prêmios. Não queria saber de outra coisa [levanta-se para mostrar os quadros premiados e as medalhas]. (...) Ele [o marido] parou [de trabalhar] quatro anos antes de morrer. Aí nós fomos pra Europa passear. Fui a todos os lugares sacros. Ele alugou um carro. Nós fomos a todos os lugares de carro [levanta-se para mostrar uma foto do marido quando jovem e chora].

Reflexões sobre o dizer de Edna

Edna não está feliz. O choro interrompe sua fala com frequência. Chora, não por estar velha, mas por estar só. Seu marido se foi, seu filho a abandonou em troca de uma vida que não lhe é aceitável e suas filhas e netos pouco tempo lhe dedicam. A tristeza de Edna confunde-se com a tristeza de uma grande parcela das pessoas idosas: resulta do

amargo sentimento de solidão no seio de um mundo que só lhe tem indiferença (Beauvoir, 1990).

Edna contradiz-se. Afirma não se sentir velha por não estar “*acabada*”. Mas está. Sua vida se acaba, interrompida pela morte do marido, por assaltos, por tombos e pela própria velhice.

Edna retira-se de cena porque sua platéia esvaziou-se. As pinturas expostas em sua casa retratam um momento findo de alegria. Hoje, Edna tem diante de si uma tela vazia, sem rabiscos, sem cores, sem sentido. É a sua vida.

Edna perde o ânimo. Não tem vontade de fazer mais nada. Tem vontade apenas de chorar. E chora.

Ester tem 76 anos. Estudou até o nível médio, é viúva e mora com a empregada no Leblon.

6.5 O DIZER DE ESTER

Experiência de envelhecer

Ester insiste em apresentar o envelhecimento como um processo “normal”, “natural”, diante do qual não adianta se revoltar. Diz sentir-se conformada, inclusive com os problemas de saúde decorrentes da idade:

Eu vejo o envelhecimento como uma coisa normal na vida de qualquer pessoa, sendo que uns sabem envelhecer e outros não se conformam. Mas eu estou na categoria de que estou conformada, sei que isso é coisa natural da vida.(...)

Eu me sinto bem. Naturalmente eu sei que a pessoa que está envelhecendo [pausa] começam a vir os achaques da idade [pausa] é um reumatismo, é uma coisa, é outra, mas isso é coisa natural. Então eu me vejo envelhecendo normalmente, como qualquer outra pessoa. (...) Eu acho que a velhice é uma coisa natural, eu acho que as pessoas deviam encarar isso como uma coisa natural, não se revoltar. Mesmo porque se revoltar não adianta. Porque a idade não volta.

Sobre os incômodos que o processo de envelhecer traz, Ester menciona o declínio físico e a dificuldade de sair sozinha, principalmente à noite, justificada pela falta da companhia do marido, falecido há 17 anos, e pelo medo da violência:

Bom, eu senti que com a minha velhice eu já não sou uma pessoa que ando conforme eu andava antigamente. Eu tenho que ter mais cuidado, ando mais devagar, passo a observar mais onde eu piso, pra não ter problema. Então isso é a modificação que eu vejo. [pausa] Visão, que é natural, que eu tenho que usar óculos pra perto e pra longe [pausa]. Eu não tenho outra dificuldade. (...) Bom, nesse processo, o que mais me incomoda, vamos dizer, é a parte física, porque a gente, nessa idade dos meus 76 anos, eu já não tenho mais a mesma mobilidade que eu tinha há 10 anos. Se bem que há 10 anos eu já era idosa, mas tinha mais mobilidade. Então isso incomoda. É uma dor no joelho, é uma dor no braço. Então, são essas coisas que me incomodam. Outra coisa da velhice não me incomoda. Naturalmente [pausa longa] a pessoa idosa como eu já não tem, vamos dizer, ãh [pausa longa] a facilidade de sair sozinha principalmente à noite. Coisa que eu não faço. O crepúsculo caiu, eu já estou dentro de casa. Isso há 10 anos, depois que eu fiquei viúva, confesso a você, que eu fiquei covarde, vamos dizer assim. E ainda com mais essa violência que existe na cidade, isso faz com que você se retraia.

Ao falar sobre o momento em que se deu conta de que estava envelhecendo, a entrevistada cita o falecimento do marido e as dores e limitações físicas que foram surgindo:

O único episódio da minha vida, e que não tem nada a ver com envelhecimento, foi o falecimento do meu marido, que era minha companhia, né? Mas um episódio que me fizesse pensar assim “poxa, você tá ficando velha, mesmo”, não, num, num, num, só, só, só, vamos dizer, os achaques que aparecem, a dor aqui, dor acolá, e tal. Aí você vai me perguntar, há quanto tempo você sente essas dores? Isso já vem há muitos anos, então isso vem num crescente.

Sobre as mudanças em sua vida decorrentes do processo de envelhecimento, Ester afirma estar mais tolerante e mais sozinha. O tema da solidão, inclusive, assume uma dimensão especial em sua fala:

Bom, quando eu era mais jovem, talvez eu fosse menos tolerante. Talvez. Hoje eu sou mais tolerante, pela idade, pela vivência, pela experiência de vida, né? Bom, o que mudou é que eu me vi sozinha. Jovem eu tinha companhia de marido, de filhos pequenos. Agora, mais velha, eu estou mais só. Eu estou mais só. Eu sinto que estou mais sozinha. Não tenho, vamos dizer, solidão, mas eu sei que é, é, é, desagradável vamos dizer assim, você meter a chave na porta e não ter ninguém dentro de casa. É isso.

O tom de conformidade está presente na fala a seguir, quando diz não se sentir “muito feliz”, mas “satisfeita” com sua situação atual:

O que eu gostaria é de ter essa experiência de hoje com menos 10 anos. Estaria muito feliz. Mas sei que é impossível. Então eu estou satisfeita com, com a minha situação atual.

Na fala a seguir, podemos observar, mais uma vez, que há uma preocupação de Ester em mostrar-se conformada com os “*achques que aparecem*”. Como ela afirma, não se sente incomodada com o envelhecimento, mas, antes, acomodada:

*Vou dizer que isso é uma coisa que me incomoda? Não digo que me incomoda
Eu vou dizer que eu sou acomodada.*

É provável que a conformidade de Ester com o envelhecimento esteja associada ao fato de não possuir nenhuma doença incapacitante, principalmente mental, o que tornaria, para ela, o envelhecimento algo “*muito difícil de suportar*”:

Bom, o que eu tenho a dizer pra você é que eu me sinto uma idosa bem. Quando eu digo bem é porque minha saúde ainda está boa, minha cabeça ainda está boa, isso eu peço a Deus que eu consiga chegar à determinada [pausa] quando ele achar que chegou minha hora, eu ainda esteja lúcida. [pausa] Eu acho que a lucidez na velhice é uma das coisas mais importantes, talvez mais do que a saúde, porque a saúde você tem recursos pra se tratar, e a parte de, de, de, de envelhecimento da mente, isso é muito difícil de suportar, não existe recurso pra voltar.

Sociedade, lazer e amigos

A relação da sociedade com as pessoas de idade avançada é vista por Ester como negativa, marcada por uma certa discriminação, talvez pelo fato de o idoso “*não acompanhar o mesmo pensamento, ou os mesmos lazeres*”:

Eu acho que a sociedade [pausa], ela, vamos dizer, ela [pausa], eu não estou achando a palavra certa pra te dizer. [pausa] Ela discrimina um pouco o idoso. (...) Não sei se é porque não acompanha exatamente os mesmos, o mesmo pensamento, ou os mesmos lazeres. Talvez seja por isso. Mas que existe uma, uma certa [pausa] um certo, vamos dizer [pausa] discriminação, existe um pouco. Não digo uma coisa absurda. Mas que existe um pouco, existe.

Apesar da discriminação, Ester afirma que, na sociedade atual, os idosos têm mais oportunidades do que tinham antes:

Antigamente, as pessoas idosas [pausa] eram tratadas realmente como velhinhas. Hoje em dia as pessoas idosas têm mais oportunidade. Quando eu digo oportunidades, como é que eu vou te dizer, elas têm mais oportunidades pra fazer coisas que as pessoas idosas de antigamente não faziam. O idoso antigamente era tratado como, como velhinho. Ficava em casa.

Ester diz se sentir bem tratada pelas pessoas, de modo geral. Justifica os bons tratos recebidos como retorno por tratar bem as pessoas. Implicitamente, seu discurso parece deixar transparecer que os idosos são discriminados porque têm dificuldades de relacionamento, especialmente quando se comportam de forma rabugenta:

Graças a Deus eu não sinto nenhuma discriminação. Não sei se é porque eu tenho um gênio, vamos dizer, [pausa] um pouco expansivo [pausa], então eu tenho um modo de tratar as pessoas, eu não sou uma velha rabugenta, então eu recebo de volta tudo isso. Sou bem tratada.

Atualmente, Ester encontra-se regularmente com um grupo de amigos, mas admite que saía com muito mais frequência quando tinha a companhia do marido:

Bom, eu tenho um grupo de amigas que nós nos encontramos sempre, almoçamos juntas. Nós somos amigas há muito tempo. Normalmente quando é aniversário de uma, a aniversariante nos recebe em casa pra um lanche, aí nós lanchamos. Depois cada uma vai pra sua casa. Eu tenho uma amiga que é como se fosse uma irmã, vamos dizer assim, então essa é mais assídua, toda semana nós vamos ao cinema, fazemos um lanche. Isso tudo dentro de um horário que quando chega 5, 6 horas, cada uma se recolhe. (...) Bem, quando você é casada, tem seu marido, você tem uma companhia, você tem amigos que você sai junto com os amigos. Os casais, então, era muito comum. Automaticamente, desde o momento em que você fica viúva, fica só. No início, as pessoas te rodeiam, te procuram, dá apoio, mas automaticamente isso vai

[pausa longa] diminuindo. Não é que você não tenha mais as mesmas amizades. Tem. Mas não é com a mesma assiduidade que era antigamente.

Além de ter contatos menos freqüentes com os antigos amigos, dançar também se tornou mais difícil com a viuvez. Ester afirma: *“Eu gostava muito de dançar com meu marido, mas hoje nem penso.”*

O cinema e o teatro foram restringidos pelo medo de sair à noite. Inicialmente, Ester alega que, no momento em que ficou viúva, se acovardou. Contudo, adiante, alega que *“a velhice te faz ficar acovardada”*. Isso reforça a idéia de que, para Ester, a experiência de envelhecer se intensificou com a experiência da viuvez:

Eu vou fazer agora 17 anos que sou viúva e [pausa] fiquei acovardada. Quando chegasse à tardinha, ia chegando à noite, eu ficava [pausa] já melhorei, mas não chegou ao ponto de eu me sentir totalmente a vontade para eu sair à noite. Então isso aconteceu há 17 anos passados. No momento em que eu fiquei viúva, eu me acovardei. Não sei se outras pessoas se, se, se sentem da mesma forma. Mas eu tenho amigas que também não saem à noite de jeito nenhum. Agora, tem, no momento, nós temos a terceira idade, que é o meu caso, tem a facilidade dessas programações com, com, com vans, que vêm te buscar e vêm te trazer em casa. Já fiz muito isso, mas no momento não faço. Acho que você ficar na rua até 11h da noite, você tá se expondo. Então eu acho que a velhice te faz ficar acovardada.

Nos encontros entre amigos, a conversa quase sempre gira em torno das doenças, como ocorre geralmente quando pessoas idosas se reúnem, segundo Ester:

Bem, é publico e notório [riso] que as pessoas idosas, quando se encontram, falam sempre de doença. Sempre. Dificilmente você vai encontrar um, umas pessoas idosas que não falem de doença.

Se as atividades fora de casa estão cada vez mais restritas, é ao auxílio que dá na parte financeira e administrativa à firma de bijuterias de sua filha que Ester dedica a maior parte de seu tempo, tarefa esta realizada em sua própria casa:

Como eu disse a você, eu ajudo a minha filha. Ela tem uma firma de, de, de bijuterias, tem loja, oficina de bijuteria, e eu ajudo na parte financeira, administrativa. Eu vejo os pagamentos, isso tudo pelo computador, né? Porque apesar de eu estar velha - velha não, idosa, né? - eu procurei aprender um pouco de computação. Gostaria muito de ter dez anos menos pra eu poder me aprofundar mais porque eu acho uma coisa maravilhosa. Então eu ajudo ela. É uma maneira que eu tenho de dar uma colaboração pra ela.

Ao afirmar que aprendeu computação “apesar” de estar velha, implicitamente apresenta a velhice como uma fase em que não há espaço para o aprendizado de novas tecnologias. Aliás, corrige-se imediatamente, afirmando que não está “*velha não, idosa, né?*” Parece, assim, que o termo *velha*, para Ester, está associado à desatualização e inatividade e o termo *idoso*, à atualização e atividade, características que se orgulha de possuir.

Família

Ester tem um casal de filhos. Não tem netos. Com a filha, o contato é mais freqüente porque trabalham juntas. O contato com o filho é menor, porque ele mora longe, mas a distância é compensada pelo uso da tecnologia. O *skype* aproxima mãe e filho:

Todos eles são muito atenciosos comigo e naturalmente eu com eles. Mas um está em São Paulo, a gente se vê menos. Mas estamos agora com o computador, o skype, então a gente se fala, se vê, e com a filha com mais assiduidade porque eu trabalho com ela. Hoje mesmo ela veio aqui, almoçou. E assim eu vou levando a vida.

Aposentadoria

Ester nunca trabalhou fora. A aposentadoria do marido trouxe-lhe pouco significado, pois veio acompanhada de seu falecimento, onze meses depois. Segundo Ester, nesse curto período, não houve impactos significativos na rotina de casa. Por sua vez, as atividades sociais foram sensivelmente reduzidas. Isto porque, como afirma Ester, antes, em função do trabalho, o marido recebia mais convites para eventos:

Naturalmente que, quando ele trabalhava, devido à posição, nós tínhamos muitos casamentos pra ir, eventos e tal. Depois, são menos os casamentos e recepções. Mas em casa, uma vida normal.

Reflexões sobre o dizer de Ester

O avançar do tempo trouxe dificuldades para Ester: as limitações físicas típicas da sua faixa etária e a casa vazia.

As limitações físicas normais para alguém de sua idade, contudo, não a incomodam de fato, pois Ester mantém-se independente e autônoma. Nesse aspecto, assim, não houve ruptura significativa.

Por outro lado, se o avançar do tempo vem lhe poupando fisicamente, é no contexto social e, principalmente, familiar, que ele se mostra impiedoso. A casa vazia incomoda Ester, que sente muito a ausência do marido e do filho que não mora no Rio de Janeiro.

O marido morre – ruptura intensa – e leva consigo a vida repleta de amigos e eventos. O filho se afasta, levando consigo abraços, sorrisos e olhares.

A casa vazia ameaça esvaziar sua própria vida. Mas Ester reage a essa ameaça e se preenche, num movimento vital que a conduz a atualizar-se. Torna-se um exemplo de auto-regulação, segundo a acepção de Freire (2006), ao demonstrar-se capaz de considerar novas metas de vida, condizentes com a nova realidade. Através do computador, Ester torna-se capaz de colaborar com o trabalho de sua filha e de se reaproximar, virtualmente, do filho. Assim Ester se preenche e vai levando sua vida.

Leonel tem 75 anos. É coronel, viúvo e mora sozinho no Leblon.

6.6 O DIZER DE LEONEL

Experiência de envelhecer

Em sua primeira fala, Leonel associa envelhecimento a deficiências. E, apesar de dizer que se trata de um processo natural, a velhice, representada pela expressão “*a idade*”, é algo que deve ser enfrentada, como se enfrenta um inimigo:

Ah, eu vejo como uma coisa normal, natural, e naturalmente a gente vai se acostumando com as deficiências que vão surgindo, né? (...) Então eu tô [pausa] eu acho que a gente tem que enfrentar a idade. Tem restrições [pausa] eu não posso fazer muita coisa que eu fazia antes, mas eu tô procurando continuar minha vida.

Ao dizer “*mas eu tô procurando continuar minha vida*”, Leonel reforça a associação entre velhice e deficiência/restrições e nos conduz a idéia do envelhecimento como um inimigo que atrapalha a continuidade da vida.

Sobre os incômodos da velhice, Leonel queixa-se da perda da “*jovialidade antiga*” e do “*vigor antigo*”:

Eu acho que o que incomoda é [pausa] eu não tenho aquela jovialidade antiga. (...) Olha, o aspecto que eu acho é só que você não tem aquele vigor antigo, né? Eu tenho que me cuidar mais [pausa] porque, se faz um esforço a mais, você começa a sentir, assim, é, o coração.

A saúde é motivo de lamentações constantes. Apesar de não ser acometido por nenhuma doença que gere incapacidades significativas, Leonel queixa-se da preocupação constante com os cuidados:

Começam a aparecer os primeiros problemas que a gente tem que cuidar, e de quando em quando ir ao médico pra ver se tem alguma coisa. É uma preocupação quase que constante. (...) Exames rotineiros, coração e [pausa] fazer um check-up geral. Agora vou fazer novos exames e tudo. E é assim. Essa é a preocupação.

Contrapondo-se a isso, Leonel aponta como vantagem do envelhecimento a experiência adquirida ao longo dos anos, o que permite “uma melhor compreensão das coisas”. Exemplifica isto ao falar que agora, por exemplo, é mais condescendente com os netos do que fôra com os filhos:

Eu acho que a gente vai envelhecendo, vai, vai, tendo a vantagem de ter a experiência, uma melhor compreensão das coisas. A gente, quando é pai, é muito mais duro com os filhos. Depois com os netos a gente procura compreender.

Sociedade, lazer e amigos

Acerca da relação da sociedade com as pessoas idosas, Leonel critica a falta de assistência do governo aos idosos de baixa renda:

Têm idosos que estão numa faixa que estão gastando muito com remédio, e [pausa] e eles ganham pouco. Um cara que ganha um salário mínimo, como é que ele come? Ele e a mulher dele? Um plano de saúde pra idoso é caríssimo. Quem que pode ter um plano de saúde? Se um cara ganha um salário mínimo, tem que se subordinar a um desses hospitais falidos. Eles têm que enfrentar fila no INSS, nos hospitais, e não recebem a atenção devida, porque chega lá... Isso é um ponto que eu acho pior. Eu acho que isso aí é uma coisa que tem que se, o governo tem que ter uma medida melhor. Maior assistência.

Apesar de não estar incluído no grupo de idosos com baixa renda e dizer que, em geral, se sente bem tratado na sociedade, Leonel traz exemplos de que a pessoa idosa, independente da classe social, é desrespeitada, principalmente pelos jovens de hoje, que respeitam menos o idoso e o ignoram, como se ele parecesse “invisível”. Por outro lado, um grande benefício que o idoso teve na sociedade atual foi, segundo o entrevistado, o avanço da medicina:

Eu acho que eu nunca tive problema. De um modo geral, me tratam bem. Mas sempre têm aqueles que amarram a cara, ficam revoltados porque têm

preferência. Mas, é, normalmente é gente nova. Então, é [pausa] de um modo geral trata bem, agora quem não trata bem, normalmente é, rapazes, mocinhas, novos. Por exemplo, no trem, no metrô, tem os dois lugares preferenciais. Então tava um casal de 18, 19 anos por aí. Outra cena foi, você vê como é que é, um casal, eles andavam quase arrastando os pés, bem idosos. Chegaram, pararam na frente de dois rapazes. Você sabe que eles olhavam para um lado, olhavam pra outro. Ficaram bem quietinhos. Aquele casal parecia invisível. (...) Hoje, a mocidade, principalmente na idade da minha neta, com a idade chamada aborrecência, elas sabem tudo, elas entendem tudo e dizem “você não sabe nada”. (...) Antigamente, tinha mais respeito aos idosos, e hoje já não há tanto respeito aos idosos. Só que hoje, por outro lado, tem muito mais recursos médicos.

O lazer para Leonel assume uma dimensão especial, em particular após a viuvez, que lhe trouxe “*uma sensação de liberdade*”:

Tem gente que vai se, como se diz, vai, com é que se chama, vai ficando mais reservada porque tem medo disso, medo daquilo. Eu não. Eu saio a hora que eu quero, volto a hora que eu quero. Ainda mais agora que eu fiquei viúvo, né? Eu tenho [pausa] uma sensação de liberdade. Não tenho que dar satisfação a ninguém. Saio, volto. Então eu procuro viver minha vida e a vida não pode parar. Então eu tenho minha vida particular, tenho meu computador, tenho reuniões, sou do Lions, trabalho, faço coisas, tudo de graça para o Lions, né? Faço visita a outros clubes. Quer dizer, a minha vida se

compõe do Lions, da minha família, da minha filha, da minha neta, e eu vou vivendo.

O lazer de Leonel inclui viagens, além das atividades do Lions e da família. Tais atividades, segundo ele, lhe deram forças para superar a morte do filho, há nove anos:

Eu viajei, fui a São Paulo, lá com meus amigos. Eu vou lá, encontro com eles. Agora esse ano vou, vou à Mato Grosso, vou à Porto Alegre numa turnê de sete dias. E vai ter [pausa] vai [pausa] a reunião vai ser em Canela, e eu vou aproveitar pra visitar meus colegas de turma que moram lá. Então eu vou rever esse pessoal. Tem um que eu não vejo há quarenta e poucos anos. E pretendo, em novembro, ir com minha filha pra Fortaleza. Ela tá doida pra ir, eu também quero. E é assim. (...) Mudou, porque eu fiquei, eu acho que, quando eu entrei no Lions, fui ganhando vários amigos, aumentando meu círculo de amigos. Então, eu acho que isso foi muito bom pra mim, porque [pausa] a minha vida teve baques. Vão fazer nove anos em outubro que eu perdi meu filho, com 29 anos. Quem sofreu mais foi minha mulher. Daí ela foi [pausa] e, e por isso ela [pausa] ela se reservou mais, se afastou. Não era muito de sair. E ficou comendo, comendo, comendo. Era a fuga que ela arranjou pra fugir do problema. E veio a falecer agora, há um ano e pouco, em fevereiro do ano passado. E tudo isso me deu forças, a minha família, o Lions, porque eu não parei. Eu continuei trabalhando. Era até presidente do Clube. Continuei participando das atividades, ia às reuniões normais, aquela coisa. Eu não parei. E continuo.

Família

Ao ser perguntado sobre seu relacionamento familiar, Leonel, a princípio, mantém um discurso generalista, afirmando que os filhos, em decorrência da vida agitada, “*não querem saber muito dos pais*”:

Os filhos não querem saber muito dos pais. Preferem que eles fiquem com a empregada noutra apartamento e que não fiquem atrapalhando a vida deles. Isso eu, eu noto que acontece isso. Talvez seja por causa do trabalho, da vida mais, mais agitada que têm os filhos, entendeu?

Ao falar da própria família, Leonel retorna ao assunto da morte do filho e diz que a neta foi fundamental para superar a perda:

Eu tinha dois filhos. Então meu filho faleceu e me deixou essa neta. E o, e a filha não tem filhos. Problemas dela que ela teve que operar. E a neta me salvou do, do, do, do problema com o filho, porque eu era muito agarrado com ele. Mas tinha ela. Eu passei toda aquela [pausa] aquele sentimento que eu tinha pelo filho, passei pra ela.

Esposa e filho falecidos. Restam-lhe a filha e a neta. Sobre o relacionamento com a filha, Leonel relata a perda de sua influência sobre ela. Não se pode fazer nada, afinal, como ele afirma, “*ela é adulta, a vida é dela*”:

O caso da filha mudou porque ela tornou-se adulta, teve uns três anos fora do Brasil, voltou, e o relacionamento é bom, mas eu não posso interferir na vida dela porque ela já é maior. Atualmente, tá com quarenta e três anos. Eu só posso dar um aconselhamento. Se ela não tá trabalhando, você diz “você tem que fazer alguma coisa da vida” [pausa]. São apenas conselhos, você não briga mais como naquela época. Você tem que entender que não pode fazer nada, ela é adulta, a vida é dela, tá?

Ao falar especificamente sobre a neta, Leonel demonstra dificuldade em aceitar a permissividade de sua criação:

Quando eu era novo, com meus filhos, eu encarava diferente a criação. Mas é vida nova. Eu não aceito, mas [pausa] eu engulo. A neta às vezes sai com essa idade, 14 anos [pausa] e não aceito, mas não posso fazer nada. Um dia desses, eu cheguei de uma reunião onze e quinze da noite, mais ou menos, e ela tava aqui na portaria pra pegar a mesada. “Vô, minha mesada”. Na verdade, não é nem mesada. É semanada. Aí saiu ela, tava um taxi esperando, não vi quem tava dentro porque tava escuro. Mas são as amigas. Quer dizer, [pausa] eu só tenho que aconselhar. E é assim, a vida vai evoluindo, né? Não sei se pra melhor ou pra pior. Mas, enfim.

É clara a existência de um conflito entre valores tradicionais e atuais. Não tão clara, porém presente, é a queixa de que as visitas da neta são rápidas e com o objetivo de “pegar a mesada”. Interessante observar que a entrevista foi interrompida pela chegada da

neta. Leonel lhe deu o dinheiro e ela partiu cinco minutos depois, quando ele comentou: *“toda segunda, esse horário mais ou menos, ela vem me ver.”*

Aposentadoria

Aposentado há cerca de 20 anos, Leonel diz que a aposentadoria lhe trouxe algumas mudanças na rotina diária, que incluem falta de horário para acordar ou de responsabilidades com trabalho e o fato de que a disciplina do quartel deu lugar a uma vida mais sedentária:

todo dia eu levantava cedo, trabalhava, eu tinha responsabilidade. Depois do comandante, era eu. E [pausa] era movimentado, tinha acampamento, tinha uma série de coisas. Isso parou, né? No começo eu fui me adaptando. Nessa época eu andava, corria, e aí, a rotina mudou. (...) Eu tinha que acordar umas quinze para as seis, e então eu já levantava, fazia a higiene, aquelas coisas todas, ia tomar café no quartel. E aqui eu acordava, virava pro lado e dormia. Passei a acordar 8 horas. Então foi isso, eu não tinha aquela atividade antiga. Talvez foi isso que me fez engordar, porque a gente fica mais parado.

A aposentadoria proporcionou uma convivência mais intensa com a esposa, gerando conflitos decorrentes de *“problema de gênio”*:

Teve problema de gênio, né? Ela tinha o gênio muito forte. E problema de filho, a gente acabava, às vezes, tendo briguinhas, mas depois passava e ficava tudo bem. Porque a gente passou a conviver mais tempo e cada dia eu sentia mais os problemas dos filhos e nós acabávamos brigando.

Reflexões sobre o dizer de Leonel

Leonel vive, hoje em dia, duas experiências às quais confere sentidos opostos: envelhecimento e viuvez.

O envelhecimento, em sua fala, é apresentado negativamente, pois, de certo modo, o aprisiona em um corpo que não possui mais o mesmo vigor de antigamente. Manifesta-se através de deficiências que ameaçam o curso de sua vida. Manifesta-se, também, pela redução de sua influência sobre filhos e neta, colocando-o diante de um conflito que, de acordo com Seminério (1991), é caracterizado, de um lado, pelo desejo crescente de ministrar conselhos e ordens a fim de preservar o seu poder e, de outro, pela rejeição das gerações seguintes a esses conselhos e ordens, como forma de reafirmar sua independência.

Esposa e filho se foram. Diante da filha e da neta, sente seu poder de influência reduzido. A filha é maior de idade e não aceita as ordens ou conselhos do pai. A neta tem uma educação permissiva. Qual é o papel de Leonel em sua família, então? Não há nada a fazer, além de calar-se e dar a mesada. Não há como aceitar, apenas engolir a intragável sensação de impotência e solidão no contexto familiar.

Por outro lado, a viuvez o liberta das obrigações com a esposa. Portanto, esta é vivenciada de forma positiva, como oportunidade para uma inserção social intensa.

No contexto público, Leonel busca manter-se vivo através de atividades no Lions Clube, viagens e reencontros com amigos. A vida abre-se com grandes possibilidades. E Leonel as aproveita, compensando o desamparo na vida privada.

Francisco tem 80 anos. É casado. Cursou Faculdade de Direito. Mora com esposa e filho no Leblon.

6.7 O DIZER DE FRANCISCO

Experiência de envelhecer

Envelhecer é, para Francisco, uma experiência declaradamente negativa. Não se trata apenas de algo triste, mas da “*pior tristeza que existe*”:

Pra mim, o envelhecimento é a pior tristeza que existe. Eu queria ser permanentemente jovem. Eu tenho um amor pela vida. De modo que a velhice é uma tristeza, uma melancolia. E eu encaro como uma derrota. (...) Eu sinto uma tremenda amargura. Tremenda.

Apresentando-se tremendamente amargurado por sua condição de idoso, Francisco afirma seu amor pela vida. Mas não pela vida presente, e sim pela vida passada, dos tempos de sua mocidade. Na fala seguinte, a velhice surge contraposta à mocidade, descrita como um período de alegria:

Eu queria poder fazer velho o que fazia como moço. Gostava de passear, gostava de ter bons amigos, fui um grande carnavalesco, sempre fui muito alegre, pratiquei esportes.

Ao ser perguntado sobre quando se dera conta de que estava envelhecendo, Francisco responde:

Eu me dei conta quando já não recebia mais os olhares. Você passa, não te percebem. Eu já não tinha os mesmos amigos. Quando já não tinha mais gente da minha geração no clube, de não poder namorar, de fazer os meus programas. Essas frustrações, né?

A invisibilidade surge como indício de que a beleza da mocidade lhe deixara. A morte dos amigos e a incapacidade de “namorar” somam-se para anunciar o desastre do qual se tornou vítima, desastre cujos danos são piores que a morte:

A terceira idade é um desastre de ridícula, eu acho que o sujeito tinha que ficar na primeira idade. Morrer jovem com saúde, do que morrer velho e doente.

A continuidade de sua fala reforça o sentido negativo do envelhecimento: a perda da “graça de tudo”, a morte das pessoas de sua geração e o desrespeito da nova geração. Resta-lhe apenas a solidão:

Você perde a graça de tudo. Você perde o prazer de tudo, né? Não tem nada. Você sai na rua, não tem mais os colegas de faculdade. Você vai ficando sozinho. A coisa terrível do envelhecimento é que você custa a morrer, mas vai ficando sozinho. Não tem mais ninguém do seu tempo, da sua geração. E essa

geração nem olha pra você, nem te dá confiança. É um velho gagá, chato, superado, idiota.

Sobre sua saúde, não surgem queixas significativas. Destaca, apenas, um maior cuidado, em especial com o coração:

Felizmente a minha saúde é muito boa. Eu tive uns tropeços aí, né? Eu caí na rua safenado, mas agora eu estou bem. (...) Ah, eu sou muito rigoroso. Vou sempre ao cardiologista. Pra acompanhar, eu tomo oito remédios, tomo remédio para o coração, pra pra, pra afinar o sangue, remédio pra pressão.

Sociedade, lazer e amigos

O desrespeito da sociedade em relação aos mais velhos, tratados como “entulho”, é intensamente apontado por Francisco. Ele mesmo se diz desrespeitado, na medida em que é tratado com condescendência, e não com admiração:

Ah, trata mal. Trata mal. Não há nenhum respeito. Nenhum respeito. (...) Eu me sinto, é a indiferença, assim das pessoas, entende? Te tratam com certa pena, com certa condescendência. Mas não trata com aquele respeito, admiração, aquele carinho, não. O velho é um chato, não cede o lugar pra ele, não facilita a vida dele, já passou, é um entulho.

Ao comentar sobre a diferença entre envelhecer hoje e envelhecer antigamente, Francisco aponta uma vantagem da atualidade, que é a maior qualidade de vida para o idoso:

Bom, eu acho que há mais recursos, né? A vida se prolongou, a medicina avançou mais. Então, você morria antigamente muito jovem, por falta de recursos, de higiene. Hoje o velho tem mais conforto, ele pode viver mais e melhor.

Mas Francisco acrescenta que a qualidade de vida aumentou apenas para quem pode pagar melhor assistência:

Se ele tiver dinheiro pra recorrer à assistência. Nesse sentido a vida é melhor. (...) Eu acho que o fundamental na vida de um homem pra ser feliz é ter dinheiro. Com toda franqueza. Não ter dinheiro, é um pária social. Não é respeitado em nenhum lugar. Principalmente no Brasil. Se você tiver dinheiro, e quando ainda é jovem, você tem respeito. Você não vai pra prisão, você pode ter bons médicos, você pode comer bem, você pode viajar. O dinheiro, a juventude - e o sexo, né? - são a chave da felicidade. Esta é a minha constatação melancólica. E a velhice me tirou tudo isso. Dinheiro não me falta, mas o que tenho ajudo meus filhos.

Francisco finaliza a fala com uma receita da felicidade: dinheiro, juventude e sexo. E acusa a velhice como algoz, por ter lhe retirado tudo. O dinheiro que lhe resta, destina aos filhos. Nada fica pra si, nada.

Autor de crônicas e poesias sobre seus tempos de mocidade, Francisco publicou vários livros. Ler e escrever são seus passatempos. Os amigos são antigos, da época em que fazia faculdade ou em que trabalhava no Banco do Brasil. Os encontros vêm se tornando menos freqüentes, na medida em que os amigos morrem:

Eu sou fiel aos meus amigos. Tenho amigos de, de, de, 60, 70 anos, de infância, de colégio. Mas poucos, porque praticamente noventa por cento já se foram. Do Banco, da Faculdade, raríssimo. (...) E durante anos, nós nos reunimos anualmente, essa turma de advogados e funcionários. Um jantar. Anos e anos. Mas aí foi morrendo, morrendo, morrendo. No último jantar que eu fui, foram três [riso]: eu e mais dois amigos.

Durante a entrevista, Francisco ocupa-se, a maior parte do tempo, de falar sobre flertes e casos amorosos de sua mocidade, concluindo que “*Só que quando a gente fica velho, a coisa fica diferente. Não tem como alguém gostar de envelhecer*”. Um trecho desses momentos está apresentado a seguir:

Eu, eu, eu sempre digo que o que me mantém vivo são as mulheres. Minha mulher não gosta quando eu falo isso, mas é verdade. Eu vou ao Banco porque [pausa] tem duas ali que tenha santa paciência. E uma vez, uma moça que eu conheci na praia, eu ia todo o dia no horário que eu sabia, e eu passando por ela, na areia, cumprimentava, durante 10 a 12 vezes, e ela não respondia. [pausa] Isso é terrível. Isso não acontecia antes. Nunca fui um galã, mas era ajeitado. Já fiquei com muitas mulheres, mesmo depois de casado. Principalmente depois de casado, que eu já era advogado. Aí,

“advogado do Banco do Brasil”, ah, as mulheres se derretiam. Eu lembro de um mulherão, que eu conheci assim que eu entrei no Banco. Casada. Mas um corpo, um rosto, eu ficava... Dei encima, até que ela ligou, minha mulher do lado, e disse: “tô aqui no hotel te esperando. Vou te dar.” Se você tem dinheiro, tem tudo. Outra, linda a moça, estagiária, aí eu encarei com ela. Eu era atrevido, né? Mas com classe. Chegava e dizia: “sou advogado, trabalho lá no Banco do Brasil”. Aí ficamos numa camaradagem. Ela tava topando. São três coisas que o homem não pode: é fogo morro acima, água morro abaixo e mulher querendo dar. Só que quando a gente fica velho, a coisa fica diferente. Não tem como alguém gostar de envelhecer.

Família

A família é tema sobre o qual Francisco demonstra desconforto ao falar diante do gravador. Após ser desligado, comenta a tristeza que sente pela pouca atenção recebida dos três filhos. Poucas visitas e telefonemas escassos são vivenciados como falta de retribuição por tudo o que fizera, em especial pelo apartamento dado a cada um. Relata ter sido usado e jogado fora pelos próprios filhos.

Sobre a relação com a esposa, Francisco informa, após o gravador ser desligado, que ela se ocupa muito com as atividades da igreja e, por isso, passam pouco tempo juntos. Durante a entrevista, limita-se a ressaltar suas qualidades, evitando detalhes sobre o relacionamento:

A minha mulher é tremendamente paciente, uma criatura muito doce, e eu, se tivesse que me casar, me casaria com ela de novo, embora a traísse quando pudesse [riso]. Ah, ela é uma doçura, uma coisa impressionante. 43 anos casados.

O entrevistado queixa-se dos constantes desquites dos filhos e da perda de privacidade quando um deles voltou para casa, após separar-se:

A, a, a, a família está em extinção, né? É um debacre total, né? Minhas filhas se desquitaram duas, três vezes. Depois da pílula e a mulher se tornou independente profissionalmente, aí casa se quiser, fica com quem quiser. E, na minha família [pausa] a gente vai envelhecendo, vai ficando mais intolerante, mais ranzinza, né? Meu, meu filho está no quarto casamento. Aí junta, desjunta. Agora tá comigo aqui. Casou com a moça, teve um filho com ela, mas não durou um ano. “Posso ir praí?” Eu arrumei o quarto, reformei o banheiro, aí veio, enfiou uma moça aqui pra dentro de casa, tirando a liberdade da gente.

Aposentadoria

A aposentadoria surgiu para Francisco como um momento de melancolia. Se o último dia de trabalho não é o último de sua vida, é o primeiro de uma vida vazia. Esse

“vazio” é preenchido pela nova função assumida, a de autor de crônicas e poesias, que lhe deram medalhas e placas, mostradas com orgulho:

Ah, é triste, né? Fiquei 31 anos. Aí me deram uma placazinha, uma placazinha. É melancólico, né? Aí eu dizia a frase: o último dia do trabalho não é o último dia da vida. Mas você sente um vazio, sabe. Um vazio. Porque era muita camaradagem, e tal. Eu acho triste se aposentar. Eles se despediram, fizeram lá um coquetelzinho, a turma, e me saudaram na saída. Eu fiz o meu discurso de agradecimento, etc e tal. Sempre o Banco teve assim essa fraternidade. Depois, comecei a escrever, escrever, escrever.

Reflexões sobre o dizer de Francisco

Francisco está só. Entre esposa, filhos, amigos e amantes, nada lhe resta ou lhe atende como espera. O envelhecimento lhe tirou tudo, segundo ele.

Acreditando nisso, transforma-se em um homem derrotado, tremendamente amargurado com sua condição inaceitável de idoso. À medida que o tempo passa, essa condição se afirma com mais intensidade. É um sofrimento profundo por se sentir um entulho - usado e jogado fora, por se sentir invisível, ignorado, discriminado.

Mas, de fato, é Francisco que ignora o tempo presente e discrimina os valores atuais. Vive num contexto que pouco ou nada tem a ver com as pessoas que o cercam. A vida perde a graça. É preferível morrer. Mais do que a morte, é a velhice que Francisco

opõe à vida. De fato, não é raro que a velhice inspire mais repugnância do que a própria morte (Beauvoir, 1990).

E Francisco morre aos poucos. Não se atualiza, não renova laços sociais. O tempo passado é o exílio que lhe mantém em sobrevida. Exilado, rememora a história de sua cidade e casos amorosos de sua mocidade. Tudo detalhado em suas crônicas e poesias.

Se não morto, ele é um exilado de si mesmo, entre memórias e fantasias de um velho que não aceita envelhecer.

Nair tem 75 anos. É casada com Aldir, o próximo entrevistado. Cursou Faculdade de Ciências Contábeis. Mora com o marido, Aldir, no Flamengo.

6.8 O DIZER DE NAIR

Experiência de envelhecer

Nair associa envelhecimento à falta de expectativas e de desejos. Isso fica evidente ao falar:

velho é quem não quer mais nada. Eu quero tudo.

Nair não se reconhece como velha e insiste em dizer que, apesar do declínio físico, pensa como jovem por ter um projeto de vida:

Na realidade, eu não tô vendo muito o envelhecimento, porque minha cabeça ainda está uns trinta anos a menos do que eu tenho na carteira. Então, eu não vejo [pausa] não vejo o envelhecimento. [pausa longa] O que às vezes eu sinto é o físico não acompanhar a cabeça. Então, o desgaste de material é que pra mim é mais problemático. É a falta mais de mobilidade é [pausa] assim [pausa] ter a oportunidade de dar uma corrida. Mas a minha cabeça é muito

anterior do que a minha idade na, na, na carteira. Então eu ainda não assumi que, que eu tô envelhecendo. Eu ainda quero muita coisa, tenho muito projeto.

O “*desgaste de material*” traz incômodos, como dificuldade de locomoção e de aprendizagem:

eu sentar no chão e não conseguir levantar sozinha, eu tenho que ter apoio. Isso me incomoda. E agora a, a, a falta de capacidade de reter, é [pausa] de reter o que eu tô aprendendo. Então, por exemplo, eu tô fazendo um curso de inglês e vou parar porque eu não tenho capacidade de reter conhecimento. Passa um minuto e eu já esqueci. Então isso tá me incomodando. É o desgaste de material.

Sociedade, lazer e amigos

Ao refletir sobre o modo como o idoso é tratado na sociedade atual, Nair critica o desprezo com que velhos pobres ou dependentes são tratados:

de uma maneira geral, dependendo também da classe social, se ele é dependente do filho ou não, eu acho que muitas vezes eles não dão a devida atenção. (...) Então muita coisa que eu vejo é que, casos de pessoas que têm uma aposentadoria do INSS, que moram na casa dos filhos, muitas vezes não são bem tratadas, são tratadas com certo desprezo, sabe? Você tira muitas

vezes por motorista. Motorista vê muitas vezes uma pessoa de mais idade, mais velha, ele arranca com o ônibus, ou então não pára no ponto.

Contudo, ao ser questionada sobre as mudanças entre envelhecer hoje e antigamente, Nair aponta várias vantagens da sociedade atual, em particular, a independência da mulher:

Ah, tem. Uma mudança enorme. Principalmente em relação à mulher. Antigamente a mulher era a rainha do lar, vivia às custas do marido. Então, quando ela chegava na faixa dos sessenta anos, ela era uma velha, então o cabelo ela deixava crescer, fazia coque, sentava na cadeira de balanço, fazia tricô, crochê, não sei o quê. Tinha morrido pra vida. Então, não saía pra lugar nenhum. Se quisesse alguma coisa, dependia do marido. (...) Então eu acho que tem muita diferença. E as minhas amigas pensam mais ou menos como eu. O que mais você vê no teatro é velhinha, todas louras, porque a tinta loura cobre melhor os fios brancos. Todas as velhinhas estão lá saracoteando. Olha, eu fui outro dia no Shopping Tijuca me encontrar com amigas minhas do curso normal. Então, às duas, três horas da tarde, na Praça de Alimentação, tava cheio de velhinhos, de pessoas de mais idade, tomando sorvete, olhando o tempo passar. Estavam prestando atenção à vida em volta. Antigamente a mulher não ia ao cinema sozinha. Hoje em dia, não. Se não quiser chamar o marido, vão ao cinema sozinhas. Hoje em dia, se a gente não faz mais coisa sozinha, é com medo da violência, porque você fica muito mais vulnerável. Você leva um esbarrão, você cai no chão. Então a, a falta de segurança é que muitas vezes bota o pessoal pra ficar mais recatado. Porque se não tivesse

isso, eu acho que a mulherada com dinheiro, sem dinheiro, tava toda na rua. Qualquer lugar que você vá de divertimento, a predominância é de mulheres e de mulheres de mais idade. Eles reclamam de teatro ter meia entrada pra velhinhos, mas se não fossem os velhinhos, aquele teatro não tava muito cheio não. Então, a liberdade da mulher em termos de ter seu próprio dinheiro, dos costumes terem mudado, porque antigamente, na minha época, era feio você sair sozinha, uma mulher ser desquitada. Era considerada uma verdadeira piranha. Hoje em dia tem o primeiro marido, segundo marido, terceiro marido. Manda o homem embora. Eu acho que é muito mais proveitoso viver agora, principalmente por causa da, da independência. Não tem que perguntar: “me dá dinheiro?” Que “me dá dinheiro” coisa alguma. Chega e determina o que vai fazer, o que quer fazer, diz que já fez. Não tem problema.

Segundo a entrevistada, a sociedade atual, através da independência da mulher e dos tratamentos estéticos, traz a possibilidade de não envelhecer. Isso fica evidente quando diz:

Com a independência da mulher, você não fica velha não. Hoje em dia, a gente está se renovando. É roupa, penteado. Eu não tenho cabelo branco, meus cabelos nascem todos dourados [riso].

Nair orgulha-se de participar de atividades sociais. Afirma gostar de viajar e passear. Lamenta, apenas, a ausência do marido:

Ih, lazer é comigo mesmo. Viajo muito, vou ao teatro. Ele, ele [o marido] é uma pessoa muito boa, ele não tem assim a vontade de ir, mas hoje mesmo, eu já passei no teatro e comprei dois ingressos: pra ele, pra mim e pra minha amiga. Mas eu vou muito a, a, a coisas artísticas. Vou à exposições. Então eu tô sempre atendida, as minhas antenas estão sempre balançando. (...) Só fico com pena de não ter companhia do meu marido quando viajo. Porque eu vou com amigas, ou em excursão, mas não é a mesma coisa. Você dividir um quarto com uma pessoa que você não tem uma intimidade maior. Mas eu gostaria de ter a presença dele. Mas é por causa da mãe dele. Meu marido é filho único, minha sogra já tá com, com 98 anos. Então, é, ele não pode se afastar. Nós dois não podemos. Eu me afasto, porque quando tem lá as minhas excursões de velhinhas, eu vou embora, não quero nem saber. Embora ele fique muito triste, mas o que que a gente vai fazer? Daqui a alguns anos, minhas articulações não vão mais me permitir fazer uma viagem mais longa, né? Porque você fica de perna dura, a circulação é mais difícil. Então, eu tô aproveitando agora.

Diante de um futuro que anuncia possíveis limitações físicas, Nair conscientiza-se de seu envelhecimento e valoriza sua independência física e financeira. Assim, contrapõe-se ao que disse anteriormente: “Com a independência da mulher, você não fica velha não”. Fica sim, e, sabendo disso, estimula-se a passear e viajar, com ou sem o marido. Estimula-se a reencontrar antigos amigos, como no ano passado, quando, através da *internet*, reuniu amigas de ginásio em um encontro, no qual os tempos da mocidade foram docemente lembrados:

Eu tenho aquele grupo de amigos de muitos anos atrás com quem eu me relaciono é, a não ser duas ou três que estão perto de mim sempre, há mais de 30, 40 anos. Fora essas, eu tenho amigos que eu revejo de vez em quando, se fala por telefone. Aí a gente some um da vida do outro, aí a gente se encontra novamente, entendeu? É um grupo pequeno, mas é um grupo com quem eu tenho contato. Eu consegui resgatar agora minhas amigas de ginásio. Então, eu resolvi procurar todo mundo na internet. De 70, eu achei sessenta e poucas. Então nós fizemos uma festa, e aí foi muito engraçado, porque vieram me dizer o que eu era quando eu tinha 10, 11 anos. Então, quer dizer, colegas que diziam, assim, que eu entrava na fila pra roubar merenda [riso]. E eu, de uma certa maneira, que consegui puxar todo mundo. Eu mando carta, eu pergunto, eu que vou ao restaurante marcar. Então, quer dizer, em relação às amizades, eu tenho poucas, mas aquelas constantes. Faço algumas amizades com, com as pessoas com quem eu viajo, mas são amizades mais supérfluas, de momento. Mas aquelas de raiz, aquelas de ter acompanhado a vida mesmo, são poucas. Se bem que tem as sessenta que eu achei, né? A gente passava muito tempo juntas, a gente ficava o dia inteiro na escola. Então, nós, é, convivemos. Então, por exemplo, a gente acompanhou aquelas, aqueles sonhos de adolescente, artistas de cinema, primeiro namorado, primeiro baile.

Família

A passagem do tempo, apesar de trazer limitações físicas e cognitivas, também trouxe a Nair benefícios, como melhores condições financeiras. Hoje não há mais gastos com os filhos. Outro benefício é ver que o projeto de vida da mocidade foi realizado, trazendo a sensação de dever cumprido:

Eu acho que agora eu usufruo mais a vida do que no tempo que eu era mais jovem. Porque eu tinha dois empregos, filhos, então era uma vida muito mais agoniada. Falta de dinheiro, ou dinheiro muito justo. Eu acho que hoje eu levo uma vida muito mais tranqüila. Filhos casados, o gasto que a gente tem é mais [pausa] e, agora tá dando pra ajustar. (...) Outra vantagem é a tranqüilidade de, vamos dizer assim, de já ter alcançado aquele projeto de vida. Então eu acho que eu tenho essa tranqüilidade. Aquilo que eu projetei, que eu desejava, eu acho que eu consegui cumprir meu dever direitinho.

A passagem do tempo permitiu a Nair libertar-se do dever de criar os filhos. As tarefas domésticas não são vistas como obrigação e a colaboração do marido em casa contribui para usufruir sua vida. Mas o nascimento da neta lhe trouxe novas obrigações. E o compromisso diário a incomoda. A neta é prioridade, como eram os filhos. Não lhe restam opções. “Fazer o quê?”, pergunta, sem esperança de uma resposta que lhe traga novo caminho. Mas um novo caminho se ilumina, quando diz: “Aí, sim, o tempo que resta eu faço alguma coisinha. Teatrinho, cineminha. Adoro.” Em suas palavras:

hoje em dia, eu cuido da casa, mas meu marido me ajuda muito. Então eu não tenho obrigação, vamos dizer, se eu não quiser cozinhar, eu compro comida pronta ou vou comer fora. Então isso facilitou, eu me sinto livre. Agora eu não faço mais nada que eu não goste, salvo algumas situações em que, pra salvar a pátria, eu tenho que relevar. É neta, é genro, é nora. Mas de uma maneira geral, eu me sinto muito mais livre agora, e principalmente porque a gente tem uma independência financeira. Então, eu acho que a vida tá boa, eu cuido da casa quando eu quero, eu faço as coisas quando eu quero. Porque duas pessoas pra cuidar é muito mais fácil. Antigamente era filho, eu praticamente não tive empregada. (...) Quando a gente é mais jovem, você trabalha pra sobrevivência e pra criar filho. Vive em função de filho. Depois que os filhos crescem, você, provavelmente, pelo menos é o meu caso, já adquiriu todas aquelas condições pra poder adquirir. O que mudou também é que eu tenho liberdade [pausa] é, tempo pra fazer o que eu gosto, que é passear, viajar. E o que me incomoda, às vezes, é não poder fazer o que eu quero porque tenho, por exemplo, que ficar com a Laurinha. Eu gosto, mas o compromisso diário, aquilo me trava um pouco, entendeu? Então, de aproveitar, é [pausa] o tempo que eu tenho. Se eu pudesse eu tava viajando o tempo inteiro. Quando a minha filha casou e o meu filho já estava adulto, a gente viajava o tempo inteiro. E isso eu já não posso mais fazer, entendeu? Fazer o quê? Tem a Laurinha, e daqui a pouco outro. (...) Aí fiquei com ela [a neta] depois que acabou a licença da minha filha e ela foi trabalhar. Ela foi pra creche, período parcial. A outra parte fica comigo. Aí, sim, o tempo que resta eu faço alguma coisinha. Teatrinho, cineminha. Adoro.

Aposentadoria

Assim como o crescimento dos filhos libertou Nair, a aposentadoria também lhe trouxe a mesma sensação. A neta permanece prioridade, mas Nair encontra momentos para dedicar a si mesma:

Foi ótima, foi ótima. Embora eu gostasse de fazer o que eu estava fazendo, mas na época que eu me aposentei, eu estava muito cansada. Porque só de aula, foram 30 anos. Duas matriculas. Aquele negócio de corrigir prova, aquela chatice, e no fim os alunos estavam cada vez piores. E depois que me aposentei do magistério, fiquei mais quase 10 anos trabalhando fora do magistério. Então tá de bom tamanho, né? Não vim pra casa também pra botar chinelo e sentar na cadeira de balanço. Quando não estou dando atenção a Laurinha, eu faço aula de inglês, eu faço coisas de artesanato, que eu gosto muito, vou bater perna, eu faço qualquer negócio. Então, o lugar mais difícil de me achar é em casa.

Reflexões sobre o dizer de Nair

Negar-se ou afirmar-se velha. Dilema de Nair. A negação surge quando afirma possuir projetos e desejos que a mantêm jovem. Mas as limitações físicas, apesar de sutis, tornam o envelhecimento uma experiência imperiosa, difícil de ser negada.

Entre o estranhamento e o reconhecimento de sua condição, Nair inicia o trabalho de luto, a partir do qual se torna possível alavancar recursos internos para lidar com o desafio de administrar perdas e ilusões provenientes de sua condição de idosa (Py & Trein, 2006).

Se, fisicamente, Nair se desgasta, socialmente, resgata-se graças ao apoio familiar e a uma condição financeira que lhe permite usufruir das oportunidades ensejadas pelo meio social. Nair sente-se livre da opressão de marido, das obrigações do trabalho, dos cuidados com o filhos. Se a neta lhe pede prioridade, Nair cumpre seu papel de avó e lhe concede, amorosamente, o lugar prioritário. Mas não se anula. Não sai de cena. Descobre novos interesses e motivações.

Há vida em Nair. Há vida querendo ser vivida, não apenas em função da família, mas em função de si mesma.

Aldir tem 75 anos. É casado com Nair. Cursou Faculdade de Biologia. Mora com a esposa Nair no Flamengo.

6.9 O DIZER DE ALDIR

Experiência de envelhecer

Aldir revela que a experiência de envelhecer contradiz o que pensava quando jovem. Acreditava que, em função do conhecimento acumulado ao longo da vida, se tornaria uma pessoa mais tranqüila e paciente. E, em função da aposentadoria, teria tempo para se dedicar a atividades agradáveis. Contudo, não é isso que vivencia em seu dia a dia:

Eu imaginava que as pessoas, ao envelhecer, né, por causa do acúmulo de conhecimento, de problemas resolvidos, e essas coisas, teriam uma, uma, teriam uma velhice, de modo geral, tranqüila, assim, com muita paciência, se dedicando inclusive a coisas que exigem muita paciência. Com tempo para fazer o que gosta, porque vem a aposentadoria. Mas não tem sido o meu caso, não [riso].

Ao ser perguntado sobre o que o impede de ter uma vida tranqüila e de ter tempo para fazer o que gosta, Aldir cita as preocupações com a própria saúde e os cuidados que dispensa à neta e à sua mãe:

É, as coisas que vão acontecendo, né, em termos de saúde, né? A saúde começa a apresentar alguns problemas, né? A coluna e, e outras coisinhas mais. Apareceram duas hérnias, eu tive que ser operado. Eu nunca tinha sido operado. Então vem aquele [pausa] aquele impacto que, depois que passa, até parece que não é muito importante, mas depois, quando a gente pára pra analisar, começa a ver que aquilo começa a minar, né, aquela expectativa começa a minar. Você começa a, a, a, a mudar a sua expectativa, né? Minha expectativa era uma, inclusive eu pensei, eu era professor, eu pensei assim, nos 10 últimos anos em que eu ainda estiver na ativa, eu vou procurar alguma outra coisa pra fazer pra que, quando eu me aposentar, não ficar parado. Mas eu não consegui. Então, eu não consegui exatamente, embora não tivesse procurado uma atividade, que não teria que me render alguma coisa, financeiramente, mas que pelo menos me trouxesse prazer pra fazer, né? Também [pausa] é [pausa] aconteceu que vários outros problemas vão surgindo na vida da gente e vão consumindo o tempo, aquele tempo que a gente acha que vai ter todo pra si. E eu, eu cáí, não é muita gente que declara isso [pausa] cáí numa situação em que eu sinto, vendo o tempo passar assim na minha frente, sem alcançar objetivos até muito simples. Às vezes, coisas que você planeja fazer naquela semana, a semana passa e não fiz nem a metade, nem comecei. E aí, na semana seguinte, já acumulou com outras coisas, e você fica num processo neurotizante. (...) Eu, eu dou uma assistência pra minha mãe, que mora aqui perto. Tem a Laurinha [neta], que eu levo e busco na creche, e aí vai. Quando eu vi, o tempo passou.

A percepção de que estava envelhecendo veio, segundo Aldir, na quarta década de vida, sinalizada por uma limitação visual:

Olha, o primeiro sinal em termos de envelhecimento, é, veio depois, após os 40 [pausa] com [pausa] quando eu comecei a precisar usar óculos. Então o uso dos óculos foi a primeira coisa que ocorreu, o primeiro fato que ocorreu que realmente me trouxe uma percepção de que houve um desgaste de uma parte do meu corpo, aí alguma coisa começou a diminuir. E minha visão era espetacular.

O surgimento de problemas constantes de saúde traz o contraste entre o que Aldir era e aquilo em que se transforma. Lidar com isso retira-lhe a tranquilidade e o deixa contrariado e infeliz:

Agora tem muitas coisinhas, né, que contrariam, é [pausa] que levam a pessoa a não ter, assim [pausa] aquilo que a gente chama de felicidade. Eu não tô feliz, ou seja, não estou contente comigo mesmo, não estou podendo dormir muito tranquilo, ter o sono muito contínuo. Acordar no meio da noite, às vezes, por problemas de saúde. Então, são coisas que, ao mesmo tempo que vão ocorrendo, elas vão trabalhando no sentido de minar a sua saúde mental, né? Porque a sua saúde não tá colaborando, seu raciocínio a respeito disso começa a tirar conclusões precipitadas, e você começa a entrar em parafuso. Ai dá um estresse danado.

Sociedade, lazer e amigos

Aldir critica o desprezo com que o velho é tratado pela sociedade, inclusive por familiares. Ao falar de si, afirma se sentir bem tratado por freqüentar lugares conhecidos, com pessoas conhecidas. Enfim, ambientes familiares lhe trazem a garantia de ser bem tratado. Essa garantia não existe caso se arrisque a conhecer lugares e pessoas diferentes:

Olha, eu acho que trata mal [riso], trata mal. Porque aqui nós estamos sofrendo um problema seríssimo de cultura. Nós não temos cultura, não temos tradição. A família tá assim: mesmo pai, mãe e filho morando juntos, a família tá desagregada. Então, quando chega, quando envelhece, o velho é assim, com desprezo. [pausa] Olha, eu, especificamente, eu me acho, é, razoavelmente bem tratado. Mas eu freqüento, é [pausa] eu procuro freqüentar um ambiente em que eu me sinta mais à vontade, né? Eu faço compra num mercado em que as pessoas me conhecem. Então eu não corro o risco de ser mal tratado.

Apesar de afirmar que a velhice, em geral, é tratada com desprezo, Aldir ressalta que a sociedade atual traz certos benefícios, como os recursos na medicina:

Agora é melhor, porque antigamente realmente era o caos, né? Não havia recursos na medicina.

Aldir não costuma participar de atividades sociais. Passeios e saídas somente para acompanhar a mulher.

O tempo que resta após cuidar da neta e dar assistência à mãe, dedica às atividades em casa, como consertos e reparos. Quando perguntado sobre as amizades, responde que seus amigos são da época da escola e do trabalho. A maioria está afastada, por motivos de doença ou porque moram longe. Assim, ao falar de lazer, afirma:

Lazer? A gente passeia, vai a cinema, teatro. Minha mulher gosta muito de teatro, eu também gosto um pouco, mas nem tanto quanto ela. Vou mais pra acompanhar. Eu me distraio muito fazendo coisas, consertando coisinhas, reparando, sabe? Adoro consertar relógios grandes e pequenos, aquelas engrenagenzinhas. (...) Tudo o que escangalha eu conserto. Com exceção de televisão e rádio, o resto é comigo mesmo. Pintura, tudo isso eu faço.(...) Amigos, eu, eu, eu não mantive muita amizade, não. Eu tenho ainda amigos do tempo da escola, do ginásio. Quando eu trabalhei na fábrica, eu fiz uns amigos. Mas agora, devido à distância e outras circunstâncias, como doenças, eu tô um pouco afastado.

Família

Aldir é filho único. Sua mãe mora no mesmo bairro com um grupo de cuidadores que se revezam em plantões. Administrar os cuidados à mãe exige de Aldir dedicação intensa, o que lhe retira o tempo que teria para si:

Como eu falei, tem a minha mãe, que mora aqui na Paissandu. Tem três cuidadoras mas sou eu que vejo tudo: que pago, que faço compras. Eu não tenho irmãos, então qualquer coisinha elas me ligam, aí eu levo ao médico, compro remédio. Aí uma vai embora, eu tenho que procurar alguém pra substituir. Ela não tem problema sério, mas não pode ficar sozinha. Aí tem a Laurinha [pausa] e quando eu vejo, a semana já passou.

Ao refletir sobre as mudanças no relacionamento familiar, Aldir ressalta o nascimento da neta:

A Laurinha, que nasceu no dia do meu aniversário, 7 de agosto. Quer dizer, eu não faço mais aniversário, só ela que faz [riso].

Laurinha nasceu no mesmo dia do aniversário do avô, retirando-lhe as atenções no evento em que fôra, por 72 anos, personagem principal.

Ao lado dos cuidados com a mãe e com a neta, Aldir menciona um outro aspecto da vida familiar que é difícil para ele enfrentar, a morte de parentes e pessoas queridas, algo que lhe traz a sensação de que “vão tirando o chão de você”:

Na medida que você envelhece, as outras pessoas também envelhecem, e nem todos têm a mesma, a mesma longevidade, né? Vão morrendo antes, depois. E a gente começa a ver muita pessoa querida morrer, né? Então começa a, a, a sentir falta mesmo, né? Relembrar pessoas com quem você [pausa] convivia, ajudava, participava, visitava, né? E depois aquilo acaba, morre uma irmã,

uma tia, depois morre outra. A casa fica vazia, vem uma outra pessoa, ocupa aquela casa que você ia lá. Parece que vão tirando o chão de você, você vai ficando cada vez mais isolado, sem essa, sem essa possibilidade de você estar junto dessas pessoas, ajudando, participando, colaborando. Eu acho isso.

Aposentadoria

No momento em que se aposentou, Aldir era professor de biologia, trabalho com o qual não se identificava. Portanto, a aposentadoria veio libertá-lo de uma árdua obrigação.

Na época de sua aposentadoria, sua esposa trabalhava fora de casa. Com o tempo que lhe sobrara, passou a administrar as tarefas domésticas:

Olha, considerando que eu estava louco pra me aposentar, em termos de, porque eu não desejava mais ter contato com aquela escola, com aqueles alunos, o ensino estava muito decadente, vamos dizer assim, eu desisti de colaborar de fazer. Pois é, no primeiro momento é bom, porque você começa a ter tempo, né? (...) Então, dentro de casa, na época, eu, eu assumi praticamente a casa porque minha mulher era professora e tinha feito um concurso e passou pra Justiça Federal. Ai eu fiquei em casa, eu tomei conta da casa em função dessa atividade dela.

Tudo corria bem até que a esposa também se aposentou. Luta perdida pra ele, que abre mão do papel de “*dono de casa*”:

Bom, aí ela se aposentou, foi outro pequeno choque, porque eu aí já estava meio dono, é, é, dono de casa, como se diz, né? [riso] Ai ela voltou assumindo as atividades, houve aquele esbarrão de um e outro, né? Porque houve aquela concomitância, os dois querendo fazer a mesma coisa, eu tive que passar pra ela, abrir mão dos costumes que eu já tinha criado.

Reflexões sobre o dizer de Aldir

Aldir está decepcionado. Vive, como assinala Bergen (1999), um confronto entre o que esperava ser e aquilo em que se transforma. A velhice lhe prometia sabedoria, tranqüilidade e tempo de sobra. Contrariado por problemas de saúde e obrigações familiares, Aldir se sente infeliz.

Infeliz porque está acuado, sem chão, sem espaço. Impotente. Deixou para trás a vida pública do trabalho, fonte de frustração. Imerso na vida privada, retira-se diante da presença da esposa, coroada com o poder de decidir e mandar nas atividades domésticas. Coroada também é a neta, que lhe toma o trono no dia de seu aniversário.

Destronado, Aldir se dedica ao conserto de coisas, em especial, de relógios. Como se quisesse consertar sua própria vida, como se pudesse controlar o tempo.

Gilda tem 78 anos. Estudou até o nível médio. Mora com o marido, Mauro (próximo entrevistado), no Leblon.

6.10 O DIZER DE GILDA

Experiência de envelhecer

O envelhecimento é, para Gilda, algo negativo, confirmando o que pensava quando jovem. Sentindo-se “cortada”, fala da experiência de envelhecer como um processo de mutilação, com perdas difíceis de aceitar, em particular, a morte de pessoas queridas:

Olha, posso te dizer sinceramente? [riso] O envelhecimento pra mim não [pausa] não é legal. (...) Porque a gente se sente muito, assim, é [pausa longa] cortada, muita coisa é cortada da gente, né? Primeiro que a gente vai envelhecendo, vai perdendo as, vai deixando as pessoas que foram ótimas pra gente, que foram boas mesmo, pra, só na lembrança, né? E depois é que eu não acho agradável, não foi surpresa pra mim, porque eu sempre senti, sempre disse pra todo mundo que eu não tinha jeito pra envelhecer. (...) E, eu nunca, nunca, desde antes, eu dizia ao meu cardiologista, ele me pegou, eu não tinha nem cinquenta anos, né? Ele, ele, eu disse: “eu tenho horror a ficar velha”. (...) Quer dizer, mas não, não aceitei. Eu tô procurando me adaptar, mas

aceitar não aceitei, não. Sinceramente. Se eu disser que aceitei, eu tô mentindo. Eu não aceitei.

O envelhecimento se anuncia à Gilda através da situação de dependência, gerada após uma queda. A partir de então, começa a sentir “*a velhice mesmo*”. Aqui, envelhecimento e dependência assumem a mesma conotação:

Bom, eu custei a me dar conta porque eu sempre fui muito ativa, muito. Gostava de fazer as coisas, de ir pra cozinha fazer qualquer coisa, de ir pra lá, ir pra cá. Era muito ativa. E quando isso começou a me cansar, aí eu vi. Agora, o que eu senti mesmo o envelhecimento foi há pouco, que eu levei uma queda muito forte, duas, três quedas, sei lá. Sendo que a última foi na, na, na escada rolante do, do Shopping do Rio Design. Lá da mais alta que eu caí. Fui caindo assim, muito. Então eu aí comecei a precisar de ajuda, de gente. As meninas ficaram comigo, porque eu e Mauro ficávamos sozinhos em casa, então aí eu comecei a sentir dependência. (...) Agora que eu senti, agora que eu senti a velhice mesmo. Com esse tombo, com essas coisas todas, que eu senti. Porque qualquer coisa que eu faça a mais, assim, que eu fique de pé e tudo, eu fracturei a vértebra, né? Então a vértebra se acomoda aqui, e eu, eu sinto.

Refletindo sobre as vantagens e desvantagens do envelhecimento, Gilda aponta, com restrições, a vantagem da experiência adquirida ao longo dos anos. Mas, logo depois, adverte que, mesmo assim, não vale a pena envelhecer. Mais vale a juventude, com todos os seus percalços:

É [pausa] tem certas vantagens, sabe. Por exemplo, a gente [pausa] eu não sei se as vantagens cobrem as desvantagens, não. Bom, tem a vantagem de você ter a experiência que você adquiriu, né, ao longo da vida. (...) Mas, vantagem, assim? Não. Eu preferia ter as desvantagens [riso] da juventude [riso].

A experiência adquirida não supera os problemas de saúde associados ao envelhecimento. Tais problemas ameaçam, inclusive, o cumprimento de uma promessa que fizera ao pai:

Meu pai era alemão. Então, pro papai, a festa de natal era tudo. A ceia do dia 24. E ele disse assim: “Minha filha, o dia que eu morrer, você faz a ceia de Natal?” E eu disse: “Nunca vou deixar de fazer, papai. Só se eu estiver doente, mesmo”. Porque eu adoro, é uma coisa de infância que eu tenho, gostosa, aliás. Não tenho queixa nenhuma de infância. Minha infância foi muito boa, meu pai e minha mãe foram ótimos, foi muito boa a infância que eu tive. Então tudo o que diz respeito a minha infância, eu quero cultivar um pouquinho, né? Então no, no, no, no Natal, eu fazia um bando de coisas, enfeitava a casa toda e tudo. Eu fiz, mas me senti um pouco cansada, sabe? Agora, qualquer coisa que eu faça a mais, eu me sinto cansada.

O cansaço gerado pelas perdas da velhice coloca Gilda diante de sua condição de velha. E, diante dessa condição, Gilda reage, motivando-se ao autocuidado:

E eu tô fazendo uma porção de coisas e tudo, porque ele chegou a fazer exames, o neurologista, e disse que foi um quadro parkinsoniano, quer dizer, eu ia entrar no mal de Parkinson, né? Aí eu entrei [riso] num desespero quando falou esse negócio de que eu ia entrar no mal de Parkinson. Até que eu me convencesse que não, aí eu comecei a reagir. Eu tenho muita força de vontade, isso eu tenho. Então eu comecei a reagir, comecei a fazer a hidroginástica que ele mandou, agora, depois ele mandou eu fazer o alongamento, também.

Gilda relata, a seguir, problemas de saúde e o transtorno de ter que “cortar” coisas que aprecia, a fim de prevenir doenças. Mas orgulha-se de sua capacidade para superar as limitações, como no dia em que, após a queda na escada rolante, caminhou sozinha na rua pela primeira vez. Para ela, uma “batalha” vencida:

Eu fiquei muito [pausa] muito debilitada, sabe, com o negócio de, ainda fiquei com, com, com uma coisa de fazer xixi a toda hora e, e, e aí eu, eu ficava lá no consultório, fiz xixi na calça assim, sem sentir. Passei um período assim. Pensava até que fosse incontinência urinária, né, mas não, não foi, acho que era sistema nervoso. Aí eu me senti muito pra baixo. E aí já é uma fase ruim porque você tem certos limites, né? Você, eu sou hipertensa, por exemplo. Então, tem certos limites, né? Não pode comer isso, não deve comer aquilo, não deve, como é, beber assim, coisa forte. E eu gosto de um vinhozinho. Não gosto de beber, assim, mas gosto de um vinhozinho. Socialmente ou mesmo não sendo socialmente. Estando em casa, tomar um whiskinho. Eu gosto. Então foi cortando, foi cortando, e eu acho que é uma fase que a gente devia

estar aproveitando mais as coisas, então, são os cortes, né? Mas me, isso daí me debilitou muito. Agora que eu tô começando a sair dela, da fase. (...) E, e aí eu comecei a reagir. Comecei a andar, comecei a andar sem medo, né? O Mauro me levava. Tô fazendo terapia, aí ele ia me levar, ia me buscar. Um dia, nós nos desencontramos. Ele pensou que tinha marcado comigo num, num, num lado, e eu vi, eu disse “o Mauro não veio. Sabe de uma coisa? Eu vou tentar ir sozinha.” E fui. Isso daqui, isso daí foi uma batalha grande que eu venci. Eu disse: “Eu não vou cair aqui, vou sozinha pra casa.”

Sociedade, lazer e amigos

Ao discorrer sobre a questão do envelhecimento na sociedade atual, Gilda comenta sobre o desrespeito dos jovens em relação aos idosos, dando um exemplo de um episódio no metrô. Ressalta também a queda do poder aquisitivo decorrente da aposentadoria. Por outro lado, aponta aspectos positivos, como a maior liberdade da mulher e o surgimento de atividades destinadas às pessoas de idade avançada:

Eu não tenho o que reclamar, não. Mas às vezes eles tratam, mesmo essa moçadinha, assim, adolescente e tudo, eles falam mesmo. Mesmo quando você entra num ônibus ou num metrô. Eles tão em pé, eu tô em pé também, o rapazinho veio correndo, esbarrou uma coisa, o lugar que eu ia sentar, ele sentou ali. Quer dizer, isso daí é falta também de você em casa acostumar. (...) O velho hoje em dia tem mais coisa pra fazer. Até aula de dança eles têm,

né? Eles têm mais coisa pra fazer. Têm, agora, é preciso, isso sim, é preciso a parte monetária, porque aqui quando as pessoas, como é, vão pra casa, eles, em vez de ficar o dinheiro o mesmo ou até aumentar um pouquinho, não, diminui. Porque tira as gratificações, essas coisas, você fica com o poder aquisitivo menor. E, e gastando mais, porque aí você tem remédio pra comprar, tem isso, tem aquilo. Quer dizer, é isso que tem que equilibrar. Essa parte é que precisa ter mais atenção do governo. O governo precisa ver essa parte. Isso daí, eu acho que a vida pro idoso eu acho que melhorou. Quer dizer, a vida. Porque antes eles não viviam. Como meu pai dizia, eles ficavam sentados esperando a morte chegar. Porque meu pai trabalhou até morrer.

Gilda aponta o avanço da medicina como mais um aspecto positivo da sociedade contemporânea. Segundo seu médico, tal avanço traz recursos para postergar a velhice:

Ele [o médico cardiologista] disse assim: “não se fica mais velha, porque hoje em dia tem muito tratamento novo. Hoje em dia não envelhece como antigamente.” Bom, e é natural, porque antigamente, quando eu era mocinha, minhas tias, as tias da minha mãe e tudo isso, mais novas do que sou agora, eu achava velhas.

A fala do médico, parafraseada por Gilda, e a comparação que faz com suas tias se reforçam mutuamente e, juntas, conduzem à conclusão de que hoje “*não se fica mais velha*” ou, pelo menos, não se “*envelhece como antigamente*”. Conclusão, no entanto, que contradiz sua experiência de limitação e dependência.

A entrevistada assinala, ainda, a importância de o respeito entre jovens e velhos ser recíproco. Segundo ela, isso exige que as pessoas idosas se esforcem para “acompanhar o mundo”:

Tem que fazer força pra ser feliz e aceitar as coisas. Tem que se ajustar, tem que se ajustar. Antigamente, “fulano não casou, fulano tá vivendo junto”. E eu não ligo mais pra isso, não. Eu acho que depende da cabeça da pessoa. Às vezes você não tá casada, mas é feliz. Por que que é feio? Eu não penso mais assim, não. As, as meninas iam lá pro sítio, e, não, não me importava com quem. A minha neta, essa que foi pra Houston, namorou um rapazinho durante doze anos. Quando tava tudo preparado pra se casar, ele morreu de desastre de carro. Ela já tava noiva e tudo, eu não via se ia dormir junto. Porque tem gente que fica tomando conta, acha feio. Eu não, eu acho que depende da, da, da pessoa. (...) Ah, fui me atualizando. Fui me atualizando. A gente tem que acompanhar o mundo, né?

Ao falar sobre as mudanças que o envelhecimento gerou em relação às amizades, Gilda relata a morte dos amigos como prenúncio da sua:

Mudou só porque tá diminuindo, né? [riso] A, a, a coisa que, que a gente não pode pedir prorrogação, eles vão embora, assim a gente vai se sentindo na fila, na fila da chamada, né? [riso] Então dá uma certa agonia na gente.

Queixa-se de que não gosta de “*conversa de velho*”, referindo-se a temas relacionados a doença. Prefere falar dos passeios que fez, da vida que teve. Em vez de falar da atualidade das doenças, sugere o passado como assunto:

não gosto de, de conversa de velho [riso]. A conversa de alguns é só de remédio, a minha pressão tá alta, a minha pressão tá baixa, o meu colesterol tá alto, o meu colesterol tá baixo. Aquilo assim, eu acho que isso daí aborrece, eu acho isso aborrecida essa conversa assim.(...) Tem tanta coisa boa pra conversar, né? De, de muito assim, de, de arte. Fizemos viagens gostosas, boas. Depois que as meninas até já estavam casadas, é que nós começamos a viajar. Então nós viajamos muito assim. Mas viajavamos nós dois sozinhos, chegávamos no aeroporto, procurávamos um hotel dentro dos limites da gente, né, e principalmente bem colocado, bem, bem, bem colocado assim, no ponto bom da cidade, e nos virávamos sozinhos, e tem descobertas assim que eu adoro. Nós ficávamos descobrindo coisas. Então eram viagens ótimas que nós fizemos.

Ao ser indagada sobre o que costuma fazer em momentos de lazer, Gilda traz mais uma queixa: tem poucos momentos de lazer por não haver companhia, dando-lhe a sensação de estar “*desfalcada*”. O marido prefere ficar em casa e os amigos morreram, moram longe ou evitam sair à noite:

Momentos de lazer? Sabe que eu não tenho muito? Porque nisso é que tem a diferença minha pro Mauro. Porque eu gosto muito de cinema, eu gosto de teatro. (...) Eu gostaria que, que a gente [os amigos] fizesse programas de vez

em quando juntos. E isso aí é que eu senti. Porque a Iraci, por exemplo, é muito animada e tudo isso, mas ela não gosta de sair à noite. O marido dela gostava, mas ela, ela não gosta de sair à noite. A não ser, às vezes, um teatro, uma coisa ela vai, mas ela não gosta. E aí nós ficamos muito [pausa] desfalcados [pausa]. E o Daniel, meu irmão, por exemplo, e Sílvia, eles moram na Tijuca, mas eles vinham todo fim de semana pra aqui pra gente fazer programa. Ele morreu, ela aí fica lá na Tijuca.*

Família

Gilda dedicou sua vida aos cuidados da casa e da família e lamenta que o crescimento de filhas e netos foi sendo proporcional à redução de sua participação no contexto familiar. Queixa-se de que se sente “*meio sobrando*”:

Porque eu acho o seguinte: você tem seu crescimento, tem a adolescência que é muito desagradável, tanto para os outros quanto pra pessoa que passa, também é. Casa, constitui sua família, aí cria os filhos, aí os filhos vão, debandam, né, que é coisa natural, e depois vêm os netos, a gente ajuda. Eu ajudei muito então aos quatro, porque Maria trabalhava fora, a outra também. Aí eu levava ao colégio, pegava no colégio. (...) E, quando crescem os netos, e formam tudo isso, aí a gente se sente, assim, não sobra mais [pausa] se sente meio sobrando.

* Gilda e Iraci são amigas desde a juventude.

Quando perguntada sobre o relacionamento familiar, Gilda apresenta aspectos positivos, como o valor que seus descendentes dão à confraternização de Natal em família, que marcou sua infância e, hoje, marca a vida de filhas e netos. O carinho dos netos, concretizado em presentes e preocupação com sua saúde, também assume significado importante em sua fala. Gilda sente-se privilegiada por receber a atenção de sua família:

Eu acho que eles são ótimos pra mim, me tratam maravilhosamente bem. Ao Mauro também. Natal eles vêm pra cá, fazem questão [riso]. Minhas netas vão, quando vão viajar, enfeites de Natal, tudo isso, elas curtem. Isso tudo eu achei que foi uma vitória minha, porque eu tive isso em menina, né, e depois quis continuar, e foi, foi bom porque eles não fazem só se não puderem. Eu tive uma neta que foi pra Houston. Ficou três anos lá em Houston. Mas a única coisa que ela pedia era pra passar o Natal aqui. Aí, eu fico satisfeita. A Eliane, da Maria, foi à Barcelona, tava sentada na Igreja, eu sou devotíssima de Santa Rita. Ela “vovó, eu tava com dinheiro contadinho, mas quando eu vi a Santa Rita, eu fui correndo”. Eu disse: “Esse presente que você me deu valeu por muito mais”. A outra, também, de Campos do Jordão, eu pendurei ali, ela trouxe pra mim “Nesta casa moram os melhores avós do mundo”. Isso daí é que eu acho que é lembrar da pessoa. Eu acho que não quero ser tratada diferente, não. (...) Hoje em dia tem muita, eu tenho amigas que, que ficam sozinhas, vivem sozinhas e não têm atenção nem dos filhos. Mas eu, graças à Deus, tenho atenção, nós temos atenção das meninas, temos atenção dos, dos netos todos. Qualquer coisa eles vêm aqui. Eu tive esse negócio de levar tombo, eles ficavam preocupadíssimos. Mas não é todo mundo assim, né?

Aposentadoria

Gilda nunca trabalhou fora. Dedicou-se à família e às tarefas domésticas. Mas a aposentadoria de seu marido, Mauro, trouxe mudanças na rotina do casal. A entrevistada queixa-se da intromissão do marido nas tarefas que ela realizava e da sujeira que o marido deixa ao fazer esculturas, atividade a que passou a se dedicar após aposentar-se:

Homem quando fica em casa fica muito “não vai fazer aquilo?”, “não vai limpar ali?” Muda completamente. Você tem que fazer uma preparaçãozinha antes. Mas ele não, não foi, não foi dos piores não. Porque a única coisa é que ele gosta de fazer essas esculturinhas, então vai sujando aqui, sujando ali.

Outra reclamação de Gilda refere-se ao fato de que, com a permanência do marido em casa, o tempo juntos não é mais tão valorizado. Há, também, a queixa de se sentir vigiada por ele:

Eu achava gostoso esperar a hora do, do meu marido chegar. Achava gostoso. Fim de semana achava gostoso porque ele ficava em casa, a gente ia pra cá e pra lá e tudo. Mas agora, o, o marido em casa, assim, permanentemente, é diferente. (...) Porque todos os seus passos, assim, são vigiados. Eu não sei, depende da pessoa. Eu não gosto que vigiem os meus passos, como eu não, não vigio os passos de ninguém porque eu não gosto que vigiem os meus. Entendeu? Aí foi um, uma diferença, um baquezinho.

Reflexões sobre o dizer de Gilda

Envelhecer não é legal. Gilda sempre acreditou nisso, assim como acredita não ter jeito para envelhecer. Desajeitada, horroriza-se diante de sua própria velhice, incorporando os anseios e ideais de uma sociedade que discrimina os idosos. Com isso, ela sofre profunda e explicitamente pela juventude perdida (Sharfstein, 2006).

Desiludida, queixa-se das coisas que a velhice lhe subtrai: a independência física e a influência sobre a família, transformando o momento presente em algo difícil de ser aceito. Apesar disso, orgulha-se de sua capacidade de superação que lhe traz a possibilidade de adaptar-se ao destino inevitável e cruel. Insatisfeita, Gilda sofre, mas esforça-se por manter-se de pé e caminhar.

Mauro tem 82 anos. Fez curso de Matemática e seguiu carreira militar. Mora com a esposa, Gilda, no Leblon.

6.11 O DIZER DE MAURO

Experiência de envelhecer

Ao falar sobre envelhecimento, Mauro mantém-se evasivo, sugerindo que se trata da passagem do tempo, que começa com o nascimento e termina com a morte:

Um pouco difícil pra gente responder o que é o envelhecimento, mas é aquilo que o tempo vai trazer pra nós, quer dizer, a gente nasce, vive, trabalha, viver é trabalhar, etc, etc, uma série de coisas que constitui o trabalho e, e a morte. Então é isso que eu considero como sendo o envelhecimento, não é?

Ao ser perguntado se o envelhecimento seria, então, resultado da passagem do tempo na vida de uma pessoa, Mauro responde: “*Envelhecimento é o final do tempo*”.

Adiante, o entrevistado afirma se sentir bem em relação ao seu envelhecimento porque tem saúde, porque nada o perturba. A repetição da idéia de que não tem nada que o perturbe pode revelar a idéia de que a velhice é algo perturbador:

Ah, eu me sinto bem e eu vou dizer por quê. Eu diria, porque, eu tenho saúde. Eu sou uma pessoa sadia. Eu não tenho nada. Nada me perturba do ponto de vista físico, nem intelectual, quer dizer, nada, nada me perturba, quer dizer, eu não tenho doença, não tenho nada.

Mauro afirma não se dar conta de estar envelhecendo, pois continua a exercer uma série de atividades. Aqui, podemos observar a idéia de que o significado de velhice para ele é o de uma época em que as atividades acabam. Enquanto não acabam, não há velhice:

Na verdade, eu não me dei conta nunca, sabe? Eu nunca me dei conta de que estava envelhecendo, porque quando eu pensei que eu ia entrar por esse lado da, da vida, aí é que eu entrei fazendo uma outra coisa que não tinha nada a ver com tudo isso que eu falei pra você até agora, que é uma parte que é, que é artística, aquilo que eu gosto de fazer também. Um hobby, vamos dizer assim. Então, quando eu pensei que isso ia acabar, aí não acabou.

A afirmação de que “*nada me perturba do ponto de vista físico, nem intelectual*” contrasta com sua fala a seguir:

“O, o que mais me incomoda é porque na verdade eu não gosto de envelhecer”.

Ao ser questionado sobre o motivo pelo qual não gosta de envelhecer, o entrevistado responde:

Porque, evidentemente, as pessoas vão ficando mais velhas e aparece alguma doença. Qualquer coisa que você precisa fazer, às vezes, uma operação, qualquer coisa dessa natureza, e você faz o possível para superar e eu tenho conseguido superar isso.

Na resposta acima, Mauro assume um discurso generalista ao falar dos aspectos negativos da velhice, como o aparecimento de doenças, ao dizer “*as pessoas vão ficando mais velhas e aparece alguma doença.*” Seu discurso assume um sentido particular, marcado pelo verbo conjugado na primeira pessoa, quando fala de aspectos positivos, como “*eu tenho conseguido superar isso.*”

A seguir, Mauro se diz amedrontado quando as coisas desaparecem de sua cabeça e lamenta não fazer as coisas que fazia quando moço, porque “*a idade não permite*”:

eu já disse a você, a gente passa, em certas ocasiões, a esquecer coisas que, aquilo que eu conversei com você logo no início, né? Quer dizer, algumas coisas a gente [pausa longa] esquece e não devia esquecer. Então, às vezes a gente fica um pouco, não sei se fica amedrontado ou, ou, ou, ou como é que a gente fica. O fato é que a gente não gosta quando as coisas desaparecem da cabeça da gente. As últimas coisas. Bom, claro, evidentemente, quando eu era moço, eu era corredor, fazia uma série, praticava esportes, uma série de coisas que em hoje, quer dizer, a idade não permite. Mesmo que a gente tenha vontade, mesmo que a gente goste muito, a gente pode, com muito favor, assistir, mas não participar.

Notamos, mais uma vez, que a menção a aspectos negativos associados à velhice é feita de modo impessoal, sugerindo distanciamento, como em “*a gente passa, em certas ocasiões, a esquecer coisas*”, “*a gente fica um pouco, não sei se fica amedrontado ou, ou, ou, ou como é que a gente fica*”. Por outro lado, os aspectos positivos, associados à juventude, são mencionados de forma mais pessoal, como em “*quando eu era moço, eu era corredor*”.

Mauro se diz um pouco descuidado com sua saúde, deixando para sua mulher, Gilda, a responsabilidade por seus cuidados:

Ó, eu acho que devia ter mais, mas eu não tenho cuidado da minha saúde e, principalmente, porque a minha mulher cuida da minha saúde. Entendeu?

Diante dos problemas de saúde e dos impedimentos da idade avançada, Mauro assume uma postura de aceitação, compreendendo como algo natural:

Não, eu entendo perfeitamente. Eu acho que isso é uma coisa natural da vida, quer dizer, vai acontecer com todas as pessoas. Em algumas acontece mais cedo, em outras acontece mais tarde, e assim vai.

Ao ser indagado sobre as vantagens do envelhecimento, o entrevistado refere-se às conquistas de seu trabalho, à sua carreira bem-sucedida, alcançada com o avançar da idade, e aos ganhos financeiros:

Ah, vantagens trouxe. Porque a gente vai envelhecendo [pausa] é [pausa] a gente trabalha, quando a gente inicia o trabalho, a gente tem uma certa [pausa] é [pausa] ganha alguma coisa, tem um certo ganho do ponto de vista financeiro. E, com o tempo, esse, esse ganho vai aumentando, porque financeiramente, a vida da gente passa a ser melhor.

Sociedade, lazer e amigos

Ao comentar sobre a relação que a sociedade tem com os idosos, Mauro critica o tratamento dado aos idosos que não têm condições físicas ou condição financeira favoráveis. Mas afirma que os idosos saudáveis e com melhor condição financeira encontram meios de viver bem na sociedade atual, que lhes oferece oportunidade para realizar diversas atividades e adquirir conhecimentos:

Eu acho que, se você perguntar como a sociedade trata o idoso de um modo geral, de um modo geral, eu acho que trata mal, que poderia tratar melhor, que poderia ajudar mais o idoso, porque nem todo idoso tem condições físicas, financeiras etc de viver uma vida tranqüila. A sociedade não proporciona isso a essas pessoas. Por isso que eu digo: de um modo geral, a sociedade não, não, não dá isso que eu acho que devia dar. Mas isso com alguns. Por isso que eu disse a você: de um modo geral. Particularmente, alguns idosos vivem bem. Eu me sinto, eu sinto que vivo bem. (...) As pessoas idosas hoje têm muito mais oportunidades, têm muito mais coisa pra ver, pra aprender, do que

as pessoas idosas de alguns anos atrás porque não tinha nada disso. Então, quer dizer, quando chegavam a uma certa idade, acabavam. Não tinha mais nada pra fazer, pra aprender.

O tempo livre decorrente da aposentadoria também permitiu uma dedicação à atividade artística, apesar das reclamações da esposa Gilda sobre seu afastamento e sobre a sujeira decorrente do trabalho de criação de esculturas:

Mas não faço a parte artística com mais intensidade porque, no momento, eu vivo sozinho com a minha mulher. E às vezes ela reclama, e com toda razão, com toda razão, porque pra fazer isso, a gente tem que se afastar um pouco, precisa se afastar um pouco. Embora junto, a gente se afasta. E então, os dois só, agora, quer dizer que ela às vezes reclama “você me deixa aqui sozinha”. “Você tá sujando”. Bom, esse tipo de trabalho suja.

Além de ocupar-se com suas esculturas, Mauro participa dos encontros anuais com os amigos da turma de 1945. O assunto das conversas é, principalmente, o passado, afirma:

Quer dizer, aqui, quando a gente tá, se junta, quando a gente tá em contato com essas pessoas, a gente relembra muito o tempo, os tempos passados.

Família

O tema da família consegue extrair de Mauro muitos comentários de quando suas filhas eram pequenas ou moças. Mas, ao falar do relacionamento familiar atual, o entrevistado mantém-se reservado. Em sua fala, afirma que, à medida que as filhas e netos foram crescendo, a “*obrigação de tratar da família sumiu*”. É como se, hoje, não precisasse fazer mais nada:

Não, não mudou. Mudou, mas cada um tem lá, agora, suas obrigações. E aquilo que era só minha, quer dizer, obrigação de tratar da família, passei a dividir. Ou melhor, sumiu. [pausa] Eventualmente que eles me perguntam alguma coisa e eu estou sempre pronto a fazer aquilo que eles me perguntam. Mas eu não preciso fazer mais.

A seguir, admite sentir falta das reuniões familiares em que todos se juntavam, um encontro que é raro atualmente por “*circunstâncias da vida*”:

Do meu relacionamento familiar? O que eu mais sinto falta? [pausa] Se eu pudesse, teria mais reuniões com a família. Com todos. Que é mais raro, assim, quer dizer, as circunstâncias da vida quase que impedem de ter essas reuniões com mais frequência, né?

Aposentadoria

O tema da aposentadoria é abordado, inicialmente, de forma melancólica, por ter se sentido obrigado a deixar uma atividade com a qual se identificara imensamente e à qual se dedicara durante décadas:

Infelizmente, como não podia deixar de ser, infelizmente, eu fui obrigado a abandonar uma série de coisas que eu tinha passado a fazer até aquela ocasião. Eu conhecia, não digo profundamente, mas eu digo muito bem, essa parte de matemática, não é? Fiz vários cursos, conhecia bem isso, ajudava muito as minhas filhas e netos etc.

Sem a obrigação do trabalho, Mauro passou a se dedicar à atividade artística, mostrando para si e para os outros que sua vida não acabou:

Não, é porque, bom, é porque, depois que eu fiquei aposentado da Embratel, eu passei a fazer uma parte que eu adoro muito, que é a parte de, artística. Entendeu? Às vezes eu passei, por minha conta. Então eu não ganhava nada. Enfim, então eu comecei a fazer. Muita coisa que tá pendurada aqui fui eu que fiz. Então eu passei, foi o que eu falei pra você, eu passei a passar meu tempo fazendo uma parte que eu adoro, que é a parte artística, mas nem todos têm essa maneira de pensar, quer dizer, outros acham que chegou, que chegou essa época, acabou, quer dizer, acabou a vida, e então, ficam esperando a morte, só isso. Eu não fico esperando a morte, eu posso até morrer, eu acho que posso

[riso], não sei se posso [riso]. Eu tenho a impressão que posso, mas não tenho certeza. Pode ser que eu viva eternamente, né?

Reflexões sobre o dizer de Mauro

Envelhecer é um processo natural que acontece com todos. Assim afirma Mauro, demonstrando conformidade.

Conformidade aparente porque, ao mesmo tempo, afirma não se sentir envelhecendo. Aliás, o envelhecimento é tema do qual se distancia, insinuando velado temor.

Mauro evita falar da velhice. Prefere detalhar, orgulhoso, sua carreira profissional brilhante. O passado precisa ser dito para que seja conferido a Mauro a dignidade de um homem bem sucedido.

A interrupção da carreira anuncia o início de um período de desobrigação com o trabalho e com a família. Um período no qual não precisa fazer mais nada, afirma. Mas precisa. Precisa fazer algo para manter distante a velhice, pois a ociosidade ameaça acabar com a vida. Por isso, Mauro volta-se para sua atividade artística, mergulhando num mundo de criação e recriação, onde transforma objetos, inclusive velhos e inúteis, em esculturas. Mauro recria-se, negando-se como velho e inútil, esculpindo a si mesmo. Nada lhe impõe – e a nenhum de nós – a necessidade de se reconhecer na imagem de velho que o amedronta (Seminário, 1991). Por isso, é possível recusá-la através de sua arte. Assim, Mauro sente que pode afastar a velhice, despistar a morte e tornar-se eterno. Sonho de Mauro. Sonho de todos nós.

6.12 TECENDO DIZERES

Através dos relatos dos idosos, temos acesso a um conjunto diversificado e complexo de experiências, das quais jamais podemos extrair conclusões generalistas e definitivas. Podemos, sim, confrontá-las, buscando elementos constantes e suas diferenças.

Em síntese, trata-se de focar, no momento em que o sujeito fala, a experiência resultante das múltiplas possibilidades de subjetivar-se, colocando-se no entremeio do que pensa, teme e deseja ser.

Em seus discursos, a velhice é apontada pelos entrevistados como período dramático, especialmente quando associada à pobreza ou à invalidez. Contudo, mesmo não se enquadrando nesse perfil, eles se consideram, em diferentes graus, impedidos de desempenhar uma série de atividades em função do declínio biológico, o que traz uma perspectiva negativa de seu envelhecimento.

Todos associam envelhecimento à limitação física, ao adoecimento, à perda de vigor e à dependência. Em suas falas, as mudanças no corpo aparecem como principais indícios da velhice. Ao lado disso, contudo, todos apontam os avanços da medicina como algo capaz de postergar ou amenizar o processo de envelhecimento.

Mas o declínio biológico não é o único meio de manifestação da velhice. Transformações em relação à família – crescimento dos filhos, nascimento dos netos e viuvez – e em relação ao trabalho – aposentadoria própria ou do cônjuge – também assinalam a passagem do tempo, impondo a cada um o confronto com sua finitude.

Em geral, o envelhecimento tende a ser experimentado com sofrimento, por implicar a passagem indesejada de um mundo amplo para um mundo restrito, de um

mundo de intensa atividade para um mundo de inatividade. Além disso, a sensação de invisibilidade, citada por Elen e Francisco, também anuncia sua condição de velha ou velho numa sociedade que os ignora por não serem mais jovens e belos. Tudo contribui para que a velhice seja caracterizada pela ausência de projetos, como nos discursos de Iraci e Francisco. Assim, as recordações da juventude vão tomando espaço nas falas de todos. Interessante observar que as mulheres se ocupam de lembrar momentos passados com sua família, filhos e marido, época em que a casa era cheia. Os homens, por sua vez, resgatam de seu passado o trabalho, que os define como produtivos e provedores.

Quanto às principais dificuldades enfrentadas nesse período da vida, a maioria dos entrevistados menciona o desafio de superar ou aprender a lidar com as limitações físicas. Contudo, além dessas limitações, surgem queixas sobre a ausência de vida social – como assinalam Aldir, que a atribui a obrigações familiares, como cuidar da neta e da mãe, e Francisco, que a atribui à aposentadoria, à morte dos amigos, ao distanciamento de familiares e à discriminação social. Também é apontado o surgimento de medos e receios, como o de incapacitações físicas e mentais e, em especial pelas mulheres, o de sair sozinha após uma certa hora do dia.

As vantagens do envelhecimento são apontadas com reserva. A principal delas é a sabedoria, resultado de uma longa experiência de vida que permite maior compreensão de si mesmo e mais tolerância em relação às coisas e aos outros. Mas, no mundo atual de alta tecnologia e de rápida obsolescência de conhecimentos, Iraci questiona o valor da experiência vivida dos mais velhos, que tem seu lugar numa vida extinta, num passado que se esvai, a não ser pelo esforço de pessoas como Elen, que se dedica a escrever um livro de memórias sobre sua família, não sem a insegurança de que ninguém se interessará em lê-lo.

A sociedade atual, segundo os entrevistados, reserva aos velhos pobres e doentes um sentimento de desprezo, indiferença, discriminação, maus tratos e marginalização. Aos idosos com melhor condição financeira e de saúde, a sociedade destina hoje maiores oportunidades de inserção social, além de recursos médicos cada vez mais avançados, o que permite maior longevidade e qualidade de vida. Elen, Nair e Gilda mencionam ainda o privilégio de as mulheres envelhecerem na atualidade, usufruindo de liberdade relativamente maior do que a das mulheres idosas de décadas atrás. Para elas, as mulheres, casadas ou viúvas, podem, hoje em dia, sair sozinhas sem serem discriminadas.

Apesar de afirmar que a sociedade contemporânea oferece mais oportunidades de lazer para as pessoas idosas, a maioria afirma passar seu tempo livre em casa, escrevendo livros, costurando, esculpindo, consertando coisas. Limitações físicas, medo da violência, falta de companhia – por viuvez ou por restrição do círculo de amigos – são algumas das justificativas apontadas para se manterem em suas casas.

Na esfera privada, as relações familiares se alteram. A saída dos filhos e a morte de parentes esvaziam a casa e trazem um sentimento de solidão e desamparo, como afirmam Elen, Leonel, Iraci, Edna, Ester, Francisco e Aldir.

O crescimento dos filhos é experimentado de diferentes formas. Para Nair, por exemplo, isto surge como uma espécie de libertação. Sobram mais tempo e dinheiro para si. Ioná vê nos filhos crescidos maior condição de amparo e preenchimento de suas necessidades. Entretanto, para Ester, Leonel, Gilda e Mauro, a independência dos filhos implica numa perda de influência sobre a família. Para Edna e Francisco, o resultado é um conflito de valores entre as gerações. E, enquanto Gilda se queixa de que os netos crescidos não precisam mais de seus cuidados, Aldir e Nair queixam-se de ter que abrir mão de si para cuidar da neta pequena.

A aposentadoria própria ou do cônjuge também desperta posturas variadas. Para alguns, é experimentada de forma negativa, como é o caso de Ester e Francisco. Ester, que jamais trabalhou fora, vivenciou a aposentadoria do marido como uma restrição social, pois diminuíram os convites dos colegas de trabalho para eventos e confraternizações. Francisco vivencia sua aposentadoria como o fim de um período em que se sentia útil e reconhecido.

Contudo, outros vêem este momento como época de libertação, quando é possível, enfim, realizar atividades há muito tempo almejadas. Este é o caso de Leonel, Elen, Iraci, Nair e Aldir. Para o casal Nair e Aldir, a aposentadoria os libertou de um trabalho exaustivo. Aldir aposentou-se antes da esposa. Enquanto Nair trabalhava, ele assumia as tarefas domésticas com satisfação. Tudo transcorria sem muitos conflitos, até que ela também se aposenta e retoma as tarefas de casa. Aldir perde espaço, mas logo ocupa-se de pequenos consertos. Sente-se útil, mas não devidamente reconhecido. Nair, por sua vez, assume as tarefas domésticas sem que isso prejudique passeios e viagens de que tanto gosta e que, somente agora, aposentada e com os filhos crescidos, pode realizar.

O casal Mauro e Gilda também dá um sentido negativo à aposentadoria. Ele se despede do trabalho lamentando-se e substitui a atividade profissional por uma atividade artística. Ela se queixa de que a presença intensa do marido em casa lhe trouxe uma sensação de invasão de espaço. Esta não é uma queixa de Ioná, que afirma que o marido, ao se aposentar, continua a não se envolver nas tarefas de casa.

Diante do exposto, pode-se observar que a conotação negativa conferida ao envelhecimento é uma constante nas falas dos entrevistados. Mas eventos específicos associados a essa fase da vida são interpretados de formas específicas e geram posturas particulares, que vão desde lamentação, medo, amargura, frustração, combate e fuga a posturas de aceitação, superação e compensação de perdas através de novas aquisições.

Essa variedade de posturas é possível porque, apesar de a velhice se objetivar no encadeamento de fatos reais, estes são recobertos de fantasias e expectativas diversas, que regem a história pessoal e se transformam ao longo de toda a vida.

No processo de envelhecimento, a vida, em sua aproximação com a morte, conserva seu valor. Em vez de acolher melancolicamente a velhice ou ocupar-se maniacamente de atividades, o sujeito ressignifica sua velhice. Torna-se, assim, capaz de reinventar-se. Aceita existir de modo diferente de sua juventude, fortalecendo-se com doces lembranças e motivando-se com o legado que deixa e através do qual se torna eterno.

Mas essa tarefa não é de cada um, individualmente, apenas. É também responsabilidade de todos nós. E não basta ressignificarmos a velhice, mas repensarmos os discursos e saberes que orientam nossas relações e a construção de nossa identidade. É preciso ressignificar a própria vida, do nascimento até a morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Nunca dê um nome a um rio:
Sempre é outro rio a passar.*

*Nada jamais continua,
Tudo vai recomeçar!*

Mário Quintana *

O envelhecimento se dá conforme o ritmo biológico que nos conduz, ininterruptamente, do nascimento à morte. Contudo, ele só pode ser compreendido através dos fenômenos sociais e históricos que lhe conferem os significados próprios a um lugar e a uma época determinados e é experimentado por meio de recursos subjetivos subjacentes ao desenvolvimento da biografia de cada pessoa.

À luz da interdisciplinaridade – necessidade epistemológica fundamental deste estudo – e com base em uma abordagem psicossocial do sujeito, procederam-se os encontros com os idosos. Os indivíduos entrevistados são contemporâneos e, portanto, constituem uma geração sujeita a influências semelhantes. Pertencendo a uma mesma geração, têm em comum uma posição determinada no processo social e histórico que os predispõe a um certo modo característico de pensamento e experiência. Mas não se trata de um pensamento absoluto ou de uma experiência única compartilhados. Cada geração está exposta a tendências mutuamente antagônicas – tradicionais e inovadoras. Tais tendências apontam para um fluxo de distintas significações que conferem singularidade a

* Fragmento do poema *Canção do dia de sempre*, extraído do site <http://www.fabiorocha.com.br/mario.htm>

toda a existência, transformando o encontro com cada idoso um momento bastante peculiar.

Nos encontros realizados, os dizeres - explícitos e implícitos, em suas diferentes formas e funções - fazem emergir a complexidade de histórias de vida inseridas na história de uma coletividade na qual a velhice é negativamente representada, mas cujas possibilidades de ser e agir diante do próprio envelhecer se multiplicam.

Apesar da submissão a um discurso hegemônico que os antecede e que orienta as percepções que têm de si, o envelhecimento é, por obra do imaginário, desdobrado num processo subjetivo. Assim, a fala dos velhos se produz em um movimento de submissão e autonomia.

Escutando as vozes dos velhos, este estudo pretendeu refletir sobre o envelhecimento na sociedade contemporânea. Esta reflexão conduz a um questionamento ético. Somos desafiados a rever os sentidos de nossas falas e, a partir de então, a assumir a responsabilidade de promover práticas discursivas e sociais mais amplas que visem à melhoria das condições biopsicossociais futuras na idade avançada.

Tal responsabilidade nos remete a uma análise acerca da sustentabilidade do desenvolvimento de nossa sociedade, chamando para o centro de nossas preocupações o ser humano.

Esse enfoque implica na construção da solidariedade, no sentido de alavancar atitudes científicas, culturais e políticas globais. Como consequência, a ação solidária pode levar o idoso a se tornar protagonista de sua própria história, com a co-participação de toda a sociedade.

A solidariedade se torna possível na medida em que vivemos em uma sociedade complexa que suporta formas híbridas de práticas sociais que tratam dos ciclos de vida. Ao lado do aparato individualista, surgem formas de representação e vivência da

velhice mais holistas. Esta coexistência de tendências contraditórias intensifica-se em nossa sociedade, que se complexifica progressivamente, e permite, assim, negociações entre uma visão estigmatizadora da velhice e outra que se opõe a esse estigma. Faz-se necessário reforçar esta segunda visão.

Acredito ser possível, a partir do reconhecimento da diversidade sociocultural no mundo contemporâneo, compreender e aceitar distintas formas de atravessar o processo de envelhecimento. E aos que afirmam ser utópica esta crença, recorro a Mário Quintana* e respondo-lhes:

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!

* Poema *Das Utopias*, extraído do site <http://www.fabiorocha.com.br/mario.htm>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Affiune, A. (2006) Envelhecimento cardiovascular. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 396-401). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Alho, C. S. (2006) Genética Molecular e Envelhecimento. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 23-34). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Ariès P. (1981) *História social da criança e da família* (D. Flaksman, Trad.). 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Bakhtin, M.(1977) *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Minuit.

Bauer, M. E. (2006) Papel do estresse e dos hormôniosna imunossenescência humana. .Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 35-39). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Bauman, Z. (1999) *Modernidade e ambivalência* (M. Penchel, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Beauvoir, S. de (1990) *A velhice* (M. H. F. Martins, Trad.). 4.reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bergen, K. (1999) Vivência e finitude: anotações de um velho estudante. Em L. Py. (Org.) *Finitude: uma proposta para reflexão e prática em Gerontologia* (pp. 31-44). Rio de Janeiro: NAU.

Berger, P. & Luckmann, T. (1973) *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.

Biasoli-Alves, Z. M. (1998) A Pesquisa Psicológica – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. Em G. Romanelli & Z. M. Biasoli-Alves (Orgs.) *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa* (pp. 135-158). Ribeirão Preto: Legis Summa.

Birman, J. (1995) Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade. Em R. Veras e cols (Orgs) *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro* (pp. 29-48). Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UnATI/UERJ.

Bosi, E. (1987) *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: TA. Queiroz/EDUPS.

Bourdieu, P. (1983) A juventude é apenas uma palavra (J. Vaitsman, Trad.). Em P. Bourdieu. *Questões de sociologia* (pp. 112-121). Rio de Janeiro, Marco Zero.

Bourdieu, P. (1989) *O poder simbólico* (F. Tomaz, Trad.). Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil.

Bourdieu, P. (1996) *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer* (S. Miceli

et al, Trad.). São Paulo: EDUSP.

Brandão, H. H. N. (1994) *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

Butler, R. N. (1969) Age-ism: another form of bigotry. *The Gerontologist*, n. 9, 243-246.

Camarano, A. A. (2006) Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 88-104). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Cançado, F. A. X. & Horta, M. de L. (2006) Envelhecimento cerebral. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 194-211). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Canclini, N. G. (1998) *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP.

Carvalho, F. J. W. (2006) Envelhecimento do aparelho urinário. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 690-693). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Chaimowicz, F. (2006) Epidemiologia e o envelhecimento no Brasil. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 106-128). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Couto, A. L. A. (1999) *Velhice? Velhices! – O discurso geriátrico enquanto construção humanista*. Monografia, Instituto de Psicologia/UFRJ, Rio de Janeiro.

Couto, A L. A. (2003) *Reconstruções do dizer: um estudo psicossocial da velhice através da análise de discursos de geriatras*. Dissertação de Mestrado, Programa EICOS/UFRJ, Rio de Janeiro.

Debert, G.G. (1988) Envelhecimento e representações da velhice. *Ciência Hoje*, 8 (44), 62-68.

Debert, G.G. (1999) *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP/Fapesp.

Doll, J. (2006) O campo interdisciplinar da gerontologia. Em L. Py e cols (Orgs.) *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais* (pp. 77-96). 2 ed. Holambra/SP: Setembro.

Enriquez, E. (1983) Lê Lien Groupal. *Bulletin de Psychologie*. Tomo XXXVI, n 360, 631- 637.

Enriquez, E. (1994) O papel do sujeito na dinâmica social. Em A. Levy e cols. (Org.) *Psicossociologia: análise social e intervenção* (pp. 24-40) Petrópolis, RJ: Vozes.

Erikson, E. H. (1982) *The life cycle completed. A review*. Nova York: W. W. Norton.

Fairclough, N. (2001) *Discurso e mudança social* (I. Magalhães, Coord. Trad.). Brasília: Universidade de Brasília.

Ferrarotti, F. (1983) *Histoire et Histoires de Vi: le méthode biographique dans les sciences sociales*. Paris: Librairie des Méridiens.

Ferrioli, E., Moriguti, J. C. & Lima, N. K. da C. (2006) Envelhecimento do aparelho digestório. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 636-639). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Foucault, M. (1972) *A arqueologia do saber* (L. F. B. Neves, Trad.). Petrópolis: Vozes, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro.

Foucault, M. (1987) *O nascimento da clínica* (R. Machado, Trad.). 3.ed. Rio de Janeiro: Forense: Universitária.

Foucault, M. (1995) O sujeito e o poder. Em H. Dreyfus & P. Rabinow. *Michel Foucault – uma trajetória filosófica* (V. P. Carrero, Trad.). Rio de Janeiro: Forense, pp. 231-249.

Foucault, M. (1996) *A ordem do discurso* (L. F. de A. Sampaio, Trad.). 3.ed. São Paulo: Loyola.

Freire, P. (1998) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, S. A. (2006) A personalidade na velhice: estabilidade e mudança. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 1260-1265). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Freitas, E. V. & Miranda R. D. (2006) Parâmetros clínicos do envelhecimento e avaliação geriátrica ampla Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 900-908). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Fridman, L.C. (2000) *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Garcez Leme, L. E. (1996) A Gerontologia e o problema do envelhecimento. Visão histórica. Em M. Papaléo Netto (Org.) *Gerontologia* (pp. 13-25) São Paulo: Atheneu.

Goffman, E. (1988) *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (M. B. M. L. Nunes, Trad.) 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara.

Goldenberg, M. (2004) *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.

Goldman, S. N. (2001) Aposentadoria e pobreza: algo em comum? Em S. N. Goldman & S. Paz (Orgs.) *Cabelos de neon* (pp. 13-31). Niterói, RJ: Talento Brasileiro.

Gomes, F. A. (2000) *À Vida, à História: narrativas da Sociedade Brasileira de Geriatria*

e Gerontologia. Rio de Janeiro: SBGG.

Gorzoni, M. L. & Russo, M. R. (2006) Envelhecimento respiratório. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 596-599). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Groisman, D. (1999) Velhice e história: perspectivas teóricas. *Cadernos IPUB*. 2 ed. Instituto de Psiquiatria/UFRJ, n 10, 43-56.

Groisman, D. (2002) A velhice, entre o normal e o patológico. *História, Ciência, Saúde*. 9 (1), 61-78.

Hall, S. (2000) *A identidade cultural na pós-modernidade* (T. T. da Silva e G. L. Louro, Trad.). 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A.

Japiassu, H. (1976) *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.

Jeckel-Neto, E. A. & Cunha, G. L. da. (2006) Teorias biológicas do envelhecimento. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 13-22). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Lemos, N. & Medeiros, S. L. (2006) Suporte social ao idoso dependente. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 1227-1233). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Liberman, S. (2006) Envelhecimento do sistema endócrino. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 758-764). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Lins de Barros, M. M. (2006) Envelhecimento, cultura e transformações sociais. Em L. Py e cols. (Orgs.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais* (pp. 39-56). Holambra/SP: Setembro.

Mariani, B. (2003) Subjetividade e imaginário lingüístico. *Linguagem em (Dis)curso*. Vol. 3, em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0303/04.htm>.

Minayo, M. C. (1994) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Morin, E. (1991) *Introdução ao pensamento complexo* (D. Matos, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget.

Moscovici, S. (1990) *A máquina de fazer deuses* (M. L. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Nasciutti, J. R. (1996) Reflexões sobre o espaço da psicossociologia. *Série Documenta*. Ano IV (7), 51-58.

Neri, A. L. (2006) Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 58-75). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Novaes, M. H. (2000) *Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias*. 2.ed. amp. Rio de Janeiro: NAU.

Orlandi, E. P. (1983) *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense.

Orlandi, E. P. (1990) *Terra à vista: o discurso do confronto – velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, Campinas: Editora da Unicamp.

Ortiz, R. (1986) *Cultura brasileira e identidade nacional*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense.

Papaléo Netto, M. (2006) O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 2-12). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Paz, S. (2001) O trabalho (des)humano e suas conseqüências na aposentadoria e na velhice. Em S. N. Goldman. & S. Paz (Orgs). *Cabelos de neon* (pp. 32-47). Niterói, RJ: Talento Brasileiro.

Paz, S. & Goldman, S. N. (2006) O Estatuto do Idoso. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 1402-1410). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara

Koogan.

Pêcheux, M. (1997) *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (E. P. Orlandi, Trad.). 3. ed. Campinas : Editora da Unicamp.

Pedro, R. (1997) Tecnologia e complexidade: uma reflexão sobre a cultura contemporânea. *Série Documenta*. Ano VI (8), 71-95.

Peixoto, C. (2000) Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... Em M. M. L. de Barros. (Org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política* (pp. 69-84). 2ed. Rio de Janeiro: FGV.

Pinto, M. J. (1999) *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hackers.

Preuss, M. R. G. (1996) Violência simbólica: dimensões psicossociológicas. *Série Documenta*. Ano IV (7), 59-64.

Py, L. (1999) *Testemunhas vivas da história*. Rio de Janeiro: NAU.

Py, L. & Trein, F. (2006) Finitude e infinitude: dimensões do tempo na experiência do envelhecimento. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 1353-1359). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Ricoeur, P. (1977) *Interpretação e ideologias* (H. Japiassu, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Rocha-Coutinho, M. L. (1995) Educação e violência simbólica: a exclusão social nas megacidades. *Revista TB*. 120 (25/34), .25-34.

Rocha-Coutinho, M. L. (1998) A análise do discurso em Psicologia: algumas questões, problemas e limites. Em L. de Souza; M. de F. Q. de Freitas; M. M. P. Rodrigues (Orgs.). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes* (PP. 317-345). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rodrigues, N. C. e Rauth, J. (2006) Os desafios do envelhecimento no Brasil. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 186-191). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Romanelli, G. (1998) A entrevista antropológica: troca e alteridade. Em G. Romanelli & Z. M. Biasoli-Alves (Orgs.) *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa* (pp. 119-133) Ribeirão-Preto: Legis-Summa.

Rossi, E. e Sader, C. S. (2006) Envelhecimento do sistema osteoarticular. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 792-796). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Santos, M. S. (2001) *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 5.ed. Rio de Janeiro: Record.

Schiffrin, D. (1996) Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. *Language in Society* (pp. 167-202). Cambridge: University Press.

Seminério, F. P. (1991) Conflitos existenciais na terceira idade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 43(.1/2), 05 –11.

Seminério, F. (1999) Existência e finitude. Em L. Py (Org.) *Finitude: uma proposta para reflexão e prática em Gerontologia* (pp. 21-30). Rio de Janeiro: NAU.

Sharfstein, E. A. (2006) A identidade na velhice mediada pela ação do discurso. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 1289-1294). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Silvestre, J. A. e cols. (1996) O envelhecimento populacional brasileiro e o setor saúde. *Arquivos de Geriatria e Gerontologia*. 0 (1), 81-89.

Simões, J. A. (2000) “A maior categoria do país”: o aposentado como ator político. Em M. M. Lins de Barros (Org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política* (pp. 13-34). 2.ed. Rio de Janeiro: FGV.

Souza, P. (2003) Resistir, a que será que se resiste? O sujeito fora de si. *Linguagem em (Dis)curso*. Vol. 3, em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0303/04.htm>.

Touraine, A. (1999) *Poderemos viver juntos?* (J. A. Clasen e E. F. Alves, Trad.) Petrópolis: Vozes.

Trein, F. (1993) Preconceitos. *Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia -RJ- Jornadas* (p. 61). Rio de Janeiro: Edição sob o patrocínio da LIBBS Farmacêutica.

Trein, F. (1996) Uma contribuição para a crítica. Em L. Py. *Projeto de Valorização do Envelhecer*, pp. 35-42.

Tucherman, I. (1999) *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Veja.

Veiga, A. M. V. da. (2006) Imunidade e envelhecimento. Em E. V. de Freitas e cols. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 846-854). 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Velho, G. (1981) *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.

Wacquant, L. (1998) A black city within the white': revisiting America's dark ghetto, *Black Renaissance* 2(1), Outono/Inverno, 141-151.